

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Processos Psicossociais

Erilda Jovanina da Silva

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CAMPO AMOROSO
NA PSICANÁLISE FREUDIANA

Belo Horizonte

2020

Erilda Jovanina da Silva

**CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CAMPO AMOROSO
NA PSICANÁLISE FREUDIANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais para obtenção de título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cristina Moreira Marcos

Área de concentração: Processos Psicossociais

Belo Horizonte

2020

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

S586c Silva, Erida Jovanina da
Considerações acerca do campo amoroso na psicanálise freudiana / Erida Jovanina da Silva. Belo Horizonte, 2020.
109 f.

Orientadora: Cristina Moreira Marcos
Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Psicanálise. 3. Amor. 4. Libido. 5. Narcisismo. I. Marcos, Cristina Moreira. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III Título.

CDU: 159.964.26

Ficha catalográfica elaborada por Renata Diniz Guimarães de Oliveira - CRB 6/2646

Erilda Jovanina da Silva

**CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CAMPO AMOROSO
NA PSICANÁLISE FREUDIANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais para obtenção de título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cristina Moreira Marcos
Área de concentração: Processos Psicossociais

Prof^a. Dr^a. Cristina Moreira Marcos – PUC Minas (Orientadora)

Prof. Dr. Júlio Eduardo de Castro – UFSJ (Banca Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Jacqueline de Oliveira Moreira – PUC Minas (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 03 de Março de 2020.

Aos meus amores.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão da bolsa de estudos, o que tornou a realização desse trabalho possível.

Agradeço aos meus pais e irmãos (as) pelo amor, apoio e incentivo de sempre.

Agradeço à Bárbara pelo incentivo e suporte durante minha jornada; por trazer leveza para os dias difíceis.

Agradeço aos meus amigos por me ampararem nos momentos de dificuldade e suportarem as minhas ausências.

Agradeço aos colegas da pós, em especial à Mariana, colega de orientação, com quem compartilhei avanços, retrocessos e aflições. Pelas trocas de conhecimento e afeto.

Agradeço ao meu ex-professor e amigo, Éser Pacheco, por acreditar na minha capacidade e incentivar a continuidade dos estudos.

Agradeço aos professores do Programa de pós-graduação da Puc Minas pelas contribuições teóricas.

Agradeço ao professor Júlio Eduardo e à professora Jacqueline Moreira, por aceitarem o meu convite para avaliação do meu trabalho; pelas contribuições, valorosas e cuidadosas, feitas na qualificação.

Agradeço à minha orientadora, professora Cristina Marcos, por me acompanhar nesse percurso; por contribuir no meu desenvolvimento acadêmico; por suportar minhas angústias e paralisações que ocorreram no processo e, por sempre trazer calma nos momentos de insegurança.

“um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar” (FREUD, [1914c]/1996, v.14, p.92).

RESUMO

A pesquisa que se segue tem como tema o fenômeno amoroso na psicanálise freudiana. Trata-se de uma pesquisa de cunho teórico que se utilizou da pesquisa bibliográfica como método investigativo. Buscamos apresentar sob quais aspectos o fenômeno do amor é tratado nesse campo de estudo. Dessa maneira, temos como objetivo geral realizar um exame sobre as nuances do fenômeno amoroso nas construções freudianas. Para tanto, o presente estudo percorreu alguns dos mais importantes textos de Freud, salientando a abordagem dada ao campo amoroso. Desse percurso demonstramos que o psicanalista realizou uma subversão no campo do amor ao apresentar o mesmo a partir do ponto de vista científico. Em seguida, acompanhamos o desenvolvimento da teoria da libido a fim de mapear as facetas/modalidades do amor na obra. Ao descrever a evolução da teoria libidinal e as mudanças ocorridas a partir da introdução do termo „narcisismo“ destacamos as modalidades do amor narcísico e amor anaclítico. Por fim, discutimos acerca da economia libidinal, estabelecemos uma leitura que teve como eixo norteador aspectos sociais decorrentes da evolução do capitalismo. Ao tomar esse aspecto e de posse da construção freudiana acerca do fenômeno amoroso encontramos apoio para fazer algumas observações acerca da economia psíquica do amor na contemporaneidade, visto que o momento atual é marcado por um capitalismo de consumo.

Palavras-chave: Amor; psicanálise freudiana; libido; narcisismo.

ABSTRACT

The following research has as its theme the loving phenomenon in Freudian psychoanalysis. The theoretical research adopted the bibliographic examination as the investigative method. We sought to present under which aspects the loving phenomenon is treated in this field of the study. In this way, our general objective is to carry out an examination of the nuances of the loving phenomenon in Freudian constructions. Therefore, the present study passed through some of the most important Freud's texts, highlighting the approach given to the loving field, from this path we demonstrated that the psychoanalyst launched a subversion in the field of love by presenting it through the scientific point of view. Afterward we followed the evolution of the libido theory, in order to map the facets / modalities of love in the work. We highlighted the modalities of narcissistic love and anaclitic love by describing the evolution of libidinal theory and the changes that have occurred since the introduction of the term 'narcissism'. Finally, we deliberated about the libidinal economy and established a reading that had as axis the social aspects of the evolution of capitalism. Meanwhile taking this aspect and in possession of the Freudian construction about the loving phenomenon, we found support to make some observations about the psychic economy of love in contemporary times, since the current moment is marked by consumer capitalism.

Keywords: Love; Freudian psychoanalysis; libido; narcissism.

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1 INTRODUÇÃO | 17 |
| 2 A SUBVERSÃO FREUDIANA DO AMOR: O AMOR NO CAMPO DO SABER | 22 |
| 2.1 A ESCUTA DAS HISTÉRICAS | 22 |
| 2.1.1 <i>Um fragmento histórico: a importância da histeria no surgimento da Psicanálise</i> | 22 |
| 2.1.2 <i>Freud e a histeria</i> | 24 |
| 2.1.3 <i>O amor nos casos clínicos de histeria</i> | 27 |
| 2.2 A TRANSFERÊNCIA | 32 |
| 2.2.1 <i>A transferência amorosa</i> | 39 |
| 2.3 SEXUALIDADE, ÉDIPO E AMOR..... | 42 |
| 2.3.1 <i>A teoria da sexualidade infantil</i> | 42 |
| 2.3.2 <i>O complexo de Édipo</i> | 45 |
| 2.3.3 <i>O referencial edípiano nas relações</i> | 48 |
| 3 AS FACETAS DO AMOR (OU SOBRE A TEORIA DA LIBIDO) | 52 |
| 3.1 SOBRE O CONCEITO DE LIBIDO | 52 |
| 3.1.1 <i>Desenvolvimento psicosexual: um percurso da libido</i> | 55 |
| 3.1.2 <i>A oposição entre libido e instintos de preservação</i> | 59 |
| 3.2 LIBIDO E O CONCEITO DE NARCISISMO | 61 |
| 3.2.1 <i>As primeiras elaborações sobre o narcisismo</i> | 61 |
| 3.2.2 <i>1914: o ponto de inflexão da teoria pulsional</i> | 65 |
| 3.3 SOBRE AS MODALIDADES DE AMOR | 69 |
| 3.3.1 <i>Investimento libidinal (sobre a escolha objetal)</i> | 69 |
| 3.3.2 <i>Mais algumas considerações</i> | 74 |
| 3.3.3 <i>O amor como tentativa de resposta ao desejo</i> | 76 |
| 4 SOBRE A ECONOMIA LIBIDINAL: RESSONÂNCIAS | 79 |
| 4.1 O ASPECTO ECONÔMICO DO FUNCIONAMENTO PSÍQUICO | 80 |
| 4.2 ACERCA DE ALGUMAS MUDANÇAS SOCIAIS | 86 |
| 4.2.1 <i>Uma leitura sociológica</i> | 86 |
| 4.2.2 <i>Um olhar da psicanálise</i> | 91 |
| 4.3 OBSERVAÇÕES SOBRE O AMOR NA ÉPOCA DO CAPITALISMO AVANÇADO | 94 |
| 5 CONCLUSÃO | 102 |
| REFERÊNCIAS | 106 |

1 INTRODUÇÃO

O campo da psicologia, psicanálise, é um campo que nos oferece as mais diversas e profundas nuances, visto que trabalha com pessoas e essas nos oferecem diariamente uma grande, e complexa, vastidão de pensamentos, comportamentos e emoções, sejam conscientes ou não. Ser um estudioso e trabalhar nessa área exige estudo e formação constantes, pois os sujeitos e as relações entre eles se modificam incessantemente.

Cada momento histórico e social apresenta uma diversidade de questões e problemas no que concerne aos relacionamentos humanos, quaisquer que sejam a modalidade de relação. Estudos de cunho sociológico nos mostram que, da década de 50 em diante, as mudanças têm acontecido cada vez de forma mais acelerada, principalmente a partir do momento da criação do computador. É inegável também que o capital tem uma contribuição de extrema relevância nessas mudanças sociais. Bauman (2008) nos mostra, com grande mestria, as modificações ocorridas e a relação dessas com o desenvolvimento do capitalismo. Acreditamos que, assim como Freud¹ descreveu algumas vezes em seus textos, o contexto social influencia diretamente na dinâmica psíquica dos sujeitos inscritos nesse. Logo, toda observação acerca de algum fenômeno deve considerar o contexto histórico e social em que é analisado.

Situamos que o desejo de realização dessa pesquisa surgiu, principalmente, a partir da prática clínica realizada em consultório desde o ano de 2012, onde foi possível acompanhar sujeitos e seus questionamentos em relação ao fenômeno amoroso. Questões essas que perpassavam os mais diversos relacionamentos (trabalho, amizade, amoroso-sexual, etc), e as mais diversas questões no que se refere ao tema do amor: a não durabilidade das relações; o sentimento de que não é importante para o outro, que é mero objeto; a angústia de não conseguir manter uma relação por não conseguir estabelecer um vínculo afetivo duradouro. Era perceptível a maneira com que muitos se lançavam desesperadamente aos relacionamentos consecutivos marcados pelo vazio, pela individualidade e competição entre os pares, pela fragilidade dos laços, dentre tantas outras características das relações atuais².

Ao me questionar sobre esses assuntos, percebi a necessidade de aprofundar meus conhecimentos a esse respeito. Como é a Psicanálise que orienta minha prática clínica, escolhi essa área de estudo para orientar minha pesquisa. Mais do que discorrer sobre as relações no

¹ Remetemos ao texto “O mal-estar na civilização” de 1930.

² Essa discussão se encontra nos livros de Lipovetsky “A era do vazio”, “Os tempos hipermodernos”; e nos livros de Zygmunt Bauman “Modernidade líquida”, “Amor líquido”.

contemporâneo, pareceu mais urgente compreender as nuances do campo³ amoroso na psicanálise. Para essa, especificamente, o tema do amor é muito caro. Perpassa toda a obra psicanalítica, não só a freudiana. Desde os anos iniciais da construção da psicanálise, o tema do amor sempre fez questão: seja nas queixas trazidas pelos pacientes; seja no teor amoroso que emergia da fantasia dos pacientes em relação à pessoa do médico/analista (*Transferência*), sendo que esse último ponto elucidado tornou-se imprescindível ao trabalho do analista.

Em se tratando da especial relação que surge a partir da prática clínica, é importante ressaltar que, como nos mostra a história da psicanálise, ela já acontecia. O fato novo, nos trabalhos de Freud, foi que o psicanalista não recuou diante dessa manifestação amorosa, pelo contrário, utilizou-se dela como pilar de sustentação de seu trabalho. O fenômeno amoroso tornou-se então imprescindível no desenvolvimento da psicanálise, e mais do que isso, Freud nos mostrou que o amor, nas suas mais diversas manifestações, nos oferece um fator de enfrentamento ao adoecimento. Busquemos em Freud tal observação: “um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar” (FREUD, [1914c]/1996, v.14, p.92). Percebemos então o quanto o tema do amor é importante na psicanálise. Devido a isso que avaliamos ser preciso conhecer as nuances desse campo.

Expondo de forma mais clara então: o tema desse trabalho se assenta sobre o campo do amor. O substantivo amor, em suas diversas compreensões, encontra-se presente nas mais variadas formas de linguagem estabelecida na sociedade, dentre elas: a literatura; a filosofia e a religião; o cinema e a música; as ciências; nos encontros furtivos que se dão despreziosamente, assim como na psicanálise. O amor é uma questão que perpassa toda a vida do sujeito, sendo assim, torna-se um tema central. Estar atentos a isso é fundamental para atender esses sujeitos.

Certamente, escolher tratar sobre as questões do amor na psicanálise, requer alguns recortes. Ao longo dos anos, desde seu surgimento, acumulou-se uma enorme quantidade de estudo dessa teoria; diversos estudiosos; e uma quantidade infinita de formas de abordar esse fenômeno. Dessa maneira, elegemos a psicanálise freudiana, não somente por afinidade com o

³ Optamos pela junção “campo amoroso” para descrever as nuances relativas ao tema do amor, por acreditarmos que campo ultrapassa o fenômeno. Fenômeno está relacionado à *Transferência*. Acreditamos que “campo” seja uma escolha mais adequada por considerarmos que o tema do amor é perpassado por diversos outros conceitos importantes e formado por diversos componentes.

autor, mas também por ter sido ele o criador da psicanálise. Nosso objetivo então é realizar um exame sobre as nuances do campo amoroso na psicanálise freudiana.

A metodologia escolhida na investigação foi a da pesquisa teórica de cunho bibliográfico. Realizamos um aprofundamento e exploração dos textos freudianos que tratam do fenômeno amoroso buscando responder à questão levantada acerca das nuances desse campo. Ressaltamos que, nessa pesquisa, não coube nenhuma hipótese especulativa.

O primeiro capítulo dessa dissertação se dedicou às primeiras construções freudianas, objetivando demonstrar o caráter subversivo de Freud em relação ao fenômeno amoroso. Para tanto apresentamos o encontro de Freud com a histeria. Ao longo do desenvolvimento desse percurso, tornou-se importante discorrer sobre o amor suscitado dos casos clínicos de Freud, o que nos encaminhou para temas que têm uma relação intrínseca com o fenômeno amoroso.

Ao abordar a temática da *transferência* amorosa, apresentamos que a mesma surge no desenvolvimento da psicanálise como ferramenta indispensável ao processo analítico. Importante destacar que, essa modalidade de amor, é descrita por Freud não como algo que é criado no tratamento analítico, mas que o próprio tratamento a revela (Freud, [1905a]/1996). Freud então, ao se deparar com essa manifestação de amor, buscou estudá-la e compreendê-la. Dessa maneira, o percurso que fizemos, foi no intuito de demonstrar que Freud trata do tema do amor sob a ótica da ciência. Ao estudar o caráter amoroso das queixas das histéricas, bem como do amor suscitado na análise, Freud apresentou um tratamento rigoroso ao tema.

Em decorrência de seu profundo estudo desse campo, o psicanalista se deparou com o fato de que: as vivências amorosas da vida adulta são reedições da experiência amorosa na infância, levando-o a discorrer sobre aspectos relacionados à sexualidade e à vivência edípica nas relações. Nesse primeiro capítulo também acompanhamos essas descobertas, sempre visando apontar a subversão de Freud no que se refere ao tratamento do fenômeno amoroso a partir do ponto de vista científico.

Posteriormente, e buscando responder ao objetivo de mapear as facetas do amor em Freud, optamos por realizar tal tarefa a partir da teoria da libido. Logo, o segundo capítulo é dedicado à construção da teoria da libido e, certamente à mudança da primeira teoria pulsional para a segunda. Em um primeiro momento discorreremos sobre a conceituação de libido na psicanálise freudiana, esclarecendo a oposição entre libido e instintos de autoconservação (autopreservação). Todavia, o ponto central de discussão desse segundo capítulo localiza-se na discussão do *Narcisismo*. Apresentamos as primeiras aparições do termo na teoria, para então alcançarmos o texto que se tornou o “divisor de águas” no estudo do desenvolvimento psicosexual. A partir do ensino freudiano, principalmente com o advento de seu trabalho

intitulado “Sobre o narcisismo: uma introdução” publicado em 1914 surge a questão de que o Eu é sexualizado – recebe investimento libidinal.

A introdução do *Narcisismo*, enquanto uma fase intermediária do desenvolvimento provocou uma nova oposição, visto que o Eu passou a ser objeto de investimento libidinal, dessa maneira, a nova oposição que se instaurou passou a ser entre libido do Eu e libido de objeto.

Sinalizamos o que Freud expôs diversas vezes: que é preciso sair do narcisismo para não adoecer, ou seja, é preciso amar, se direcionar aos objetos. Após essa discussão entre essa nova oposição, versamos sobre as duas modalidades de amor a partir da escolha de objeto: amor narcísico e amor anaclítico, sendo que essas duas modalidades coexistem, mas cada sujeito tenderá a uma dessas escolhas.

Por fim, encerramos a discussão versando acerca do amor como tentativa de responder ao desejo, o que equivale dizer que, diante da falta estrutural, há um apelo ao amor, para que esse preencha essa falta. É importante ressaltarmos que a leitura dos textos freudianos nos possibilitou arguir sobre o fato de que o amor não sutura essa falta, mas é imprescindível à vida humana.

A discussão da teoria da libido nos encaminhou para nosso terceiro e último capítulo da dissertação. Optamos por apresentar uma discussão sobre a economia libidinal, visto que nosso objetivo foi realizar algumas observações sobre a economia do amor na contemporaneidade marcada por um capitalismo de consumo. É fundamental dizer que utilizamos o ponto de vista econômico da teoria freudiana para sustentar essas observações.

Por fazermos usos do ponto de vista econômico, tentamos estabelecer uma discussão pelo viés do capital/dinheiro, considerando que esse marca a organização social da contemporaneidade. Sendo assim, após versarmos sobre o aspecto econômico do funcionamento psíquico, utilizamos autores do campo da sociologia para descrevermos sobre algumas características da sociedade contemporânea. Apresentamos também algumas observações de estudiosos contemporâneos, que fazem uma leitura psicanalítica do contexto social.

Para finalizar o capítulo realizamos uma discussão sobre a economia psíquica do amor na contemporaneidade, sempre sustentados pela teorização freudiana. Buscamos estabelecer essa leitura utilizando dos conceitos freudianos aqui tratados. Gostaríamos de salientar que essa parte final buscou apresentar questionamentos que nos oriente para a necessidade de futuros estudos.

Esperamos que este estudo possibilite uma compreensão do campo amoroso, sustentada nessa leitura da psicanálise freudiana, e ainda uma reflexão sobre a prática clínica que faz uso dessa teoria. Esperamos também que provoque inquietações e incentive futuros estudos que possam contribuir e sanar as lacunas deixadas por esse.

2 A SUBVERSÃO FREUDIANA DO AMOR: o amor no campo do saber

2.1 A escuta das histéricas

A psicanálise nasce do encontro de Freud com a histeria, e a partir desse encontro, o estudioso formulou novas formas de entender e de tratar tal neurose. Seus estudos não se limitaram unicamente a essa categoria nosográfica, assim como não se limitaram também a um único tema. O tema do amor, aqui por nós escolhido, perpassa toda a história da psicanálise: da sua origem até os dias atuais. Tratar sobre o campo amoroso, pela perspectiva psicanalítica, requer alguns cuidados e recuos para, inicialmente, abrangermos sob qual viés esse tema é apresentado na teoria, visando compreender as diversas nuances desse campo.

Dessa maneira, faremos alguns recortes necessários para a discussão do tema „amor“, visto que a psicanálise atinge uma gama diversa de tópicos.

2.1.1 Um fragmento histórico: a importância da histeria no surgimento da Psicanálise

Historicamente a histeria se coloca como um enigma para médicos e terapeutas. Podemos dizer que, antes de Freud, essa neurose era um fantasma para a medicina. A dificuldade em tratar tal enfermidade decorria do fato de que não conseguiam determinar a causa dos sintomas, visto que não existia nenhuma lesão neurológica, nenhuma causa biológica, e a ciência se pauta no que pode ser comprovado empiricamente. Até os dias de hoje encontramos situações em que a medicina não compreende e demonstra dificuldades em como tratar pessoas histéricas.

Um médico importante, antes de Freud, que se debruçou para estudar a histeria, foi Charcot. Charcot, por meio do recurso da fotografia, colocava o corpo do paciente (histérico) numa cena submetida ao olhar do médico (detentor do conhecimento). Quinet (2002), a respeito do recurso utilizado por Charcot, aponta que o sintoma histérico se coloca no lugar do “dar a ver”, aparecendo assim como uma encenação para quem se propõe a tratá-lo. Charcot utilizava da técnica da hipnose para tratar o paciente histérico⁴.

A história da psicanálise tem seu ponto germinativo do encontro de Sigmund Freud com Charcot no hospital em Salpêtrière, em Paris. Freud havia concluído a faculdade de medicina em 1881, e realizou trabalhos no hospital citado. A partir daí, sua inquietação e interesse pela histeria se iniciaram.

⁴ Para mais detalhes do trabalho de Charcot, consultar o livro “A invenção da histeria” de Didi-Huberman, G. (2015).

Em 1886, ao retornar para Viena, Freud já acreditava que algumas doenças neurológicas tinham origem psíquica, e por meio do trabalho no consultório inicia suas investigações acerca da histeria, ou seja, a psicanálise inicia sua trajetória na histeria, não se resumindo a ela, cabe ressaltar. Como nos diz Soler: Freud não teria inventado a psicanálise sem a amável colaboração das histéricas (SOLER, 2005, p.9), colocação que é compartilhada por Birman que ressalta que “a histeria foi a matéria prima do discurso psicanalítico” (BIRMAN, 2001, p. 83).

Nesse retorno à Viena, Freud conhece Joseph Breuer, médico e fisiologista, que compartilhava das ideias de Charcot, e com Breuer desenvolve alguns estudos e juntos publicam o livro “Estudos sobre a histeria”. Em vários momentos de sua obra, Freud ressalta a importância de Breuer nesses primeiros passos da construção da psicanálise. No texto “A história do movimento psicanalítico” Freud salienta que:

As descobertas de Breuer já foram descritas tantas vezes que posso dispensar um exame detalhado das mesmas aqui. O fundamental delas era o fato de que os sintomas histéricos baseiam-se em cenas do seu passado que lhes causaram grande impressão mas foram esquecidas (traumas); a terapêutica, nisto apoiada, que consistia em fazê-los lembrar e reproduzir essas experiências num estado de hipnose (catarse); e o fragmento de teoria disto inferido, segundo o qual esses sintomas representavam um emprego anormal de doses de excitação que não haviam sido descarregadas (conversão). (FREUD, [1914a]/1996, v.14, p.19).

Nesse fragmento descrito acima notamos que Freud atribui a Breuer a investigação inicial dos sintomas histéricos e a terapêutica aplicada até aquele momento. Certamente, os primeiros anos em que Freud acompanhou pacientes histéricos, a técnica que ele utilizava era derivada do aprendizado com Charcot e Breuer. Mais adiante no mesmo texto Freud coloca que utilizavam a prática de investigar pacientes em estado hipnótico, e que buscavam colocar o conflito do momento e o fator desencadeante da doença ao primeiro plano da análise (método catártico), e acrescenta:

Conduzíamos a atenção do paciente diretamente para a cena traumática na qual o sintoma surgira e nos esforçávamos por descobrir o conflito mental envolvido naquela cena, e por liberar a emoção nela reprimida. (...) As associações do paciente retrocediam, a partir da cena que tentávamos elucidar, até as experiências mais antigas, e compeliavam a análise, que tencionava corrigir o presente, a ocupar-se do passado. Esta regressão nos foi conduzindo cada vez mais para trás; a princípio parecia nos levar regularmente até a puberdade; em seguida, fracassos e pontos que continuavam inexplicáveis levaram o trabalho analítico ainda mais para trás, até os anos da infância que até então permaneciam inacessíveis a qualquer espécie de exploração. (FREUD, [1914a]/1996, v.14, p.20-21).

Por meio dessa citação percebemos que o trabalho com pacientes histéricos assinalavam que o método até então utilizado não era suficiente, ou adequado, para o

tratamento do paciente. Freud sinaliza que no tratamento da paciente “Dora” ele insistiu nessa técnica, submetendo à análise a cena que irrompeu a doença, e não obteve sucesso e, somente depois de “ter sido feito um longo desvio que a levou de volta a mais tenra infância, surgiu um sonho que, ao ser analisado, lhe trouxe à mente detalhes daquela cena, até então esquecidos (...)” (p.21).

A partir dessa percepção – da ineficácia da técnica usada – Freud e Breuer começaram a apresentar divergências quanto ao mecanismo psíquico mais apurado da histeria⁵, o que culminou no rompimento dos estudos em conjunto quando Freud persistiu na significação da sexualidade⁶ na etiologia das neuroses: ponto de discordância com Breuer.

2.1.2 *Freud e a histeria*

O pai da psicanálise, após ter acompanhado os relatos, feitos por Breuer, do caso clássico da paciente Anna O⁷. e também dos primeiros casos que ele próprio atendeu, utilizando as técnicas da sugestão e da hipnose, percebe, como apontado no item anterior, a ineficácia das técnicas diante da histeria.

Se por um lado a hipnose colocava o paciente num estado que possibilitava revelar o trauma atual, por outro, ela se mostrava ineficaz, quando o paciente saía do estado hipnótico e não se recordava do fato ocorrido e, em consequência, os sintomas retornavam – muitas vezes mais acentuados. Assim, diante dos limites desse método, Freud decide seguir as indicações, do próprio paciente, que levavam a mais tenra infância.

Freud funda a psicanálise ao escutar as histéricas e inferir que suas queixas eram determinadas pela lógica do inconsciente. Ao fazer isso, Sigmund Freud fez oposição ao conhecimento médico vigente que buscava estabelecer uma origem biológica para os sintomas histéricos. Até esse momento (fim do século XIX) os pacientes histéricos, em sua grande maioria mulheres⁸, eram tomados como um objeto de estudo da ciência e os médicos eram detentores do saber acerca dos sintomas que acometiam aqueles corpos. As histéricas eram

⁵ Com o passar das observações clínicas, a teoria da defesa (Freud) passou a se opor à teoria hipnóide (Breuer). A História do Movimento Psicanalítico (1914a), vol. 14.

⁶ É fundamental ressaltar que, para a psicanálise, sexualidade não diz respeito aos órgãos sexuais, mas sim com desejo e libido (energia psíquica). A sexualidade diz respeito a um complexo desenvolvimento que só em sua fase final tem a primazia das zonas genitais.

⁷ Esse caso é descrito no livro vol. 2 – Estudos sobre a histeria (1893-1895), e será brevemente relatado no próximo tópico.

⁸ A partir desse ponto, usaremos “as histéricas” pelo fato de haver mais casos descritos de mulheres histéricas, mas ressaltamos que, assim como a psicanálise, compartilhamos da ideia de que a neurose não está relacionada ao gênero, e que essa questão é muito complexa para ser discutida aqui, visto que também não é o enfoque desse trabalho.

colocadas no lugar de objeto a serem investigados, sem conhecimento dos próprios sintomas e das causas desses.

Freud então se debruça a pesquisar e tratar histéricas, indicando um novo modelo de tratamento. Se por um lado Freud rompe com toda uma ideia de como tratar a histeria, por outro ele propõe uma forma de tratamento nunca antes utilizada. A proposta de Freud era que as histéricas falassem o que viesse à mente, criando o que é conhecido como “associação livre”.

Ressaltamos que no percurso do desenvolvimento da técnica, Freud recebeu inúmeras críticas e resistência como descrito por ele mesmo no texto “A história do movimento psicanalítico”. No entanto, como esse não é nosso objeto de pesquisa, seguimos adiante.

Ao permitir e indicar que as histéricas falassem o que viesse à mente, Freud percebeu que houve mudanças em relação às queixas e sintomas, se deparando com a intrínseca relação entre esses e o tema da sexualidade. Essa relação ratificou o que Freud já estava inclinado a sustentar: o componente sexual na etiologia das neuroses.

Para Freud, o adoecimento que acometia o paciente estava relacionado ao fato desse não realizar seu desejo, e esse desejo, por sua vez, estava ligado ao campo da sexualidade.

Mas a descoberta mais importante a que chegamos, quando uma análise é sistematicamente conduzida, é a seguinte: qualquer que seja o caso e qualquer que seja o sintoma que tomemos como ponto de partida, *no fim chegamos infalivelmente ao campo da experiência sexual*. Aqui, portanto, pela primeira vez, parece que descobrimos uma precondição etiológica dos sintomas histéricos. (FREUD, [1896]/1996, v.3, p.196).

Nesse momento da teoria, Freud constatou que grande parte dos desejos e pensamentos que causavam os sintomas histéricos era de origem sexual. Num primeiro momento acreditou que eram experiências traumáticas que aconteceram na puberdade, mas com as investigações, viu que, em muitos casos, voltar somente ao período da puberdade não explicava aqueles sintomas, e como Freud aponta no texto “A Etiologia da Histeria”:

Parece óbvio, portanto, dizer a nós mesmos que deveríamos procurar determinantes desses sintomas em outras experiências – em experiências que retrocedessem ainda mais – e que deveríamos, pela segunda vez, seguir a salvadora noção que já nos levara das primeiras cenas traumáticas às cadeias de lembranças por trás delas. Ao fazer isso, é claro, chegamos ao período da primeira infância, a um período anterior ao desenvolvimento da vida sexual; e isso pareceria envolver o abandono de uma etiologia sexual. Mas será que não temos o direito de presumir que nem mesmo a infância é desprovida de leves excitações sexuais, e que o futuro desenvolvimento sexual talvez seja decisivamente influenciado pelas experiências infantis? (FREUD, [1896]/1996, v. 3, p.198-199).

Cabe destacarmos que, na tentativa de estabelecer a etiologia das neuroses, Freud causou bastante indignação e contestação na comunidade Vienense. Nesse mesmo texto, nas páginas seguintes Freud apresenta diversos argumentos a fim de comprovar que as experiências sexuais infantis são de extrema importância; ressalta que muitas vezes, os pacientes em análise, ao relatarem tais cenas, são tomados pelos mais diversos sentimentos e vivenciam tal com sofrimento.

Achamos oportuno apontar aqui que um dos pontos principais que nos leva a entender que Freud propunha uma grande mudança é justamente o fato de ele ter encontrado amplas resistências em relação ao seu pensamento: a história acerca dos grandes avanços científicos confirma essa colocação.

É importante salientarmos que nesse momento de desenvolvimento da psicanálise, Freud considerava que as experiências sexuais infantis haviam ocorrido de fato. Em todos os 18 casos (que Freud cita, ter acompanhado, no texto “Etiologia da histeria”) que ele tinha atendido houve alguma cena sexual ocorrida (trauma)⁹ com a criança. A teoria estava se construindo nesse momento, é compreensível que, nos anos posteriores, modificações fossem feitas.

Juntamente com o tema da sexualidade infantil, o conceito de inconsciente também é fundamental para a psicanálise, pois Freud, atendendo as pacientes histéricas, percebeu que alguns conteúdos não eram possíveis de serem acessados pela consciência devido ao trauma sofrido. Até então Freud considerava que esses eventos traumáticos eram esquecidos e estavam no inconsciente. Sabemos que Freud não inventou a ideia de inconsciente, mas o sistematizou teoricamente. Por meio dos atendimentos das histéricas, Freud percebeu que alguns conteúdos eram inacessíveis à consciência, ficando assim alojados no inconsciente. O autor coloca:

A atividade psíquica representativa dessas pessoas divide-se numa parte consciente e noutra inconsciente, e suas representações se dividem em algumas que são admissíveis e algumas que são inadmissíveis à consciência. Não podemos, portanto, falar numa divisão da consciência, embora possamos mencionar uma divisão da mente. (FREUD, [1893]/1996, v.2, p. 244).

⁹ Na década de 1890, Freud elaborou a Teoria da Neurótica, e nessa o trauma era essencialmente de natureza sexual e a cena traumática se baseava em uma ação real de um adulto – na maioria dos casos uma figura paterna – que seduzia a criança. Esse evento traumático influenciava diretamente no surgimento das neuroses. Esse assunto é tratado de forma minuciosa no Vol. 2 “Estudos sobre a Histeria” de 1895. A teoria da neurótica se define a partir da ideia que a ação traumática se define em dois tempos. O primeiro ocorre na infância – cena da sedução, mas que a criança não percebe o fato como excitação sexual; e o segundo ocorre na puberdade – ocorre uma nova cena que evoca a cena ocorrida na infância, ressignificando a primeira como sendo de ordem sexual, e fazendo eclodir o sintoma histérico.

É imprescindível destacar que, em 1897, Freud abandona a teoria da neurótica, pois a análise das histéricas revela que a fantasia incestuosa delas é importante, e ele tenta agora sustentar que o trauma era, na verdade, uma cena fantasiada. O ponto central das neuroses histéricas sai da sedução para a fantasia de sedução. O trauma, propriamente dito, perde força em detrimento do fortalecimento da teoria da fantasia de sedução. Esse ponto é importante porque dará sustentação às próximas discussões.

Os conceitos principais da psicanálise nasceram dos atendimentos das histéricas. Sabendo dessa importância tomemos dois principais casos descritos no texto “Estudos sobre a histeria” visando avançar mais um pouco no objetivo desse capítulo.

2.1.3 O amor nos casos clínicos de histeria

Citaremos dois casos clássicos de histeria para articularmos com o tema do amor e pensarmos sob quais formas esse tema aparece nas primeiras construções da psicanálise. Certamente qualquer um dos casos tem inúmeros aspectos e pontos interessantes que poderiam ser discutidos, mas nos ateremos a fragmentos e discussões que remetem ao tema „amor“ nas mais diversas formas que esse é tratado na psicanálise. Ressaltamos que, àqueles que se interessarem por obter mais detalhes dos casos, esses se encontram no livro “Estudos sobre a Histeria”.

O primeiro caso é o emblemático atendimento de Bertha Pappenhein, conhecido como Anna O. Sabemos que Anna O. foi atendida por Breuer entre os anos de 1880 a 1882, e que Breuer compartilhou o atendimento do caso com Freud e, anos mais tarde, ambos publicaram o relato do caso.

Como mencionado, não nos ateremos a outros detalhes do caso, mas destacaremos os pontos favoráveis à sustentação da discussão aqui proposta. O primeiro ponto que sinalizamos é que, certa vez, quando Breuer hipnotizou Anna e perguntou acerca do que a incomodava, Anna proferiu uma frase com palavras em 5 idiomas diferentes. A paciente foi desenvolvendo uma incapacidade em falar alemão. Breuer decidiu então suspender o método de hipnose, priorizando o tratamento por meio da escuta¹⁰ e sugerindo que a paciente falasse o que viesse à mente. Os sintomas começaram a melhorar e as bases para o que é conhecido como “Associação Livre” surgiu.

O tratamento de Anna O. passou por muitos altos e baixos. Breuer dedicava-se no tratamento, mas em diversos momentos os sintomas reincidiam, ou eram substituídos por

¹⁰ Esse caso ficou conhecido pelo desenvolvimento da “Talking Cure” ou cura pela palavra (o método utilizado pela psicanálise).

outros. As alucinações eram muito presentes, bem como a divisão da consciência, o que causava grande confusão na percepção da paciente.

No decorrer do tratamento o pai de Anna O. veio a óbito (1881). Talvez tenha sido o trauma psíquico mais significativo para a paciente. Anna apresentava alterações da consciência, tinha surtos em que acusava as pessoas de fazerem coisas contra ela; não conseguia reconhecer algumas pessoas que se aproximavam; queixava-se de escuridão na cabeça, de não conseguir pensar, de ficar cega e surda, e com o passar do tempo fica totalmente incapacitada de proferir qualquer palavra – emudece. Em algumas ausências de Breuer devido às viagens, Anna tinha seu estado piorado. Com o passar das sessões, Breuer consegue relacionar os principais e mais frequentes sintomas com possíveis causas e, dessa maneira, livrar a jovem das queixas, chegando ao fim do tratamento em julho de 1882 quando, na descrição do caso, é relatado que o tratamento se encerrou devido a jovem gozar de plena saúde¹¹.

É importante dizer que, não somente a associação livre e o método catártico se originaram nesse caso, mas também um vestígio do que mais tarde foi conceituado como transferência. Em 1914, em “A história do movimento psicanalítico” Freud faz nova referência ao caso e diz que o tratamento de Anna O. pertencia a Breuer, mas que as conclusões que levaram à psicanálise eram dele (FREUD, [1914a]/1996).

Vale lembrar novamente que Freud ouviu os relatos do tratamento, e anos mais tarde, ele, juntamente com Breuer, escreveram o caso. Alguns estudos sobre a vida de Freud indicam que muitos desses relatos, feitos por Breuer, aconteceram informalmente, e outros foram informações obtidas por meio da relação da esposa de Freud com Bertha (BRITTON, 2012), talvez, devido a isso, essas informações não estejam presentes no relato de 1895.

Sabemos que partes importantes foram omitidas na apresentação desse caso. Trata-se do fato de que, ao longo do tratamento, Anna O. foi se afeiçoando à pessoa de Breuer. Durante sua ausência, Anna tinha seu estado de saúde agravado. E, quando do retorno de Breuer, a paciente novamente apresentava melhora.

No texto de Britton (2012), o autor comenta que Freud sabia que a esposa de Breuer sentia-se enciumada e zangada devido à atenção que o esposo dava ao caso, e ainda que algumas particularidades do caso (tais como o simbolismo sexual, a gravidez e trabalho de parto histéricos) passaram despercebidos por Breuer, mas não por Freud.

¹¹ Esse é um pequeno resumo do caso encontrado no livro “Estudos sobre a histeria”. Volume 2 (1893-1895) das Obras de Sigmund Freud.

No relato do caso (1893) há vários momentos em que Breuer descreve que a paciente ficava eufórica em sua presença, e ansiosa e mal humorada em sua ausência. Breuer não relacionou os estados mentais de Anna O. ao apego que ela tinha a ele. Aqui, podemos ressaltar a oposição entre as experiências vividas por Anna O. em relação ao seu médico. Essa observação é importante porque, mais adiante nesse trabalho, trataremos do que Freud discutiu em sua 2ª tópica: a junção entre amor e agressividade.

Chegamos ao ponto do enamoramento da paciente em relação ao seu médico, tornando desnecessário aqui abordar outros aspectos do caso. Sinalizamos que Freud percebeu que o enamoramento da paciente para com seu médico era algo de suma importância para a compreensão dos sintomas apresentados. E que essa “relação amorosa” deveria ser melhor investigada para compreensão das neuroses.

Britton (2012), acerca de algumas colocações de Freud, aponta que:

Na parte do resumo de Estudos sobre a histeria, Freud faz sua primeira declaração sobre o fenômeno psicanalítico da “transferência” (Übertragung): “a paciente fica assustada ao descobrir que está transferindo para a figura do médico as ideias perturbadoras que surgem do conteúdo da análise” (Freud, 1895, p. 302). Nessa passagem, ele não faz nenhuma referência ao tratamento de Anna O, mas agora está claro que isso estava em seu pensamento. Infelizmente, isso não deu a Breuer nenhum insight, pois ele parece ter ficado muito traumatizado pela experiência e não foi capaz de tirar proveito dela. (BRITTON, 2012, p. 39).

Inferimos que Freud, apesar de não ter atendido esse caso, se atentou para o valor do que era despertado durante a análise. Não temos elementos para dizer se naquele momento Freud conseguia ter clareza em relação à manifestação de amor da paciente e qual relação o amor teria com outros conceitos da psicanálise, no entanto, podemos dizer, sem receio de cometermos um grande erro, que Freud, no mínimo, se intrigou com essa análise e se colocou a observar a manifestação dos sentimentos despertados na relação pacientes e analista.

Vale lembrar que na época da publicação desse caso, Freud não tinha se atentado para a importância da fantasia e sua relação com os sintomas apresentados na neurose.

O segundo caso que apresentaremos aqui é o caso de Ida Bauer, conhecido como “Caso Dora”. É um dos mais famosos da psicanálise, pois nesse Freud reafirmou que “os sintomas da histeria são o resultado de fantasias sexuais reprimidas”.

Da mesma forma que o caso anterior, citaremos apenas o ponto relevante para esse estudo, sem nos apegarmos a outros detalhes da estória.

Freud atendeu essa paciente durante 3 meses, sendo que a paciente interrompeu o tratamento voluntariamente. Na descrição do caso fica claro que desde a infância Dora já apresentava alguns sintomas como dispneia, dores de cabeça crônica e tosse.

A história de vida da família era um pouco complicada. A mãe de Dora tinha um papel ausente, sendo que se ocupava muito das tarefas domésticas. Seu pai tinha uma amante conhecida como Sra K. (fato que inicialmente foi ocultado de Freud), mas Dora, sabendo do comportamento do pai, demonstrava sua desaprovação da relação dele com a Sra K. Outro personagem importante da história era o Sr. K. Quando Dora tinha 14 anos, ela e o Sr K. fizeram um passeio perto de um lago. Nesse passeio o Sr. K parece ter demonstrado seu apreço pela moça e esta se irritou com tal demonstração. Dora tinha um único irmão, mais velho um ano e meio. O irmão era um modelo que Dora ambicionara seguir, mas nos últimos anos a relação dos dois foi marcada por um afastamento. O rapaz não gostava de entrar nas discussões de família, e por vezes orientava que Dora fizesse o mesmo, mas quando se via obrigado a opinar, tomava partido de sua mãe.

Dora cuidava dos filhos do casal K., e em muitas situações, por oferecer esse cuidado, Dora possibilitava que a Sra K. tivesse o tempo livre para estar perto de seu pai.

O que Freud detalha em seu caso é que os dois casais pareciam passar por crises em seus casamentos, e dessa maneira, o arranjo entre as duas famílias satisfazia a todos, até o evento do lago descrito acima, pois a partir desse episódio Dora começou a pedir o afastamento do pai da Sra K. O pai de Dora dizia que todo o relato feito pela filha se tratava de fantasia.

Certa vez as duas famílias fizeram uma viagem, e durante a mesma a Sra. K deixou o marido no quarto e se hospedou em um outro; fato que foi feito também pelo pai de Dora. Ambos passaram a se hospedarem em quartos separados apenas pelo corredor. E tanto, a mãe de Dora, quanto o Sr K. parecem ter aceitado tal situação sem maiores questionamentos.

Nesse entrelaço das famílias, os sintomas de Dora foram aumentando, e sua irritação com a aproximação de seu pai e a Sra K. também. Dora queixava a Freud que a Sra K. só o amava por ele ser um homem de posses. O pai de Dora sempre presenteava a Sra K., e o Sr K., por sua vez, presenteava Dora.

No decorrer do tratamento Dora ainda relatou fragmentos de dois sonhos que melhor auxiliaram Freud na compreensão do caso da paciente. No primeiro Freud percebeu que, em certa medida, uma característica sua (ser fumante) contribuiu na produção do sonho, pois Dora sentia cheiro de fumaça¹². Já no segundo sonho, em que Dora relatou uma situação em que saiu de casa sem o conhecimento dos pais, e posteriormente seu pai veio a falecer. Mais

¹² A esse respeito ver P. 74 e segs. dessa edição aqui usada. Volume 7 das obras de Freud, 1996.

adiante nesse relato, Dora diz (em determinado contexto no sonho) que seguiria sozinha, diante da proposta de um desconhecido em acompanhá-la na travessia do bosque.

A partir do caso Dora, Freud já trabalhava, somente, na perspectiva da “Associação Livre”, e foi ouvindo os relatos da paciente que a trama amorosa da histeria apareceu. Ao iniciar a análise com Freud, Dora descrevia suas ideias acerca do caso amoroso paterno, e das suposições de relações sexuais orais, visto que Dora tinha o conhecimento da impotência do pai. Freud também percebeu a dificuldade em cessar os sintomas de Dora, visto que eles tinham relação com o pai e visava à separação dele da Sr^a. K, ou seja, tinham uma finalidade na trama amorosa. Como descrito no relato do caso, o sentimento de Dora em relação ao pai, se assemelhava ao sentimento de uma esposa enciumada. Freud então supõe que o amor de Dora pelo pai era uma forma de resistir e negar a atração que Dora tinha pelo Sr. K. Ao dizer dessas suposições para a paciente, o tratamento se encerra. O que levou Freud a se questionar acerca do seu manejo, levando-o a compreender melhor a transferência em seu aspecto negativo¹³.

Ressaltamos a percepção, a posteriori, que Freud tem acerca da transferência que aconteceu nesse tratamento, e que leva o autor a conclusões extremamente significativas, inclusive de que o fato ocorrido não foi uma particularidade do atendimento de Dora, mas que é o que ocorre em todo tratamento. A esse respeito Freud (1905a/1996) coloca:

Devo estender-me um pouco mais para tornar essa questão inteligível. Durante o tratamento psicanalítico, pode-se dizer com segurança que uma nova formação de sintomas fica regularmente sustada. A produtividade da neurose, porém, de modo algum se extingue, mas se exerce na criação de um gênero especial de formações de pensamento, em sua maioria inconscientes, às quais se pode dar o nome de “transferências”. (FREUD, [1905a]/1996, v.7, p. 111).

Ainda sobre o assunto, em um posfácio ao caso, Freud coloca que “Não consegui dominar a tempo a transferência [...] esqueci a precaução de estar atento aos primeiros sinais de transferência que se preparava com outra parte do mesmo material, ainda ignorada por mim. Desde o início ficou claro que em sua fantasia eu substituí a seu pai” (FREUD, [1905a]/1996, v.7, p.113).

¹³ Pequeno resumo do caso encontrado no “Fragmento da análise de um caso de histeria” no Volume 7 das Obras completas de Freud. A edição aqui utilizada é a tradução inglesa de uma versão corrigida publicada em 1925, ou seja, com várias notas de rodapé acrescentando e/ou modificando a primeira publicação do caso em 1905.

Veremos mais adiante que foi a partir desse caso que Freud escreve algo mais teórico sobre o tema da *transferência*¹⁴. O autor escreve que, devido às particularidades do caso de Dora, ele precisou escrever “uma primeira publicação introdutória” (Freud, [1905a]/1996, v.7, p. 113). Mas a construção teórica só aconteceu após o momento que Dora abandonou o tratamento. Freud faz referências tanto ao primeiro sonho quanto ao segundo para explicar que não percebeu a transferência nessa relação. O autor afirma que Dora também substituiu o Sr K. por ele (num sonho), e por ele não ter manejado a transferência, a atitude da paciente foi similar às anteriores. Em relação ao Sr K. (quando ela se vinga dele dando-lhe uma bofetada quando esse lhe faz uma corte); em relação a seu pai quando, no segundo sonho, Dora se ausenta de casa sem o conhecimento dos pais e ele vem a falecer; e por fim a vingança a Freud quando ela abandona o tratamento, realizando assim o que gostaria de ter feito com o Sr K. (de acordo com a análise feita por Freud¹⁵).

Por meio desses aspectos aqui apresentados, a partir dos dois casos, e da construção da trama amorosa emergida deles, Freud se vê compelido a estudar e compreender o papel do fenômeno amoroso nas neuroses, daí a importância desse recorte que fizemos. A histeria possibilitou que Freud se atentasse e investigasse o fenômeno amoroso colocando-o em um novo lugar.

Ao se propor estudar e compreender a relevância do tema do amor na clínica psicanalítica, Freud o faz, a princípio, sob dois pontos: a transferência e o Complexo de Édipo. Buscaremos demonstrar o novo lugar dado ao fenômeno amoroso seguindo esses dois temas

2.2 A transferência

É imprescindível tratar do tema da *transferência* aqui por ser essa uma manifestação do amor que acontece na relação analítica¹⁶. Além do fato da *transferência* ser uma forma de amor¹⁷ na teoria freudiana, é também por meio dela que articularemos o próximo subcapítulo.

Apesar de não ser necessário aqui fazer uma genealogia da *transferência* na obra freudiana, visto que esse não é o nosso objeto de estudo, passaremos por alguns textos que

¹⁴ Até então o tema da *transferência* era tratado em seus textos de forma brevíssima. A esse respeito ver nota de rodapé da página 112 do texto “Fragmento da análise de um caso de histeria”.

¹⁵ A esse respeito ver p. 112 e seguintes do texto “Fragmento da análise de um caso de histeria”.

¹⁶ É importante lembrar uma colocação de Freud: “O tratamento psicanalítico não cria a transferência, mas simplesmente a revela, como a tantas outras coisas ocultas na vida anímica” (Freud, [1905a]/1996, p. 112), e vale dizer ainda que a psicanálise opera com a transferência.

¹⁷ Essa manifestação amorosa será tratada nesse capítulo, e outras serão apresentadas no capítulo seguinte.

tratam do assunto para acompanharmos a entrada do fenômeno amoroso, na psicanálise, sob a ótica do saber científico.

Consideramos importante salientar que a primeira vez que Freud utilizou o termo foi em 1895 no caso de Emmy von N; seguido do caso Elisabeth von R. e no capítulo “A psicoterapia da histeria”, ambos no livro II “Estudos sobre a Histeria”, num sentido de resistência, ou seja, um obstáculo ao processo analítico. Com o passar dos anos e o desenvolvimento da teoria, o conceito sofreu mudanças. No texto “Fragmento da análise de um caso de Histeria” (Caso Dora), Volume VII das Obras Psicológicas de Freud, publicado em 1905, o conceito aparece bem próximo do que é entendido hoje. Partiremos desse ponto para discursarmos um pouco sobre o conceito.

No pós-fácio desse texto Freud descreve acerca do que venha a ser *transferências*:

São reedições, reproduções das moções e fantasias que, durante o avanço da análise, soem despertar-se e tornar-se conscientes, mas com a característica (própria do gênero) de substituir uma pessoa anterior pela pessoa do médico. Dito de outra maneira: toda uma série de experiências psíquicas prévia é revivida, não como algo passado, mas como um vínculo atual com a pessoa do médico. Algumas dessas transferências em nada se diferenciam de seu modelo, no tocante ao conteúdo, senão por essa substituição. São, portanto, para prosseguir na metáfora, simples reimpressões, reedições inalteradas. Outras se fazem com mais arte: passam por uma moderação de conteúdo, uma sublimação, como costume dizer, podendo até tornar-se conscientes ao se apoiarem em alguma particularidade real habilmente aproveitada da pessoa ou das circunstâncias do médico. São, portanto, edições revistas, e não mais reimpressões. (FREUD, [1905a]/1996, v.7, p. 111).

Podemos dizer então que, a partir de uma experiência anterior, ao encontrar com a figura do médico, o paciente revive essas fantasias, ou seja, transfere para o médico as experiências psíquicas que estão relacionados a uma pessoa anterior.

Sabemos que foi no caso Dora que Freud escreve algo mais teórico sobre o tema, que até então aparecia em seus textos como brevíssimas observações¹⁸, e quando o conceito ainda não fora formulado. O autor escreve que, devido às particularidades do caso de Dora, ele precisou escrever “uma primeira publicação introdutória” (Freud, [1905a]/1996, v.7, p. 113). E nesse mesmo texto adverte que a transferência devia ser combatida como qualquer outro aspecto da neurose, e se bem fosse utilizada poderia se colocar como aliada ao processo analítico, visto que sua tradução ao paciente poderia trazer à consciência material mnêmico inconsciente, auxiliando assim na eliminação da doença.

Apesar de ter sido publicado em 1905, o caso de Dora foi escrito em 1901, e seu atendimento realizado no fim do ano de 1900, ano também da publicação do livro sobre “os

¹⁸ Ver nota de rodapé da página 112 do texto “Fragmento da análise de um caso de histeria”.

sonhos” (A Interpretação dos Sonhos)¹⁹, ou seja, no livro sobre os sonhos também se encontra o uso do termo *Transferências*, mas nesse momento sempre se referindo aos processos do desejo inconsciente:

No período relativo à Interpretação dos sonhos, o termo transferência era utilizado por Freud no plural, designando, de forma geral, o fato de o recalcado jamais ser dito de forma direta, sendo sempre representado através de um discurso indireto, isto é, por representações alusivas. O inconsciente recalcado retorna, porém, deslocado, transferido, transportado alhures. As transferências, no sentido plural, são, pois, no pensamento freudiano, reedições, reimpressões das representações recalçadas, apontando à mobilidade do inconsciente, isto é, à possibilidade de as representações recalçadas darem lugar a formações diversas do inconsciente. Nesse sentido, ela opera por meio de um traço característico e por meio de um mecanismo central: o da substituição, troca, permuta, remanejamentos sucessivos, no qual uma representação assume o lugar de outra na cadeia. Ou seja, as transferências constituem-se em novas edições do desejo inconsciente. (Baratto, 2010, p.230-231).

A transferência está relacionada ao processo de formações do inconsciente, ou seja, o desejo inconsciente passa por deslocamentos e/ou substituições de um conteúdo, que precisou ser recalcado, para outro conteúdo que pode ser aceito pela consciência. Ainda no texto de Baratto (2010) temos que:

(...) no interior do tratamento analítico é este mesmo mecanismo que Freud verá posteriormente em ação: em função das resistências, o desejo é obrigado a se transferir para uma representação atual – o analista. Nos sonhos ele é transferido para resíduos diurnos indiferentes. No trabalho de análise o desejo se vê forçado a retornar de modo disfarçado, sob a forma de transferência, para a pessoa do analista, que parece exercer então a mesma função que no sonho desempenham os resíduos diurnos. (Baratto, 2010, p.230-231).

Consideramos fundamental lembrar que, assim como outros aspectos teóricos da obra freudiana, o conceito de *transferência* também passou por algumas reformulações significativas ao longo da obra de Freud. Dessa maneira, ao colocarmos o termo *transferência* em discussão, não temos a pretensão de acompanhar essas reformulações ao longo da teoria, mas buscaremos acompanhar o desenvolvimento do conceito visando apresentar uma das facetas do amor na teoria, bem como demonstrar que, ao se atentar para a questão da transferência e estudá-la, ele dá início ao que podemos chamar de: desenvolver uma epistemologia do amor. Dito de outra maneira, ao admitir que há uma relação afetuosa entre paciente e analista, e ainda de utilizar essa manifestação como mola propulsora para o tratamento, o amor foi colocado no campo científico, como um objeto que pode ser estudado.

Cabe salientar que não há pretensão de estudar o amor em todos os seus aspectos, isso seria da ordem da impossibilidade. Sabemos que algo escapa à teorização, mas tratamos aqui

¹⁹ Nota do Editor Inglês James Strachey, p. 15, vol. 7.

dos aspectos do amor que foram colocados, por Freud, no campo científico. Sabemos que outras formas de “saberes” acerca do amor já existiam antes de Freud estudar esse tema.

Mas retomemos nosso percurso a fim de clarificar o que foi colocado acima. Em 1912, no texto “A dinâmica da Transferência” Freud salienta que cada indivíduo tem um modo particular de conduzir sua vida erótica²⁰, e esse modo específico é proveniente da combinação de uma disposição inata e das influências que recebeu nos primeiros anos de vida. Dessa maneira, cada um tem o que Freud chamou de „clichê estereotípico“ – ou diversos deles – que são repetidos ao longo da vida da pessoa. O autor ressalta que, essa repetição, depende de circunstâncias externas e da natureza dos objetos amorosos. O autor salienta que:

Ora, nossas observações demonstraram que somente uma parte daqueles impulsos que determinam o curso da vida erótica passou por todo o processo de desenvolvimento psíquico. Esta parte está dirigida para a realidade, acha-se à disposição da personalidade consciente e faz parte dela. Outra parte dos impulsos libidinais foi retida no curso do desenvolvimento; mantiveram-na afastada da personalidade consciente e da realidade, e, ou foi impedida de expansão ulterior, exceto na fantasia, ou permaneceu totalmente no inconsciente, de maneira que é desconhecida pela consciência da personalidade. Se a necessidade que alguém tem de amar não é inteiramente satisfeita na realidade, ele está fadado a aproximar-se de cada nova pessoa que encontra com ideias libidinais antecipadas; e é bastante provável que ambas as partes de sua libido, tanto a parte que é capaz de se tornar consciente quanto a inconsciente, tenham sua cota na formação dessa atitude. (FREUD, [1912a]/1996, v.12, p.111-112).

Assim sendo, o analista pode ser uma nova figura que receba essas „ideias libidinais“ antecipadas. Freud coloca isso mais adiante no texto, dizendo que “a catexia incluirá o médico numa das „séries“ psíquicas que o paciente já formou” (p.112), ocupando o lugar de uma imago do paciente, podendo ser paterna, materna ou mesmo fraterna.

Vemos, nos textos de Freud que, todo o seu esforço em teorizar a transferência [amor] era uma construção científica acerca do fenômeno amoroso. O psicanalista estava construindo um arcabouço teórico do campo amoroso. Percebemos isso claramente ao longo de sua obra. Freud fazia ciência e, ao se deparar com o conteúdo erótico suscitado na relação transferencial, ele não recuou, pelo contrário, ele investigou esse fenômeno como qualquer outro e trouxe o mesmo para o campo do saber. Ao fazer isso demonstrou uma postura inovadora.

Até então, a relação médico/paciente não tinha recebido tanta atenção. Foi Freud que se atenta para a importância do conteúdo despertado na relação analítica e teoriza a respeito disso. Do mesmo modo, assim como o fato de ter proporcionado um lugar de fala para as históricas, Freud novamente promove uma subversão: a compreensão dos conteúdos presentes

²⁰ Assunto que será discutido no 2º capítulo quando trataremos da Teoria da Libido.

na relação entre médico/paciente e o uso desses como ferramenta no tratamento, como já citamos anteriormente. O autor propôs uma ruptura no modelo existente. Propôs-se a entender e teorizar esse material suscitado na análise, assim como ocorreu no caso Anna O. e no caso Dora. Conteúdo esse que, como nos dois casos em questão, tem um viés erótico, o que será tratado em um momento oportuno.

Como dois pontos de interesse para os psicanalistas, Freud elege: primeiro que a *transferência* é tão mais intensa nos indivíduos neuróticos em análise que em outras pessoas desse tipo que não estão sendo analisadas²¹; e o segundo ponto que, na análise, a transferência surge como a *resistência mais poderosa* ao tratamento, enquanto que, fora dela, deve ser percebida como veículo de cura e condição de sucesso (p.112). Podemos dizer então que a repetição na *transferência* apresenta dois aspectos que podem ser colocados como antagônicos: ao mesmo tempo em que faz obstáculo à análise, permite a elaboração dos sintomas na *transferência*.

Estabelecer *transferência* é uma capacidade humana, que acontece nas relações, não é característica unicamente da relação terapêutica, mas nessa, a *transferência* é utilizada com o intuito de elaborar os sintomas.

A relação transferencial é o que sustenta o trabalho de uma análise, sem ela não é possível realizar tal trabalho. Quando o neurótico se interessa pela pessoa do analista, estamos diante desse tipo especial de relação. A esse respeito Freud esclarece:

(...) após pequeno lapso de tempo, não podemos deixar de constatar que esses pacientes se comportam de maneira muito peculiar com relação a nós. Acreditávamos, para dizer a verdade, que havíamos colocado em termos racionais, completamente, a situação existente entre nós e os pacientes, de modo que esta pudesse ser visualizada de imediato como se fora uma soma aritmética; não obstante, a despeito de tudo isso, algo parece infiltrar-se furtivamente, algo que não foi levado em conta em nossa soma. Essa novidade inesperada assume muitas formas (...). Constatamos, pois, que o paciente, que deveria não desejar outra coisa senão encontrar uma saída para seus penosos conflitos, desenvolve especial interesse pela pessoa do médico. (FREUD, [1916/17a]/1996, v. 16, p.440-441).

É utilizando-se desse tipo especial de relação que o analista busca superar as resistências advindas do tratamento, inclusive da própria *transferência*, visando reestabelecer a saúde do paciente. Freud, em “A dinâmica da transferência” alerta que não é somente necessário eliminar e trabalhar a transferência do paciente com o médico, mas sim de utilizá-la no intuito de trazer à consciência as ideias libidinais que se direcionaram para o

²¹ Nesse mesmo texto Freud ressalta que a transferência não deve ser atribuída à Psicanálise, como se acontecesse apenas no espaço analítico, mas sim como sendo uma característica própria da neurose (p.113).

inconsciente, pois essas, se não forem trabalhadas, tornarão a repetir em outros espaços e relações.

Já sabemos que o analista, é colocado na série psíquica da neurose do paciente. Sabemos também que as ideias libidinais são transferidas para outra pessoa de forma inconsciente, fazendo com que uma imago infantil seja revivida nessa nova relação. Busquemos agora discutir sobre a característica afetuosa que é desperta em uma relação transferencial.

Como já mencionamos, não pretendemos realizar um rastreamento histórico da conceituação da transferência, mas ao colocarmos algumas de suas reflexões aqui, podemos acompanhar como se deu a construção de um método de trabalho pautado em uma faceta do amor.

Como já mencionado, a transferência não é exclusiva do setting terapêutico, mas é nele que a transferência é usada como mola propulsora do tratamento analítico, mesmo tendo um caráter de resistência. Freud aponta que a transferência é um meio que facilita confissões, mas que, igualmente, pode oferecer resistência ao prosseguimento do trabalho, sendo assim destaca diferenças entre a relação amistosa entre médico e paciente: trata-se da transferência positiva e da transferência negativa.

(...) Percebemos afinal que não podemos compreender o emprego da transferência como resistência enquanto pensarmos simplesmente em „transferência“. Temos de nos resolver a distinguir uma transferência „positiva“ de uma „negativa“, a transferência de sentimentos afetuosos da dos hostis e tratar separadamente os dois tipos de transferência para o médico, a transferência positiva é ainda divisível em transferência de sentimentos amistosos ou afetuosos, que são admissíveis à consciência, e transferência de prolongamentos desses sentimentos no inconsciente. Com referência aos últimos, a análise demonstra que invariavelmente remontam a fontes eróticas. (FREUD, [1912a]/1996, v12, p.116).

Mais adiante no mesmo texto Freud aponta que todas as relações emocionais de simpatia, amizade, confiança e similares, “acham-se geneticamente vinculadas à sexualidade e se desenvolveram a partir de desejos puramente sexuais, através da suavização de seu objetivo sexual, por mais puros e não sensuais que possam parecer à nossa autopercepção consciente” (p.116).

Como em vários momentos da obra freudiana, essa observação aqui feita, nos leva a compreender, sem cometer enganos, que as relações amorosas, independente de quais forem, o amor propriamente dito, na psicanálise, é vinculado à sexualidade, ou seja, o amor não pode ser entendido ou discutido fora da esfera da sexualidade.

É fundamental destacarmos esse ponto: a transferência também é uma manifestação da sexualidade, de impulsos sexuais infantis que foram reprimidos e se encontram no

inconsciente. Depreendemos aqui duas questões: o tratamento do amor pela via do saber e, a relação do amor com a sexualidade.

Dessa maneira, a transferência amorosa também oferece resistência, visto que, “os impulsos inconscientes não desejam ser recordados da maneira pela qual o tratamento quer que o sejam” (FREUD, [1916/17b]/1996, v. 16, p. 119). E como temos conhecimento, a partir da obra freudiana, a transferência se coloca como um dos fenômenos que oferece grande dificuldade para o analista. E por ser uma dificuldade é que se torna fundamental saber da mesma para utilizá-la no intuito de buscar a „cura“ para a neurose do paciente.

Sabemos da existência da transferência positiva e da negativa, mas para esse trabalho não é necessário discutirmos ambas. Aqui tomaremos alguns aspectos e considerações da transferência amorosa positiva, visto que isso nos ajudará nas discussões posteriores.

Em “recordar, repetir e elaborar” de 1914, Freud faz considerações importantes acerca do fenômeno transferencial. Já havia mencionado que o analista deve usar a transferência com o intuito de trazer à consciência os impulsos inconscientes, que por sua vez utiliza-se de inúmeras maneiras para resistir a esse trabalho. Freud nos alerta que quanto maior for a resistência, mais a atuação substituirá a recordação. Quanto mais a transferência for excessivamente intensa, mais o caminho para a atuação e repetição, dos sintomas próprios à neurose, estará aberto, ou seja, à medida que o laço transferencial aumenta, o analista deve se atentar para o fato de que as atuações serão mais frequentes. O paciente buscará, da forma mais intensa, colocar o analista na sua série psíquica e atuar com o mesmo. Não são raros os casos de pacientes que se dizem enamorados pelo analista, e que tentam fazer com que essa paixão se realize. Certamente o paciente não tem consciência dessa atuação e repetição, e Freud nos alerta que “enquanto o paciente se acha em tratamento, não pode fugir a esta compulsão à repetição; e, no final, compreendemos que esta é a sua maneira de recordar” (FREUD, [1914b]/1996, v. 12, p.166).

Mais adiante, sobre a relação dessa compulsão com a resistência e a transferência, Freud coloca que a relação da transferência com a compulsão à repetição é que importa, e salienta “(...) percebemos que a transferência é, ela própria, apenas um fragmento da repetição e que a repetição é uma transferência do passado esquecido, não apenas para o médico, mas também para todos os outros aspectos da situação atual” (FREUD, [1914b]/1996, v. 12, p. 166).

E é nesses fragmentos de repetição que o analista deve atuar, sempre se atentando para o aspecto de resistência que toda relação transferencial oferece. A repetição, enquanto ato, oferece um fator dificultador para o analista, pois essa confirma que a resistência foi

acentuada, e que por sua vez, será mais difícil acessar os conteúdos inconscientes. Ao analista cabe travar uma luta com o paciente visando manter, na esfera psíquica, todos os impulsos que este (paciente) gostaria de dirigir para a esfera motora.

Para detalharmos melhor acerca dessa faceta do amor na psicanálise, abordaremos, especificamente, acerca da transferência positiva. Ressaltamos ainda que a transferência é imprescindível para a execução do tratamento.

2.2.1 A transferência amorosa

Dentre tantos sentimentos, conteúdos, que podem ser provocados numa relação analítica, o amor está entre eles. Numa relação entre analista e paciente, os mais diversos impulsos inconscientes, sintomas e repetições podem ser revividos e colocados na pessoa do analista. E como Freud nos ensinou, as raízes desses geralmente estão na sexualidade infantil.

Quando um paciente crer estar apaixonado pelo analista, estamos diante da transferência amorosa. E como qualquer outra manifestação da transferência, ela surge como resistência que deve ser contornada para o prosseguimento do tratamento. E, também, surge para impedir que os impulsos inconscientes sejam trazidos à consciência.

Freud escreveu um artigo para tratar desse tema especificamente. Em “Observações sobre o amor transferencial”, texto publicado em 1915 e encontrado no volume XII de suas Obras, Freud fez diversas recomendações àqueles que se propõem a trabalhar com a psicanálise e se deparam com a manifestação do amor na transferência.

A transferência amorosa resulta no fato de o paciente transferir, para o analista, intensos sentimentos de afeição, e isso não apresenta vantagem para o tratamento, pelo contrário, como assinalou Freud, quanto maior a intensidade do sentimento transferido, maior será a resistência a ser vencida no tratamento analítico. A demanda de amor feita pelo paciente, nada mais é que uma expressão da resistência.

Freud faz uso de um exemplo, em que uma paciente se enamora pelo médico, para nos atentar acerca das características dessa relação e de como lidar com esse amor.

Em muitos casos, ao iniciar um tratamento, o paciente demonstra um especial interesse pela pessoa do analista; mostra-se amável, reagindo de modo a favorecer as interpretações realizadas pelo analista; esforça-se por compreender essas interpretações e se coloca de forma disponível ao tratamento, favorecendo bons progressos no tratamento, acarretando numa melhora de alguns aspectos da doença. Todavia, isso não perdura. Rapidamente aparecem dificuldades no tratamento; a paciente se coloca como incapaz de cumprir a regra da

associação livre. Demonstra certo desinteresse pelo trabalho e às colocações do analista (FREUD, [1915a]/1996, v. 12).

Freud se atentou que essa dificuldade, ou resistência, agora apresentada no tratamento, é devido ao fato de que a paciente desenvolveu uma afeição em relação ao analista, desviando assim o foco do tratamento e por vezes coloca o analista em situações embaraçosas (FREUD, [1915a]/1996, v. 12). E faz um alerta para os que trabalham com a psicanálise:

Para o médico, o fenômeno significa um esclarecimento valioso e uma advertência útil contra qualquer tendência a uma contratransferência que pode estar presente em sua própria mente. Ele deve reconhecer que o enamoramento da paciente é induzido pela situação analítica e não deve ser atribuído aos encantos de sua própria pessoa; de maneira que não tem nenhum motivo para orgulhar-se de tal „conquista“, como seria chamada fora da análise. E é sempre bom lembrar-se disto. (FREUD, [1915a]/1996, v. 12, p.178).

Se o paciente não tem consciência do enamoramento pelo analista, o contrário não deve ocorrer. O analista deve ter o conhecimento do que é o amor transferencial, ou seja, que esse é manifestação da resistência, bem como material de trabalho analítico. E como Freud deixa explícito em seus textos: o amor transferencial é uma ferramenta de trabalho e, portanto, deve ser estudada, como outro fenômeno da psicanálise, a fim de auxiliar no tratamento do paciente.

Pode ser que diante da manifestação amorosa de algum paciente, um profissional possa optar por três caminhos possíveis, que são sinalizados no texto de Freud, a saber: o afastamento total do paciente; a interrupção do tratamento para a vivência dessa paixão; ou ainda continuar o tratamento e manter uma relação amorosa com o paciente. Nenhuma dessas opções seria fazer psicanálise. E o diferencial está justamente aí: a proposta de Freud foi a de utilizar essa manifestação amorosa como ferramenta para o tratamento analítico. Como sabemos sem ela o tratamento não é possível.

O amor transferencial não deve ser reprimido, pois isso em nada ajudaria a paciente a lidar com seus sintomas; nem instigado, visto que o próprio analista não tem total controle sobre si, como o autor nos alerta. Se, para Freud, essa forma de manifestação do amor não deve ser incentivada, nem reprimida, sua proposta é o diferencial do que era técnico até então. Segundo Freud, “o tratamento deve ser levado a cabo na abstinência. (...) Em vez disso, fixarei como princípio fundamental que se deve permitir que a necessidade e anseio da paciente nela persistam, a fim de poderem servir de forças que a incitem a trabalhar e efetuar mudanças” (p.182), ou seja, o analista deve lidar com essa manifestação amorosa, sem oferecer o que a paciente pede (vivência da paixão), até porque sabemos que o analista só foi colocado na série psíquica da paciente visando o não tratamento, e sendo assim, o amor deve

ser trabalhado no espaço da análise. Podemos levantar a questão que o amor aparece como ferramenta e como objeto do tratamento, o que é característico da transferência.

Essa postura em muito diferencia da técnica até então existente a respeito da manifestação amorosa de um paciente em relação ao médico. cremos que Freud foi o primeiro cientista a colocar o amor no campo científico buscando utilizá-lo como ferramenta para o tratamento. Freud desenvolveu um aporte teórico sobre o assunto: o qual estamos acompanhando ao longo desse trabalho. Não estamos dizendo que outros campos científicos não dissertassem sobre o tema do amor, entretanto foi Freud quem se dispôs a não recuar diante da manifestação amorosa de um paciente e, com postura ética, permitir que esse amor fosse dito visando uma evolução da neurose do paciente. É importante sempre nos lembrarmos desse ponto, visto que a finalidade do capítulo é ressaltar essa postura inovadora em relação ao tema do amor.

Essa novidade então trazida por Freud, a de trabalhar o amor na análise, visa desvendar a escolha do objeto infantil, assim como já sinalizamos, o amor (transferencial ou não) remonta da repetição das imagos infantis e das fantasias em torno dela. Isso aparece em alguns momentos dos textos de Freud, e é algo que será tratado no próximo tópico: as origens dessa escolha objetal infantil.

Ressaltemos também outras características dessa forma amorosa que acontece no ambiente analítico. Encontramos, nos textos freudianos, que esse amor tem um grau menor de liberdade do que as formas amorosas que acontecem fora da análise; é um amor que é intensifica pela resistência (como já sinalizado) e, como Freud coloca, é menos sensato, menos interessado nas consequências. Acerca do trabalho do analista frente a esse amor, temos:

(...) Ele evocou este amor, ao instituir o tratamento analítico a fim de curar a neurose. (...) É-lhe, portanto, evidente que não deve tirar qualquer vantagem pessoal disso. A disposição da paciente não faz diferença; simplesmente lança toda responsabilidade sobre o analista. (...) Para o médico, motivos éticos unem-se aos técnicos para impedi-lo de dar à paciente seu amor. O objetivo que tem de manter em vista é que a essa mulher, cuja capacidade de amor acha-se prejudicada por fixações infantis, deve adquirir pleno controle de uma função que lhe é de tão inestimável importância (...). (FREUD, [1915a]/1996, v.12, p.186).

Percebemos, por esse trecho extraído do texto, que a responsabilidade é do analista em usar o amor transferencial como ferramenta, e ratifica a importância desse elemento analítico. Mais adiante o autor encaminha o encerramento do texto sinalizando que o analista tem uma dura batalha a travar na análise, devido à transferência, mas não se deve recuar, pois acredita

que a neurose não se cura com remédios; e ainda que o analista precisa conduzir a paciente pelo período primevo de seu desenvolvimento mental buscando superar as fantasias infantis.

Reiteramos que, o que foi exposto aqui, acerca da transferência, é suficiente para sustentarmos a ideia de que Freud criou um método a partir de uma faceta do amor. Acompanhamos, por meio dos fragmentos dos textos, essa criação. Dessa maneira acreditamos que está explícito que o amor foi colocado no campo do saber, da ciência: o amor ocupou um novo lugar. Reconhecemos nossa limitação em afirmar que Freud foi o único a realizar tal tarefa, mas desconhecemos outro autor que tenha realizado tal feito.

Passemos agora para outro ponto importante para demonstrarmos o estudo do amor no campo científico.

2.3 Sexualidade, Édipo e amor

Quando na primeira parte desse capítulo versamos sobre o encontro de Freud com as históricas, e que desse encontro Freud elaborou a teoria da fantasia de sedução, já sinalizamos que essa fantasia remontava da mais tenra infância. Na segunda parte, ao falarmos sobre amor de transferência, também concluímos, a partir dos textos freudianos, que a transferência tem relação com uma substituição de uma imago infantil. Dessa maneira, tornou-se fundamental discutir sobre a teorização de Freud acerca da infância, mas propriamente da sexualidade infantil e de como Freud constrói a ideia do amor na vivência da criança, visto que o amor (posteriormente) é um amor de repetição. Mostraremos o estudo do amor no que concerne à primeira experiência amorosa que, como sabemos, será revivida posteriormente.

2.3.1 A teoria da sexualidade infantil

O tema da sexualidade é bastante tratado na psicanálise. Freud se esforçou para estabelecer o desenvolvimento da sexualidade infantil, uma vez que "muito antes da puberdade já está completamente desenvolvida na criança a capacidade de amar" (FREUD, [1905b]/1996, v. 7, p. 125). Esse pequeno trecho demonstra o que já havíamos mencionado nesse trabalho: que Freud não pensava o fenômeno amoroso estando restrito à vida adulta, mas sim, seu efeito na constituição da sexualidade e sua relação com a mesma, logo, ao se estudar a sexualidade, estuda-se o amor, dado sua relação intrínseca.

O primeiro ponto que esclarecemos é que: para Freud a sexualidade era concebida para além da anatomia, ou seja, não estava relacionado somente com a lógica reprodutiva. Dessa maneira ele estabeleceu uma ruptura com o modelo até então existente que entendia a

sexualidade como a junção entre o „macho e a fêmea“ com o objetivo de reprodução. Era uma sexualidade instintiva.

Freud teoriza a sexualidade como algo pulsional²² e, assim sendo, ela está presente também nas crianças, pois não se trata dos órgãos sexuais; não é baseada na biologia do corpo, mas está relacionada com o olhar da criança, a boca, os gestos, etc. É uma sexualidade que aparece a partir das trocas que o sujeito realiza com o mundo, e ele percebeu isso a partir dos atendimentos e observação dos sintomas. Nesse sentido Freud coloca:

Devo primeiramente esclarecer, repetindo o que já disse em outras publicações, que essas psiconeuroses, até onde chegam minhas experiências, baseiam-se em forças pulsionais de cunho sexual. Não quero dizer com isso apenas que a energia da pulsão sexual faz uma contribuição para as forças que sustentam os fenômenos patológicos (os sintomas), e sim asseverar expressamente que essa contribuição é a única fonte energética constante da neurose e a mais importante de todas, de tal sorte que a vida sexual das pessoas em pauta expressa-se de maneira exclusiva, ou predominante, ou apenas parcial, nesses sintomas. (FREUD, [1905b]/1996, v. 7, p. 154-155).

Podemos entender então que, mesmo a criança, será impactada por essas pulsões, visto que não se trata do desenvolvimento dos órgãos sexuais, mas sim de uma sexualidade que perpassa todo o corpo. Por isso Freud escreveu sobre uma sexualidade infantil. No texto de 1905, “Três ensaios...”, Freud afirma que as crianças obtêm prazer a partir de atividades cotidianas relacionadas ao corpo, tais como: a defecação, a sucção e a masturbação. Ele nomeou a sexualidade infantil como perversopolimorfa. Nomeou essas atividades de perversas, pois elas não têm o objetivo de reprodução visto que não têm um objeto sexual, mas sim obtêm prazer nas chamadas zonas erógenas²³, e elas assumem diversas formas, pois como colocamos, obtêm-se prazer nas diversas partes do corpo.

²² De acordo com Freud temos: “Por “pulsão” podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do “estímulo”, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida da exigência de trabalho feito à vida anímica. O que distingue as pulsões entre si e as dota de propriedades específicas é sua relação com suas fontes somáticas e seus alvos. A fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico” (Freud, 1905, p.159). Trecho acrescentado à terceira edição dos “Três Ensaio” em 1915.

²³ Sobre o conceito de „zonas erógenas“ Freud coloca: “A uma dessas classes de excitação designamos como a que é especificamente sexual, e referimo-nos ao órgão em causa como a “zona erógena” da pulsão parcial que parte dele. (...) Elas se comportam em todos os aspectos como uma parte do aparelho sexual. Na histeria, esses lugares do corpo e os tratos de mucosa que partem deles transformam-se na sede de novas sensações e de alterações da inervação – e mesmo de processos comparáveis à ereção –, tal como os próprios órgãos genitais diante das excitações dos processos sexuais normais. O sentido das zonas erógenas como aparelhos acessórios e substitutos da genitália evidencia-se com maior clareza, dentre as psiconeuroses, na histeria, mas isso não implica que ele deva ser menos valorizado nas outras formas de doença” (Freud, 1905, p.159-160).

Entendemos então que sexualidade, aqui, está relacionada com a obtenção de prazer, de satisfação, e desvinculada da necessidade, ainda que se apoie nela. E, ainda, que sexualidade se orienta pela ideia de pulsão. Podemos dizer, em outras palavras, que pulsão são marcas psíquicas do princípio da atividade do organismo humano, e são essas marcas que estão por trás do desejo humano. O desejo, dessa maneira, seria uma busca incessante para satisfazer essa primeira marca prazerosa. É importante ressaltarmos também que a pulsão é sempre da ordem do inconsciente.

O corpo da criança é fonte de satisfação, de trocas com o mundo. Inicialmente a criança obtém prazer do próprio corpo (pulsões parciais autoeróticas). Não há necessidade de nenhum objeto externo produzir estímulo.

Freud propõe a organização da vida infantil a partir de 4 (quatro) fases de desenvolvimento: oral, sádico-anal, fálica e genital. Já na vida adulta a vida sexual se organiza em torno da fase genital, quando há o desenvolvimento satisfatório da sexualidade. Considerando o objeto desse estudo, não trataremos aqui, minuciosamente, da organização psicosexual. Reforçamos que buscamos explicitar o tratamento científico dado ao amor, bem como a temas que se relacionam com o mesmo.

Lembramos aqui que o primeiro objeto da pulsão sexual é o seio da mãe, é nessa experiência que a criança percebe que é possível obter satisfação para além da necessidade alimentar. Essa atividade de sugar o seio da mãe será substituída, visto que a mãe não se encontra à inteira disposição da criança, no entanto a boca permanece como fonte de satisfação, e será utilizada como fonte de satisfação psíquica sugando outros objetos. O seio da mãe produz uma satisfação psíquica, pois tem uma relação afetiva entre mãe e criança, inicia uma simbolização do mundo para o bebê.

Sobre o objeto sexual da amamentação, e no nosso trabalho é importante ressaltar que:

Todavia, desses primeiros e mais importantes de todos os vínculos sexuais, resta, mesmo depois que a atividade sexual se separa da nutrição, uma parcela significativa que ajuda a preparar a escolha do objeto e, dessa maneira, restaurar a felicidade perdida. Durante todo o período de latência a criança aprende a *amar* outras pessoas que a ajudam em seu desamparo e satisfazem suas necessidades, e o faz segundo o modelo de sua relação de lactante com a ama e dando continuidade a ele. (FREUD, [1905b]/1996, v. 7, p. 210).

Consideramos importante essa citação porque nela Freud afirma a conexão entre essa primeira experiência de satisfação e a forma de amar, sendo essa uma tentativa de restaurar o estado fantasioso de satisfação vivenciado na primeira experiência.

Não prosseguiremos com mais detalhes dessa fase, nem colocaremos acerca das outros, visto que isso seria um desvio desnecessário em nosso trabalho. Falamos aqui da experiência de amamentação, pois essa, segundo Freud, é modelar para todas as outras²⁴.

Enfocaremos no assunto do Complexo de Édipo a seguir, pois esperamos esclarecer acerca das vivências nesse período e de sua influência na escolha do objeto amoroso na vida adulta.

2.3.2 *O complexo de Édipo*

Em Freud é difícil colocar um conceito como central na teoria, pois ao longo dos anos, vários temas e conceitos aparecem como fundamentais. Mas é inegável que “Complexo de Édipo” é um dos pilares dessa teoria.

Percebemos, em vários momentos, que Freud, em diversos casos, já tinha uma ideia acerca de algum assunto. Mas, por vezes, o conceito só apareceria anos mais tarde. No item anterior buscou-se construir esse raciocínio em relação à „transferência“.

Com a teorização do conceito do „Complexo de Édipo“ não foi diferente. Em vários textos é possível encontrar ideias prematuras de toda a teorização²⁵, mas só em 1924 que Freud dedicou um texto para tratar explicitamente do tema. Trata-se do texto “A dissolução do Complexo de Édipo”. Esse nome remete à tragédia grega “Édipo Rei”²⁶, a qual não descreveremos aqui.

Investigando os relatos dos pacientes e articulando com a teoria, Freud percebeu que a primeira relação amorosa que mais tardiamente influenciará as relações dos adultos, se origina das primeiras ligações amorosas que a criança tem, a saber: com os pais. É aqui que Freud toma o drama de Édipo para utilizá-lo como uma metáfora buscando descrever as importantes relações entre pais e filhos.

Assim como Édipo não conseguiu fugir de seu „destino“, da profecia realizada pelo Oráculo, nenhuma criança também consegue escapar do Complexo de Édipo. Recorre-se aqui ao que Nasio (2007) coloca como ponto de partida de seu livro:

²⁴ Para aqueles que se interessarem pesquisar mais a respeito do tema do desenvolvimento psicosssexual infantil, indicamos a leitura dos textos: “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” de 1905, vol. 7; “Conferência XXI: O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais” de 1917, vol. XVI; e ainda 3 textos que se encontram no vol. 19: “A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade”; “A dissolução do complexo de Édipo” e “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”.

²⁵ “A Interpretação do Sonhos” (FREUD, 1900/1996); “Fragmento da análise de um caso de histeria” (FREUD, 1905/1996); “Sobre as teorias sexuais das crianças” (FREUD, 1908/1996); “Romances familiares” (FREUD, 1909/1996); e “Análise de um fobia em um menino de cinco anos” (FREUD, 1909/1996).

²⁶ Indicamos a leitura do livro “Édipo Rei” de Sófocles.

O Édipo de que vou falar é uma lenda que explica a origem de nossa identidade sexual de homem e mulher e, além disso, a origem de nossos sofrimentos neuróticos. Essa lenda envolve todas as crianças, vivam em uma família clássica, monoparental, recomposta ou, ainda, cresçam no seio de um casal homossexual, ou até mesmo sejam crianças abandonadas, órfãs e adotadas pela sociedade. Nenhuma criança escapa ao Édipo! Por quê? Porque nenhuma criança de quatro anos, menina ou menino, escapa à torrente das pulsões eróticas que lhe afluem e porque nenhum adulto de seu círculo imediato pode evitar ser o alvo de suas pulsões ou tentar bloqueá-las. (NASIO, 2007, p. 6).

Freud já sabia disso, tanto que desenvolve toda sua „Teoria da Sexualidade“ a partir dessa ideia – de que toda criança vive o Complexo de Édipo.

Sigmund Freud²⁷ percebeu que toda criança, menino ou menina, passará por um momento em que estará enamorado por uma das figuras parentais. E que a relação criança/pais é sempre erotizada. Dessa maneira, a criança tomará um dos pais como objeto amoroso, fonte dos seus prazeres corporais. Assim sendo, Complexo de Édipo é uma fase universal na vida de toda criança em que há a triangulação na constituição familiar (pai, mãe e criança), e a partir dessa triangulação a criança terá sua estrutura psíquica definida.

Freud expõe que por volta dos quatro anos (a idade não é certa devido ao processo de amadurecimento de cada criança) de idade a criança tem interesses voltados para questões que levam a experiências de satisfação corporal (chupar o dedo, a amamentação, dentre outros), pois em seu corpo há várias fontes de prazer (zonas erógenas).

No que se refere ao psíquico, a passagem pelo Complexo de Édipo desperta na criança sentimentos de amor e ódio direcionados aos pais. Nesse sentido, já no livro “A Interpretação dos Sonhos” FREUD ([1900]/1996, v. 4, p. 261) coloca que “apaixonar-se por um dos pais e odiar o outro figuram entre os componentes essenciais do acervo de impulsos psíquicos que se formam nessa época”. Cabe ressaltar que há diferenças em relação ao menino e à menina quanto à passagem pelo Complexo de Édipo, mas não será aqui tratado por não ser imprescindível para esse estudo.

De maneira geral, a criança desenvolve um investimento objetal direcionado para a mãe, pois essa é fonte de satisfação prazerosa quanto ao fato de ser possuidora do seio e o oferece à criança. Em certos momentos do desenvolvimento teórico de Freud, o seio aparece como o objeto que oferece uma satisfação completa das necessidades da criança, e por isso ganha o status de objeto de completude, e, por conseguinte, objeto perdido.

A esse respeito Násio diz que “Em suma, a criança edipiana é arrastada por um impulso que a leva e pressiona a procurar prazer na troca sensual com os corpos daqueles a

²⁷ Toda a discussão que se segue está presente nas Obras de Freud, no entanto pode ser referenciada a vários textos (ver nota de rodapé 19), devido a isso, a explanação do conceito não foi referenciada a nenhuma data específica.

quem ama, de quem depende e que também são criaturas desejanças, criaturas que despertam e exercitam seu desejo” (NÁSIO, 2007, p.25).

Essas criaturas a quem a criança ama é um dos pais. E é em relação a elas que a criança buscará saciar todos os seus desejos. Essa experiência é marcada por muitos conflitos, já que a criança ainda não tem todos os recursos para lidar com os afetos e pulsões presentes.

Esse desejo incestuoso que toda criança tem não é bem acolhido pelo social, e ela precisa renunciar aos seus desejos para se inserir na sociedade.

Até nas sociedades mais primitivas as relações incestuosas são proibidas por alguma motivação e são punidas caso haja transgressão. Citamos aqui que Freud realiza uma discussão minuciosa acerca disso no texto “Totem e Tabu” de 1913.

Nesse texto, auxiliado por pesquisas antropológicas, Freud busca estabelecer um comparativo entre os costumes e comportamentos dos povos primitivos com a etiologia das neuroses, utilizando-se do significado de „Totem“ que para esses povos primitivos trata-se de alguma coisa (objeto, fenômeno natural, animal, e outros) “*que mantém uma relação peculiar com todo o clã*” (p.22). Na página seguinte o autor diz que “em quase todos os lugares em que encontramos totens, encontramos também *uma lei contra as relações sexuais entre pessoas do mesmo totem e, conseqüentemente contra o seu casamento*”. Ou seja, o desejo incestuoso, caso exista, é proibido.

A esse respeito o autor coloca:

Tudo o que pude acrescentar à nossa compreensão dele foi dar ênfase ao fato de que se trata fundamentalmente de uma característica *infantil*, e que revela uma notável concordância com a vida mental dos pacientes neuróticos. A psicanálise nos ensinou que a primeira escolha de objetos para amar feita por um menino é incestuosa e que esses são objetos proibidos: a mãe e a irmã. (...) Chegamos ao ponto de considerar a relação de uma criança com os pais, dominada como é por desejos incestuosos, como o complexo nuclear das neuroses. (FREUD, [1913]/1996, v.13, p. 35).

Fazendo uso desses conhecimentos provenientes da antropologia é que Freud pensará o desfecho do Complexo de Édipo.

Mais adiante nesse mesmo texto Freud recorre à análise feita por Darwin dos povos da Horda Primeva²⁸, e equipara essa análise com a saída encontrada no Complexo de Édipo, a partir da morte simbólica do pai e do recalçamento do desejo incestuoso – a internalização da lei.

Quando a criança se depara com a diferença sexual irá se perguntar os motivos que levaram ao fato de que, anatomicamente, menino é diferente de menina.

²⁸ A discussão se encontra no texto “Totem e Tabu” do livro vol. 13 das Obras de Freud. P.144 e seguintes.

Nessa idade em que a criança está passando pelo Complexo de Édipo, tanto o menino quanto a menina, é capaz de representar a perda de um objeto, já que passou por isso quando deixou de amamentar no seio, ou na mamadeira, “perdeu” uma posição privilegiada na família se nasceu um irmão depois, etc. Essa questão é importante porque é a partir da capacidade de representar uma falta que o Complexo acontece na vida da criança. No menino pela angústia de castração que se dá sua saída do Complexo; e na menina pela fantasia de privação se dá sua entrada no Édipo.

A diferença sexual se refere na presença ou ausência do pênis. E, por meio da fantasia, o menino vive o que é denominado de angústia de castração, pois teme “perder” o pênis, aquele órgão que é tão importante e valorizado por ele. É por medo dessa perda que o menino abrirá mão do desejo incestuoso que tem pela mãe, já que imagina que o pai é quem pode tirar-lhe o objeto que lhe é tão caro. O menino, nesse momento, está saindo do Complexo de Édipo. O desejo pela mãe é recalçado e a identificação, com o pai, acentuada.

Na menina, também pela fantasia (de privação), é a percepção da diferença sexual que leva a uma mudança. No entanto, não é a saída do Complexo, e sim a entrada nele. A menina percebe que a mãe, assim como ela, não possui o pênis, é aí que sua atenção se volta para o pai, elegendo-o como objeto de desejo e a mãe como rival. A menina acredita que, ao ocupar esse lugar, (de objeto de desejo do pai) ela será restituída. Com o passar do tempo, ao perceber que isso não acontecerá, a menina identifica-se com a mãe e abre mão do desejo incestuoso, que também será recalçado assim como no menino.

A atitude frente ao desejo incestuoso, tanto da menina quanto do menino, é fundamental para que na vida adulta eles possam investir libidinalmente²⁹ em objetos que não sejam os pais e terem a possibilidade de vivenciar alguma forma de amor na vida adulta.

Assim como quando tratamos do tema da „Transferência“ optamos por acompanhar o desenvolvimento teórico de Freud por acreditar que esse percurso nos possibilita a percepção de que o autor empreendeu-se na tarefa de trazer o „fenômeno amoroso“ para a discussão científica e teorizar acerca do mesmo.

2.3.3 O referencial edipiano nas relações

Se há algo em que a psicanálise não crê é numa solução simplista. Assim sendo, o desfecho do Complexo de Édipo – abrir mão do desejo incestuoso, da fantasia amorosa em relação à mãe ou ao pai – deixa resquícios.

²⁹ A respeito da Teoria da Libido, dedicaremos o próximo capítulo.

Após a fase edipiana, a criança entra na fase de latência, nessa fase seus interesses são outros, que não os de ordem sexual. Mas esse interesse fica adormecido e, na puberdade, é desperto. Com a entrada nesse período os conflitos aparecem. Talvez por isso seja uma fase tão complexa, em que é comum ver muitos conflitos entre filhos e pais, pois os primeiros desafiam a autoridade dos pais e se distanciam dos mesmos³⁰.

Em 1905, no texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” Freud expõe, acerca da escolha objetal:

Sem dúvida, o caminho mais curto para o filho seria escolher como objetos sexuais as mesmas pessoas a quem ama, desde a infância, com uma libido, digamos, amortecida. Com o adiamento da maturação sexual, entretanto, ganhou-se tempo para erigir, junto a outros entraves à sexualidade, a barreira do incesto, para que assim se integrem os preceitos morais que excluem expressamente da escolha objetal, na qualidade de parentes consanguíneos, as pessoas amadas na infância. (FREUD, [1905b]/1996, v.7, p.213).

Mas é fundamental que a escolha não seja pelos objetos amados na infância, pois assim levaria ao fim da sociedade, como colocado por Freud nos “Três ensaios...” bem como no texto “Totem e Tabu”.

Todavia, também é de conhecimento, para quem já leu alguma coisa sobre psicanálise, que escapar da influência da fantasia incestuosa é impossível. A esse respeito Freud é enfático ao dizer:

Mesmo quem teve a felicidade de evitar a fixação incestuosa de sua libido não escapa inteiramente a sua influência. Observa-se um eco muito claro dessa fase de desenvolvimento quando o primeiro enamoramento sério de um rapaz, como é tão frequente, recai sobre uma mulher madura, e o da moça, sobre um homem mais velho e dotado de autoridade, já que essas figuras lhes podem revivescer as imagens da mãe e do pai. Talvez a escolha do objeto se dê, em geral, mediante um apoio mais livre nesses modelos. O homem sobretudo, busca a imagem mnêmica da mãe, tal como essa imagem o dominou desde os primórdios da infância;. (FREUD, [1905b]/1996, v.7, p.215).

A partir dessa colocação de Freud, concluímos que, em maior ou menor grau, a escolha objetal do adulto sempre será marcada pelos resquícios da relação amorosa familiar (do complexo edípico). O que mais tarde, na vida adulta, se enquadra como a vivência no amor sexual, tem relação com a vivência edípica. Ressaltamos que não somente o amor sexual, assim como outras formas de manifestação amorosa, como já sinalizamos no subcapítulo da Transferência, visto que todas as formas de amor estão relacionadas com a sexualidade.

³⁰ Sobre esse assunto, vide p.214 dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”.

Freud ainda continua o argumento anterior dizendo que a relação da criança com os pais é fundamental para a escolha objetal posterior, e que “é fácil compreender que qualquer perturbação desse relacionamento terá as mais graves consequências para a vida sexual na maturidade” (FREUD, [1905b]/1996, v.7, p.216).

Podemos dizer que a noção de amor em Freud parte da ideia de substituição do primeiro objeto perdido (pais ou alguém que cuidou da criança). É a partir da perda de um objeto, numa época em que a criança se percebia como completa, é que abre a possibilidade para a construção de relações amorosas com o outro. Logo, sem essa perda, o laço com outro não seria possível. É preciso perder para poder amar. E essa perda se dá pela passagem pelo Complexo de Édipo, sendo essa etapa um referencial para a vivência amorosa.

Seguindo essa ideia da substituição do objeto perdido, tem-se que as relações amorosas do adulto são ecos das relações amorosas construídas na infância. É baseado nas primeiras relações infantis que o adulto investirá sua libido em um objeto específico e não em outro.

Acerca do objeto perdido, no texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” de ([1905b]/1996), Freud diz que “não é sem boas razões que, para a criança, a amamentação no seio materno torna-se a modelar para todos os relacionamentos amorosos. O encontro do objeto é, na verdade um reencontro” (p.210). Essa passagem ratifica a ideia de que as relações amorosas – o amor – é uma substituição do primeiro objeto de amor perdido.

Tomemos uma colocação que Freud expõe na análise do caso Dora quando ele menciona que a atitude da paciente em relação ao pai se assemelhava a uma esposa ciumenta (p.60). Na página seguinte Freud esclarece:

Aprendi a ver nessas relações amorosas inconscientes entre pai e filha ou entre mãe e filho, conhecidas por suas consequências anormais, uma revivificação de germes dos sentimentos infantis. Expus em outros lugares em que tenra idade a atração sexual se faz sentir entre pais e filhos, e mostrei que a lenda de Édipo provavelmente deve ser considerada como a elaboração poética do que há de típico nessas relações. É provável que se encontre na maioria dos seres humanos um traço nítido dessa inclinação precoce da filha pelo pai e do filho pela mãe, e deve-se presumir que ela seja mais intensa, já desde o início, no caso das crianças constitucionalmente destinadas à neurose, que têm amadurecimento precoce e são famintas de amor. Entram então em jogo certas influências que não abordaremos aqui e que levam à fixação desse impulso amoroso rudimentar, ou que o reforçam de tal modo que ele se transforma, ainda na infância ou, no máximo, na puberdade, em algo equiparável a uma inclinação sexual e que, como esta, tem a libido a seu dispor. (FREUD, [1905b]/1996, v.7, p. 61)³¹.

³¹ É importante colocar que, nesse trecho citado, há uma nota de rodapé que remete outros lugares (textos) que Freud aborda tal assunto. Vide nota de rodapé da página 61 dessa edição aqui usada.

Nesse trecho citado acima Freud faz referência ao mito de Édipo como uma forma de explicar as relações amorosas inconscientes. Ou seja, as relações futuras, têm como referencial o complexo edípico.

Sobre a barreira do incesto Freud diz que é o respeito à mesma que faz com que o sujeito se dirija a outros objetos que não os pais como destinatários do seu investimento libidinal e, conseqüentemente, do seu amor.

Estamos convencidos, com certa margem de segurança, que comprovamos de diversas maneiras o objetivo desse capítulo, e tornamos evidente a subversão freudiana em relação ao amor. Subversão essa que se deu ao trazer o „fenômeno amoroso“ para o campo da ciência e de tratá-lo de forma tão sistemática, colocando-o, inclusive, como imprescindível para a realização de uma análise.

Em todos os pontos discutidos: o encontro com a histeria; o percurso na teorização da transferência, e a discussão (ainda que breve) acerca do Complexo de Édipo, buscamos clarificar o esforço de Freud em construir uma teoria que tomou o amor como objeto de estudo. O esforço em realizar uma sistematização em torno desse campo. Devido a isso colocamos que Freud realizou uma subversão trazendo o fenômeno amoroso para o campo do saber, visto que esse estava mais próximo da literatura, da religião, etc.

3 AS FACETAS DO AMOR (OU SOBRE A TEORIA DA LIBIDO)

No capítulo anterior fizemos um esforço para demonstrar que Freud realizou um “giro” na maneira como o campo amoroso era entendido, e a partir desse seu trabalho, esse fenômeno foi trazido para o campo científico. Na oportunidade acompanhamos o percurso que o autor fez em direção à construção do conceito de „*transferência*“, e explicitamos que essa é uma modalidade do amor na teoria freudiana: o amor que emerge no ambiente clínico e que é uma ferramenta de trabalho. Assim sendo, não retomaremos essa modalidade do amor nessa parte do estudo.

Para apresentar outras modalidades do amor aqui privilegiadas [amor anaclítico e amor narcísico], faremos esse percurso a partir da „Teoria da Libido“, pois foi seguindo a lógica dos investimentos libidinais que Freud tratou dessas formas de amar.

Colocamos uma citação de Freud encontrada no texto “Sobre a Transitoriedade”, no Vol. XIV das Obras. Nesse o autor expõe que: “possuímos, segundo parece, certa dose de capacidade para o amor – que denominamos de libido – que nas etapas iniciais do desenvolvimento é dirigido no sentido de nosso próprio ego” (FREUD, [1916]/1996, v.14, p. 318). Tomamos esse excerto para exemplificar que, para falarmos de amor – em psicanálise – é imprescindível tratar da libido. Faremos uma discussão inicial sobre como o conceito de libido é tratado nos textos freudianos, para então entrarmos no campo amoroso, propriamente dito. Essa separação é puramente didática, visto que ao falar de libido, estamos falando em amor. Mas acreditamos ser necessário apresentar alguma conceituação acerca do assunto.

3.1 Sobre o conceito de libido

Para iniciarmos, colocamos que a palavra libido não foi utilizada somente por Freud, e pelo que encontramos no tradicional Vocabulário de Psicanálise de Laplanche e Pontallis (1978), libido é um termo difícil de ser conceituado na própria obra freudiana, logo não tentaremos defini-lo. A título de curiosidade colocamos que a palavra libido aparece na obra freudiana muito antes do texto “Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905b)”, mas nesse trabalho discutiremos acerca da teorização da libido a partir desse texto.

Para pensar em uma discussão conceitual acerca de libido/investimentos libidinais, não é possível fazê-lo sem antes explanar o termo *pulsão*.

Iannini e Tavares (2017) expõem que “em *As pulsões e seus destinos*, assistimos a um esforço obstinado de sistematização deste que, não por acaso, recebeu o estatuto de “conceito fundamental”. Tão ou mais fundamental do que o próprio inconsciente, a pulsão é um

“conceito fronteiro”, situado *entre* o corpo e o aparelho psíquico” (p.8). Percebemos então o quanto o conceito de pulsão é importante na teoria psicanalítica, e o conceito de libido foi sendo tecido junto às elaborações das teorias pulsionais. Além da importância desse conceito, os autores sinalizam a complexidade da definição do termo, inclusive por problemas de tradução. Não entraremos aqui nessa discussão, mas entendemos a importância de sinalizá-la.

O termo pulsão ganha status de conceito no texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, apesar de ter aparecido em textos anteriores nas publicações pré-psicanalíticas. Retomemos uma definição de pulsão que está localizada na nota de rodapé 18 do primeiro capítulo desse texto de Freud:

Por “pulsão” podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do “estímulo”, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida da exigência de trabalho feito à vida anímica. O que distingue as pulsões entre si e as dota de propriedades específicas é sua relação com suas fontes somáticas e seus alvos. A fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico” (FREUD, [1905b]/1996, v.7, p.159).

Percebemos por esse trecho que a pulsão é algo interno. Podemos dizer que é uma pressão interna ao organismo, diferentemente do estímulo. Freud ([1915b]/2017, p.19) sinaliza isso ao colocar que “(...) o estímulo pulsional não advém do mundo exterior, mas do interior do próprio organismo”, e o autor ainda coloca que a pulsão atua de forma constante e ainda que não é possível se livrar das mesmas por meio da fuga (p.21).

Na obra freudiana temos que as pulsões se distinguem em relação à *pressão*, *fonte*, *objeto* e *objetivo* (*meta*).

Recorremos ao texto “As pulsões e seus destinos”³² para esclarecermos essa questão. A *pressão* pode ser entendida como uma impulsão, força motora que exige trabalho para a satisfação da pulsão; A *fonte* da pulsão é originada de alguma parte do organismo, ou seja, é somática, e a sua inferência se dá a partir de sua meta; o *objeto* trata-se de um meio para atingir a meta. Ele é variável, ou seja, é possível descarregar a tensão por meio de diferentes objetos; não se trata de um objeto material, mas é algo que pode tornar a satisfação possível; e o *objetivo* ou *meta* é a descarga de uma quantidade de tensão presente no organismo. Visa sempre à satisfação. Freud salienta que a meta pode ser passiva, mas a pulsão está sempre relacionada com a atividade (FREUD, [1915b]/2017).

³² A tradução do texto aqui utilizada é uma tradução direto da língua alemã publicada em 2017.

É justamente por ser marcada por essas características que é possível diferenciar entre instinto e pulsão.

Ressalvamos que as teorias acerca da sexualidade, nessa época (final do sec. XVIII e início do sec. XIX), explicavam as condutas sexuais como sendo instintuais e pré-determinadas hereditariamente, mas ao apresentar a sexualidade como sendo pulsional, Freud possibilitou um rompimento com essa noção natural, biológica, da sexualidade.

As construções de Freud colocam que, em se tratando de sexualidade, não há norma, diferentemente de como concebia outras teorias, que entendiam que a finalidade da sexualidade era a reprodução e perpetuação da espécie.

Freud constrói sua teoria pulsional sustentando que a finalidade da sexualidade humana não é a reprodução, mas sim a satisfação. Dessa maneira podemos compreender o porquê do objeto ser variável, visto que, diferentes objetos podem atender à finalidade de satisfação. Cabe ressaltarmos que Freud, em seu texto acerca dos „destinos das pulsões“, salienta que é possível que a pulsão se fixe a um único objeto e, quando isso ocorre, trata-se de estágios muito remotos do desenvolvimento pulsional.

Aqui, podemos nos questionar acerca do fenômeno amoroso. Estando esse submetido à lógica pulsional e, em consequência disso obtém satisfação por meio de uma variedade de objetos, caso haja a satisfação com um único objeto, estaria o amor „preso“ a um estágio longínquo do desenvolvimento pulsional? Ainda não temos elementos que nos permitam responder a isso, mas foi uma questão inicial suscitada. Busquemos caminhar um pouco mais.

O desenvolvimento da teoria pulsional (estamos nos referindo à primeira delas) compreende um período histórico muito grande, com inúmeros textos. Dessa maneira seria inapropriado e uma tarefa árdua acompanhar todo esse percurso, além de ser também desnecessário, considerando o objeto dessa dissertação.

Assim sendo, faremos recortes na teorização visando realizar alguns comentários do conceito de libido, visto que esse é fundamental para dizermos acerca de algumas das formas de amar.

Há que se dizer que na primeira teoria pulsional Freud realiza uma divisão entre as pulsões, a saber: as pulsões de autoconservação – que estão relacionadas à sobrevivência do organismo; e as pulsões sexuais – que estão associadas à satisfação.

Diferentemente dos outros animais, a sexualidade do homem não é considerada instintual, como sinalizamos anteriormente, ou seja, não visa somente à reprodução e perpetuação da espécie, mas sim à experiência de satisfação que, como colocamos no capítulo anterior, está relacionado à primeira experiência de satisfação vivida pelo organismo.

Não cabe aqui fazermos uma extensa discussão acerca da diferenciação entre as pulsões, no entanto é fundamental salientar que:

O fato da existência de necessidades sexuais no homem e no animal expressa-se na biologia pelo pressuposto de uma “pulsão sexual”. Segue-se nisso a analogia com a pulsão da nutrição: a fome. Falta à linguagem vulgar [no caso da pulsão sexual] uma designação equivalente à palavra “fome”; a ciência vale-se, para isso, de “libido”. (FREUD, [1905b]/1996, v. 7, p.128).

Nesse fragmento exposto percebemos uma diferenciação entre as pulsões. E ao longo do texto Freud associa a palavra „instinto“ às pulsões de autoconservação, e a palavra „libido“ às pulsões sexuais. Chegamos ao ponto de nosso interesse nessa primeira parte. Explorar o conceito de libido, na primeira teoria pulsional, para então dizermos das formas de amar na teoria freudiana.

3.1.1 Desenvolvimento psicosexual: um percurso da libido

Acima colocamos um fragmento retirado do texto “3 Ensaaios...”, e há uma nota de rodapé que foi acrescentada em 1910, nessa Freud explica a dificuldade em definir o termo libido: “Lamentavelmente, a única palavra adequada na língua alemã “*Lust*” [“prazer”, “desejo”], é ambígua e designa tanto a sensação de necessidade quanto a de satisfação” (p.128). Todavia, apesar da dificuldade em estabelecer um significado em relação à palavra libido, podemos afirmar que a mesma está associada à sexualidade, e lembramos que sexualidade, na psicanálise, desde Freud, é muito ampla, não está associada somente à reprodução.

Lopes (2011), no artigo denominado “Breve introdução a uma história da libido: Poetas latinos, Santo Agostinho e Freud (via Foucault)”, esclarece que, historicamente, a palavra libido foi utilizada por literatos, principalmente poetas, associada a conteúdos eróticos, dessa maneira, podemos dizer que a utilização feita por Freud se aproxima do uso feito na literatura.

Tendo essa relação com a sexualidade, a libido, na fase do autoerotismo, está relacionada à obtenção de prazer [sexual] por meio do próprio corpo. Dessa maneira, o autoerotismo inaugura uma ruptura do pulsional com o instintual. O desenvolvimento libidinal se inicia com o autoerotismo e se desenvolve até o momento da escolha objetal, quando há uma tendência em um primado da zona genital, com a principal finalidade de reprodução. Todavia, Freud nos alerta que esse caminho que a libido percorre não é linear, podendo haver momentos de inércias, regressões e fixações.

Faremos um pequeno desvio com o intuito de exemplificar o que foi colocado acima. Ao falar de zonas erógenas, Freud irá dizer que a criança tem um alvo sexual infantil, e que certamente esse alvo é proveniente de uma estimulação anterior. Tomemos o exemplo do sugar. Inicialmente houve um estímulo da zona oral por meio da alimentação realizada pela mãe/pessoa que cuida da criança e, em consequência dessa estimulação, a criança passa a obter prazer sugando as partes de seu próprio corpo. Ratificando isso Freud escreve:

O alvo sexual da pulsão infantil consiste em provocar a satisfação mediante a estimulação apropriada da zona erógena que de algum modo foi escolhida. Essa satisfação deve ter sido vivenciada antes para que reste daí uma necessidade de repeti-la, e é lícito esperarmos que a natureza tenha tomado medidas seguras para que essa vivência não fique entregue ao acaso. Já tomamos conhecimento do que é que promove a satisfação dessa finalidade no caso da zona labial: é a ligação simultânea dessa parte do corpo com a alimentação. (FREUD, [1905b]/1996, p.173-174).

De maneira similar ao que ocorre com a zona oral, outras partes do corpo também serão estimuladas em algum momento e poderão assumir um papel importante no autoerotismo da criança. Como dito anteriormente, qualquer uma das zonas erógenas pode ter a libido fixada nela, ou ter uma preponderância que, em momentos de desconforto leva o sujeito a regredir sua libido até esse momento do desenvolvimento libidinal.

Essa questão é bastante relevante, já que posteriormente discutiremos acerca de algumas consequências, no campo amoroso, do desenvolvimento da teoria libidinal.

Sabemos que, após os primeiros anos da infância e a regulação das atividades autoeróticas (por meio da cultura), a criança passa pelo período que Freud denominou de „período de latência“. Nesse período a libido será desviada para outros interesses que, de imediato, parecem não ter relação com a sexualidade, mas como o próprio autor coloca “Provavelmente, às expensas das próprias moções sexuais infantis, cujo afluxo não cessa nem mesmo durante esse período de latência, mas cuja energia – na totalidade ou em sua maior parte – é desviada do uso sexual e voltada para outros fins” (FREUD, [1905b]/1996, p.167). Mais adiante acrescenta que esse processo de desvio das pulsões sexuais recebe o nome de *sublimação* e certamente é o responsável pelos grandes avanços culturais.

É importante colocar ainda que, considerando esse período do desenvolvimento teórico, Freud classificou o desenvolvimento da organização sexual infantil em „Período pré-genital“: em que haverá a predominância do autoerotismo, como já posto aqui; e „Período genital“: quando haverá a predominância da zona genital. Certamente há de se considerar as questões biológicas de maturação do órgão genital. Nesse primeiro período de

desenvolvimento sexual ocorre a escolha objetal, sendo que essa será revivida na puberdade. A esse respeito Freud esclarece que ela ocorre em dois tempos, a saber:

A primeira delas começa entre os dois³³ e os cinco anos e retrocede ou é detida pelo período de latência; caracteriza-se pela natureza infantil de seus alvos sexuais. A segunda sobrevém com a puberdade e determina a configuração definitiva da vida sexual (...) Os resultados da escolha objetal infantil prolongam-se pelas épocas posteriores; ou se conservam como tal ou passam por uma renovação na época da puberdade. Contudo, revelam-se inutilizáveis, em consequência do recalçamento que se desenvolve entre as duas fases. Seus alvos sexuais foram amenizados e agora representam o que se pode descrever como a corrente de ternura da vida sexual. Somente a investigação psicanalítica pode demonstrar que, por trás dessa ternura, dessa veneração e respeito, ocultam-se as antigas aspirações sexuais, agora imprestáveis, das pulsões parciais infantis. (FREUD, [1905b]/1996, v. 7, p.188-189).

Essa passagem é fundamental para retomarmos uma questão já sinalizada no primeiro capítulo: a de que a escolha objetal infantil é importante visto que ela incidirá sobre o sujeito levando-o a realizar escolhas posteriores que trazem traços dessa escolha infantil.

Aqui podemos sinalizar acerca das escolhas amorosas: essas também acontecerão de forma similar e, como Freud nos apontou, trazem sinais da vida sexual infantil, visto que amor não se descola da sexualidade e ainda que, mesmo as relações que não têm um objetivo sexual direto, também carregam as marcas da sexualidade infantil.

Após o período de latência, em que a libido é direcionada para outras atividades, temos a puberdade. Essa fase é o momento em que a organização do desenvolvimento sexual é marcada pela primazia da zona genital, culminando no objetivo, mas não único, de reprodução. Já no início da seção sobre “As transformações da puberdade” do texto “Três Ensaaios...”, Freud salienta essa questão:

Com a chegada da puberdade introduzem-se as mudanças que levam a vida sexual infantil a sua configuração normal definitiva. Até esse momento, a pulsão sexual era predominantemente auto-erótica; agora, encontra o objeto sexual. Até ali, ela atuava partindo de pulsões e zonas erógenas distintas que, independentemente umas das outras, buscavam um certo tipo de prazer como alvo sexual exclusivo. Agora, porém, surge um novo alvo sexual para cuja consecução todas as pulsões parciais se conjugam, enquanto as zonas erógenas subordinam-se ao primado da zona genital. (FREUD, [1905b]/1996, v.7, p.196).

Ressaltamos que, em um desenvolvimento libidinal satisfatório, no período da puberdade a libido será direcionada ao alvo sexual, do contrário, pode-se instaurar as mais diversas perturbações patológicas.

Ao se referir ao objeto sexual na fase de amamentação, Freud salienta que esse terá “parcela significativa que ajuda a preparar a escolha do objeto e, dessa maneira, restaurar a

³³ Salienta-se que até o ano de 1920 Freud colocava que era aos 3 anos. Essa discussão se encontra na nota de rodapé na página 188 da versão aqui utilizada.

felicidade perdida” (FREUD, [1905b]/1996, v.7, p.210). Podemos compreender, a partir dessa colocação, a ratificação da importância do primeiro objeto – antes associado à nutrição – para as relações futuras. Discutiremos esse ponto de maneira pormenorizada quando estivermos falando do amor como uma tentativa de reencontro do objeto perdido.

Como Freud coloca, durante o período de latência, a criança se relaciona e aprende a amar outras pessoas (aqueles que a auxiliam no desamparo), mas essas novas relações são sempre a partir do modelo da relação com a lactante. Acerca disso temos:

Talvez se queira contestar a identificação do amor sexual com os sentimentos ternos e a estima da criança pelas pessoas que cuidam dela, mas penso que uma investigação psicológica mais rigorosa permitirá estabelecer essa identidade acima de qualquer dúvida. O trato da criança com a pessoa que a assiste é, para ela, uma fonte incessante de excitação e satisfação sexuais vindas das zonas erógenas, ainda mais que essa pessoa – usualmente, a mãe – contempla a criança com os sentimentos derivados de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija e embala, e é perfeitamente claro que a trata como o substituto de um objeto sexual plenamente legítimo. (FREUD, [1905b]/1996, v.7, p.210-211).

É impossível então pensar o amor fora da esfera da sexualidade? Nos textos de Freud encontramos essa resposta: o tema do amor não está desconectado do tema da sexualidade. O que percebemos é que uma manifestação amorosa pode se mostrar inicialmente, despreziosa quanto a esse objetivo, mas o objetivo é sempre da ordem da satisfação sexual.

O que acontece na puberdade, o direcionamento da libido para pessoas com fim sexual, e que, é usualmente chamado de amor, tem íntima relação com as primeiras experiências sexuais da infância, com o primeiro objeto e as primeiras relações afetivas. Freud elucida que “(...) a pulsão sexual, como bem sabemos, não é despertada apenas pela excitação da zona genital; aquilo a que chamamos ternura um dia exercerá seus efeitos, infalivelmente, também sobre as zonas genitais” (p.211), ou seja, independente da excitação da zona genital pelos cuidadores, a pulsão sexual (a libido) será despertada e se direcionará a objetos que carregam semelhanças com as primeiras relações, com os primeiros cuidadores.

Dessa forma, temos com certa clareza que: o amor é uma substituição e, ainda, uma substituição de uma relação amorosa infantil marcada pela vivência de uma satisfação sexual.

Tentaremos demonstrar essa afirmação mais adiante, mas consideramos viável levantar uma questão: seria impossível escapar desse destino? Não haveria alguma faceta do amor que possibilita sair dessa repetição?

Em relação à forma de amar denominada de „transferência amorosa“ já conseguimos ter uma resposta. Claramente, no primeiro capítulo, explicitamos que, em se tratando de ‚transferência‘, essa modalidade amorosa é uma repetição, visto que o paciente projeta, na figura do analista, suas fantasias infantis.

Freud ainda alerta para o fato de que algumas pessoas não conseguem se desligar das figuras paternas e abrir mão do amor que sente por esses, tendo aí uma “fixação infantil da libido”. No primeiro capítulo citamos uma passagem do texto freudiano que se refere ao fato de que “mesmo quem teve a felicidade de evitar a fixação incestuosa de sua libido não escapa inteiramente a sua influência.” (p.215), isso nos leva a compreender que a libido sempre deixará marcas nas pessoas e influenciará as escolhas objetais do futuro. Com essa colocação então poderíamos dizer que nossa pergunta levantada está respondida? O amor então não escapa desse destino da repetição? Buscaremos mais elementos para responder, de forma mais veemente, esse questionamento.

3.1.2 A oposição entre libido e instintos de preservação

Busquemos agora diferenciar o que Freud chamou de pulsões de autoconservação ou pulsões do Eu e pulsões sexuais.

No artigo “A Concepção Psicanalítica da Perturbação Psicogênica da Visão” de 1910, Freud formula a oposição entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais. A esse respeito o autor coloca:

Descobrimos que cada instinto procura tornar-se efetivo por meio de idéias ativantes que estejam em harmonia como seus objetivos. Estes instintos nem sempre são compatíveis entre si; seus interesses amiúde entram em conflito. A oposição entre as idéias é apenas uma expressão das lutas entre os vários instintos. Do ponto de vista de nossa tentativa de explicação, uma parte extremamente importante é desempenhada pela inegável oposição entre os instintos que favorecem a sexualidade, a consecução da satisfação sexual, e os demais instintos que têm por objetivo a autopreservação do indivíduo – os instintos do ego. (FREUD, [1910a]/1996, v. p.223).

Segundo James Strachey (1996), em uma nota de rodapé dessa página, foi a primeira vez que Freud empregou o termo „instintos do ego” para se referir aos instintos de autopreservação. Aqui podemos salientar que está claro que, na primeira teoria pulsional, o ego não tem relação com a pulsão sexual, dessa maneira, podemos ampliar essa observação para o campo amoroso: o amor não se direciona ao ego. Dito de outra maneira, o amor [o investimento libidinal] se liga aos objetos externos. Acreditamos ser importante sinalizar essa questão devido à mudança que ocorre na teoria e que será sinalizada nas próximas páginas.

Freud então coloca que os instintos sexuais se desviam e são transformados e dirigidos para outros objetivos com o intuito de evolução da civilização. Ressalta ainda que os mesmos órgãos servem aos dois instintos, e quanto mais um órgão serve para um dos instintos, mas ele se retrai ao outro. Nas palavras de Freud:

Tanto os instintos sexuais como os instintos do ego, têm, em geral, os mesmos órgãos e sistemas de órgãos à sua disposição. O prazer sexual não está apenas ligado à função dos genitais. A boca serve tanto para beijar como para comer e para falar; os olhos percebem não só as alterações no mundo externo, que são importantes para a preservação da vida, como também as características dos objetos que os fazem ser escolhidos como objetos de amor – seus encantos. Confirma-se, assim, o adágio segundo o qual não é fácil para alguém servir a dois senhores ao mesmo tempo. Quanto mais estreita a relação em que um órgão, uma função dupla desta espécie, contra com *um* dos principais instintos, tanto mais ele se retrai do outro. (FREUD, [1910a]/1996, v. , p.225).

Não existe exclusividade instintual em relação a qualquer órgão. Nessa passagem também podemos ratificar o que apontamos: que o amor se direciona a objetos externos. Ao apontar esses dois instintos como opostos, Freud discute como se esses “travassem uma luta” para dominar os órgãos e utilizá-los em benefício de sua satisfação, e sugere ainda que muitas perturbações psicogênicas, assim como as perturbações neuróticas, têm origem desse conflito. Podemos dizer que o conflito se dá entre o eu e a sexualidade.

Nesse momento do desenvolvimento teórico da teoria freudiana, como foi discutido, a libido – como o ímpeto que busca satisfazer as pulsões sexuais – está em oposição aos instintos de preservação.

Cabe questionarmos que o amor, como sendo a expressão da libido (como na colocação de Freud no início desse capítulo), se opõe aos instintos de preservação? Amar então, nesse momento teórico, seria afastar-se dos instintos do ego? São questões que nos possibilitam questionar a construção teórica e, inclusive compreender a mudança realizada posteriormente, quando da entrada do termo narcisismo. Não podemos dizer que Freud fez esse questionamento, ou se o mesmo é plausível, mas podemos citar uma passagem importante em que Freud coloca “torna-se neurótico assim que esse objeto é afastado dele, sem que um substituto ocupe seu lugar” (FREUD, [1912b]/1996, p.249), de repente, ao se deparar com esse fato – do adoecimento diante do afastamento do objeto – Freud também foi influenciado a rever algumas de suas construções teóricas, e que isso foi uma ressonância de sua atividade clínica.

Nesse momento, libido está centrada na objetividade, ou seja, ao que está fora, separado do sujeito, dessa maneira a pulsão sexual é sempre direcionada para o exterior, para algum objeto e, conseqüentemente, o amor também.

Com a entrada do termo „narcisismo“, a teoria da libido foi mais bem delineada, o que ocasionou algumas mudanças.

3.2 Libido e o conceito de narcisismo

Como apontamos, após a introdução do termo narcisismo, a teoria psicanalítica avançou significativamente, principalmente no que concerne à teoria da libido. Pensaremos as modalidades de amor a partir do conceito de narcisismo, pois esse demarca inclusive a modalidade de „amor narcísico“.

3.2.1 As primeiras elaborações sobre o narcisismo

Em uma nota de rodapé acrescida, em 1909, à segunda edição do texto “Três ensaios...), Freud faz menção ao termo „narcisismo“ para indicar que trata-se de uma fase intermediária entre o autoerotismo e o amor objetal. Mas foi no ano seguinte, no livro XI sobre “Leonardo da Vinci” que ele faz uma referência mais extensa ao termo. Nas notas da edição inglesa³⁴, James Strachey, no texto sobre “Leonardo” coloca que “é especialmente interessante para a história da teoria da psicanálise, o aparecimento, pela primeira vez, do conceito de narcisismo” (p.72). Podemos entender que, apesar de ter se referido ao termo no ano anterior, foi em 1910 que Freud o apresentou enquanto conceito.

Pensar e discutir acerca das implicações derivadas da introdução do termo é fundamental, visto que o „narcisismo“ traz novidades para a psicanálise. Para o nosso estudo especificamente faz toda diferença, já que a partir da conceituação de narcisismo foi “desvendado” uma nova modalidade de amor, o que será discutido ainda nesse capítulo.

Ao falar da possível escolha homossexual feita por Leonardo, Freud coloca que aí trata-se de uma escolha narcísica de objeto, e ressalta como a introjeção das figuras parentais são relevantes na formação da identidade sexual do sujeito.

Quando Freud utiliza a palavra narcisismo no texto esclarece:

(...) O amor da criança por sua mãe não pode mais continuar a se desenvolver conscientemente – ele sucumbe à repressão. O menino reprime seu amor pela mãe; coloca-se em seu lugar, identifica-se com ela, e toma a si próprio como um modelo a que devem assemelhar-se os novos objetos de seu amor. Desse modo ele transformou-se num homossexual. O que de fato aconteceu foi um retorno ao autoerotismo, pois os meninos que ele agora ama à medida que cresce, são, apenas, figuras substitutivas e lembranças de si próprio durante sua infância – meninos que ele ama da maneira que sua mãe o amava quando era ele uma criança. Encontram seus objetos de amor segundo o modelo do *narcisismo*, pois Narciso, segundo a lenda grega, era um jovem que preferia sua própria imagem a qualquer outra, e foi assim transformado na bela flor do mesmo nome. (FREUD, [1910b]/1996, v. p.106).

³⁴ A coleção nesse trabalho utilizada é a da Editora Imago, 1996.

Por esse trecho aqui citado não podemos inferir que Freud já percebia que o Eu poderia ser investido libidinalmente, o que ocorreu claramente anos mais tarde. Nesse sentido Birman coloca:

No entanto, foi no ensaio intitulado “Para introduzir o conceito de narcisismo”, publicado em 1914, que o discurso freudiano passou a trabalhar o conceito de narcisismo de forma efetivamente rigorosa, articulando este registro psíquico na totalidade da teoria psicanalítica, como, aliás, o título do dito ensaio enuncia. (BIRMAN, 2016, p.25)³⁵.

Fato é que o autor sabia que algo havia ocorrido à pulsão sexual, pois, “não podemos imaginar a vida mental de nenhum ser humano sem que tivesse havido em sua formação o desejo sexual em seu sentido mais amplo – libido – mesmo que tal desejo se tivesse afastado de sua finalidade original, ou fosse refreado, e não chegasse a exercer-se” (p.108). Ou seja, Freud já deduzia que algo havia ocorrido com a libido. Mais adiante no mesmo texto, Freud expõe sua suposição “Devido à sua tendência muito precoce para a curiosidade sexual, a maior parte das necessidades de seu instinto sexual puderam ser sublimadas numa ânsia geral de saber, escapando assim à repressão. Uma parte muito menor de sua libido continuou orientada para fins sexuais e representa a atrofiada vida do adulto” (p.137). O que o autor nos esclarece é que sua libido se orientou em direção ao saber, por meio do processo conhecido como *sublimação*, e ao longo do texto, o psicanalista deixa claro que a tendência homossexual de Leonardo existe devido ao fato que ele amava sua mãe, e por isso não se orientava em direção a outras mulheres para não trair sua mãe, obviamente no nível de fantasia inconsciente.

No ano seguinte, já de posse da ideia que o narcisismo era uma fase intermediária, no texto sobre “O Caso Schreber”³⁶, Freud volta a falar sobre a escolha narcísica de objeto e essa passa a ocupar um lugar importante na teoria pulsional. Até então Freud discorria muito sobre as neuroses, e o Caso Schreber foi o primeiro caso que Freud trata da psicose a partir do livro das memórias do próprio Schreber³⁷. No caso de Schreber, Freud explica que o mesmo não conseguiu sublimar seu desejo homossexual³⁸, o que ocasionou a paranoia, que surge como uma defesa a esse desejo que é inadmissível à consciência. Assim como no caso sobre

³⁵ O título do ensaio utilizado por Birman é um pouco diferente daquele usado por nós, isso é devido à tradução e versão da obra utilizada.

³⁶ O texto é intitulado “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia” e encontra-se no volume 12 das obras de Freud.

³⁷ O título do livro escrito por Daniel Paul Schreber é “Memórias de um doente dos nervos”, publicado em 1903.

³⁸ Freud coloca que a sublimação desse desejo homossexual poderia acontecer por formas socialmente aceitáveis, como: a amizade, amor à humanidade em geral ou reconhecer-se como homossexual (p.69).

Leonardo Da Vinci, não entraremos nos detalhes minuciosos do caso Schreber, contudo optamos por destacar um fragmento do texto “Sobre o mecanismo da paranoia”:

Pesquisas recentes dirigiram nossa atenção para um estágio do desenvolvimento da libido, entre o auto-erotismo e o amor objetal. Este estágio recebeu o nome de narcisismo. O que acontece é o seguinte: chega uma ocasião, no desenvolvimento do indivíduo, em que ele reúne seus instintos sexuais (que até aqui haviam estado empenhados em atividades auto-eróticas), a fim de conseguir um objeto amoroso, sendo apenas subsequentemente que passa daí para a escolha de alguma outra pessoa que não ele mesmo, como objeto. Essa fase equidistante entre o auto-erotismo e o amor objetal pode, talvez, ser indispensável normalmente; mas parece que muitas pessoas se demoram por tempo inusitadamente longo nesse estado e que muitas de suas características são por elas transportadas para os estádios posteriores de seu desenvolvimento. De importância principal no eu (*self*) do sujeito assim escolhido como objeto amoroso já podem ser os órgãos genitais. A linha de desenvolvimento, então, conduz à escolha de um objeto externo com órgãos genitais semelhantes – isto é, a uma escolha homossexual – e daí ao heterossexualismo. (FREUD, [1911]/1996, v.12, p.68-69).

Freud ratifica o que já havia sinalizado em 1910 no texto sobre Leonardo, a saber: o narcisismo é uma fase intermediária ao autoerotismo e ao amor objetal. Depreende-se ainda daí que é possível se prender a essa fase do desenvolvimento [narcisismo] e ainda que, muitas das características dessa fase são levadas adiante quando da escolha do objeto amoroso. Sendo assim colocamos um questionamento: o amor objetal carrega a marca do amor narcísico? Busquemos tecer nossas construções.

Freud expõe ainda que, caso um sujeito não se liberte completamente do estágio do narcisismo, sua libido, que antes já havia sido sublimada, pode se intensificar e “conduzir a uma sexualização de seus instintos sociais” (p.70) e ainda que, qualquer motivo pode levar a uma regressão da libido. Logo, diante de uma frustração, a libido – antes no seu curso normal – pode regredir e, se o sujeito não desenvolveu de forma satisfatória o estágio do narcisismo, essa parte da libido pode encontrar escoamento justamente nas satisfações narcísicas.

Percebemos aqui o caráter dinâmico da libido, ou seja, que essa se movimenta, constantemente, do *Eu-objeto* e do *objeto-Eu*; o que já era indicado anteriormente quando falamos da variabilidade dos objetos capazes de satisfazerem o sujeito; no entanto, naquele momento do estudo da teoria libidinal, esse movimento acontecia em relação a objetos externos.

O processo de retirar a libido do objeto e direcionar ao Eu é denominado de regressão, quanto a esse aspecto temos que “o processo da regressão propriamente dita consiste num desligamento da libido em relação às pessoas – e coisas – que foram anteriormente amadas” (FREUD, [1911]/1996, v. 12, p.78), e que só tomamos conhecimento que houve esse desligamento quando as consequências aparecem. Freud complementa que o desligamento da

libido não é algo exclusivo da paranoia e que “(...) é bem possível que um desligamento da libido seja o mecanismo essencial e regular de toda repressão. (...) na vida mental normal (e não apenas em períodos de luto), estamos constantemente desligando nossa libido, desta maneira, de pessoas ou de outros objetos, sem cairmos enfermos” (p.79). Esse é um processo que percebemos em relacionamentos amorosos: quando há a perda do objeto, o investimento que era direcionado a esse volta-se ao Eu, para posteriormente estabelecer nova ligação com outro objeto. Se, após a regressão houver uma fixação no estágio do narcisismo, “o único objeto sexual de uma pessoa é seu próprio ego” (p.79).

De forma bastante explícita Freud coloca que o Eu será sexualizado. O que culmina no fato do Eu ser um objeto passível de investimento libidinal, é possível amar o Eu.

Mesmo já cunhando o Eu como objeto de investimento libidinal, é importante ressaltar que, nesse momento do desenvolvimento da teoria, Freud ainda faz a distinção entre instintos do ego e instintos sexuais, sendo que os primeiros possuem a orientação à autopreservação, e os segundos à preservação da espécie. Nesse sentido o autor coloca que “não podemos mais pôr de lado a possibilidade de que distúrbios da libido reajam sobre as catexias do ego” (p.82), e mais adiante reforça essa ideia quando diz “(...) que as neuroses surgem, principalmente, de um conflito entre o ego e o instinto sexual” (p.86). Podemos entender aqui o que é encontrado no texto “A Concepção Psicanalítica da Perturbação Psicogênica da Visão”, a ideia de que esses instintos estão em oposição e em conflito. Mas, como já apontamos, a relação entre libido e narcisismo já estava ganhando forma e foi sendo desenvolvida nos anos seguintes.

Em “Totem e tabu”, texto de 1913, Freud afirma que as pulsões, anteriormente isoladas umas das outras, se reúnem e catexizam o „Eu“ como objeto e que, assim como as fases do desenvolvimento psicosexual, ela (fase narcísica) também deixa resquícios e nunca é abandonada por completo, sendo assim, essa fase apresenta características que são permanentes e acompanhará o sujeito por toda a existência. Freud dirá que nessa fase intermediária, o sujeito se comporta como estando enamorado de si mesmo. Temos a sinalização de uma possível resposta para nosso questionamento. O amor objetal terá traços do amor narcísico. Mais adiante, quando discutirmos acerca das duas modalidades de amor que nos propomos aqui, esperamos ter mais elementos para responder essa questão.

Assim como no texto sobre o “Caso Schreber”, em “Totem e tabu” Freud também associa o termo narcisismo com a psicose, e foi partindo dessas elaborações que o autor chegou a um momento histórico fundamental para a construção conceitual do narcisismo e uma nova elaboração da teoria pulsional.

Sabemos que “Totem e tabu” é um dos textos sociológicos de Freud. Nesse ele estabelece uma analogia entre as características individuais dos neuróticos, a nível primitivo, com as que os povos primitivos assumiam. Busca estabelecer uma análise a partir dessa semelhança. O autor coloca que:

É sugestivo relacionar agora com o narcisismo, e conceber como uma peça essencial deste último, a elevada estima – a chamamos „sobrestimação“ a partir de nosso ponto de vista – em que os primitivos e os neuróticos tem às ações psíquicas. ...Os neuróticos tem recebido em sua constituição própria um considerável fragmento dessa atitude primitiva. (FREUD, [1913]/1996, v. 13, p.92).

A manifestação da doença neurótica, para Freud, remete a um retorno e fixação em algum ponto do desenvolvimento infantil que não se desenvolveu plenamente. Dessa forma, nesse texto, Freud também discute acerca do sentimento de onipotência dos povos primitivos e estabelece comparações com a crença infantil de onipotência de seus pensamentos e sentimentos. Vemos aí que essa fase pode ser o narcisismo infantil. Freud coloca que essa é de suma importância e influencia o desenvolvimento da criança, permitindo uma defesa contra danos ao manter afastados os sentimentos de inferioridade. Analogamente, ao investir libidinalmente no mundo externo, o sujeito permanece, até certo ponto, narcisista, a fim de evitar seu adoecimento.

3.2.2 1914: o ponto de inflexão da teoria pulsional

Não há dúvidas que nesse ano de 1914, Freud publicou o texto que é considerado o „divisor de águas“ na teoria pulsional. A opinião de Kupermann (2016) vai de encontro ao que aqui colocamos. Nesse sentido o autor escreve que “(...) De fato, naquele ano Freud promoveu uma verdadeira reviravolta em seu pensamento: no que concerne à metapsicologia, assistimos à formalização do conceito de narcisismo e suas implicações para a teoria da libido”; (KUPERMANN, 2016, p.82). Dessa maneira, retomamos alguns aspectos teóricos do texto, e posteriormente discutiremos acerca do „amor narcísico“ e „amor objetal“, visto que, ao apresentar formalmente o conceito de narcisismo, Freud coloca o „Eu“ como novo objeto de investimento libidinal, ou seja, como já mencionamos, há possibilidades de amar o „Eu“. Discutir essas duas modalidades de amor a partir do texto em questão, nos parece fazer muito sentido.

Nesse texto Freud se debruçou para compreender o desenvolvimento sexual normal, considerando agora a fase intermediária. A noção de libido ganhou novos contornos a partir dessa formalização conceitual. Podemos nos questionar acerca dessas mudanças e de como essas influenciaram no campo amoroso, visto que o amor pode ser entendido a partir dos

investimentos libidinais. Tomando essa modificação e, agora sabendo que o „Eu“ pode ser investido libidinalmente, nos perguntamos: o que essa mudança apresenta de novo acerca do fenômeno amoroso?

Até então temos que a libido é a energia que dirigimos aos objetos dos nossos desejos – ideia essa proveniente da primeira teoria pulsional. Em contrapartida à libido, temos o interesse, que é a energia despendida para a autopreservação. Dessa maneira, compreendemos que os objetos investidos libidinalmente encontram-se fora do sujeito, são externos.

Ao apresentar o „Eu“ como objeto de investimento libidinal, Freud exibiu uma nova hipótese de compreensão da dinâmica libidinal. Se antes, o movimento da libido consistia em se direcionar de um objeto a outro; agora o movimento se dá do objeto ao „Eu“ e do „Eu“ ao objeto. Estamos apenas reforçando esse ponto, visto que é aí que se dá uma diferença para a primeira construção teórica. É considerando esse núcleo teórico que seguiremos.

Já apresentamos aqui a ideia sobre „autoerotismo“. Relembramos apenas que, inicialmente, nessa fase a pulsão sexual se separa da pulsão de autoconservação. Num primeiro momento temos a amamentação como modelar. Com isso, o autoerotismo se dá quando a criança já não precisa mais do seio materno para obter o prazer pela via oral. Assim como a boca, outras partes do corpo podem oferecer a obtenção de satisfação. Nesse momento do desenvolvimento sexual, há uma fragmentação pulsional, ou seja, não existe ego ou pessoa como objeto total; não há uma unificação da imagem, e as pulsões são sempre parciais.

O narcisismo, reiterando aqui, é a fase intermediária entre as duas que já tinham sido apresentadas por Freud. Dessa maneira, podemos supor que nessa fase as pulsões já não serão mais parciais, visto que passaram por esse desenvolvimento. Também podemos entender que tampouco se direcionarão [pulsões] para um objeto externo, pois ainda não alcançou esse estágio de desenvolvimento.

Freud se questionou sobre o que aconteceria “à libido que foi afastada dos objetos externos na esquizofrenia?” (p.82), e como já mencionamos, foi na tentativa de compreender as manifestações psicóticas que Freud concluiu que “a libido afastada do mundo externo é dirigida para o ego e assim dá margem a uma atitude que pode ser denominada de narcisismo” (p.82). Dessa maneira, se é possível desinvestir do mundo externo e catexizar o próprio ego, Freud então concluiu que há uma fase de desenvolvimento psicosexual em que o “eu” é investido e essa fase é anterior ao amor objetal, até porque só é possível, à libido, retornar e se fixar a uma fase de desenvolvimento pela qual ela já passou.

A fase narcísica do desenvolvimento pode ser entendida como o momento em que as pulsões parciais se reúnem em uma unidade e encontram o „eu“ como objeto. Freud coloca de maneira bastante clara já nas páginas iniciais do texto “Sobre o narcisismo”:

(...) formamos a ideia de que há uma catexia libidinal original do ego, parte da qual é posteriormente transmitida a objetos, mas que fundamentalmente persiste e está relacionada com as catexias objetais (...). Em nossas pesquisas, tomando, como se tomou, os sintomas neuróticos como ponto de partida, essa parte da localização da libido permaneceu necessariamente oculta para nós no início. Tudo que observamos foram emanações dessa libido – as catexias objetais, que podem ser transmitidas e retiradas novamente. Também vemos, em linhas gerais, uma antítese entre a libido do ego e a libido objetal. Quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia. A libido objetal atinge sua fase mais elevada de desenvolvimento no caso de uma pessoa apaixonada, quando o indivíduo parece desistir de sua própria personalidade em favor de uma catexia objetal (...). (FREUD, [1914c]/1996, v. 14, p.83).

Além de Freud descrever a libido no sentido dinâmico, de movimento, vemos um esforço em compreender o quantitativo da libido e estabelecer uma razão entre a libido do ego e a libido objetal. Vemos, por esse trecho, uma nova oposição: desta vez entre libido do ego e libido objetal. Dessa antítese entre os dois tipos de libido, Freud busca estabelecer uma relação proporcional, visto que, quanto mais libido é empregada em uma, menos é empregado na outra.

Busquemos em Freud algum fragmento que nos ajude a compreender essa questão: “Uma observação mais detida nos ensina que ela também retira o interesse *libidinal* de seus objetos amorosos: enquanto sofre, deixa de amar” (p.89), ratificando o que foi dito anteriormente, que quando a libido é direcionada ao “eu”, automaticamente a quantidade de libido investida em objetos exteriores é diminuída.

Nesse ponto, consideramos fundamental salientar uma percepção que tivemos na leitura do texto de 1914. Parece ter havido um uso indiscriminado das palavras *amor* e *libido*, no entanto salientamos que, após releituras do texto, recolhemos que ao usar a palavra *amor*, tanto narcísico quanto objetal (anaclítico), Freud se referia à libido objetal. Essa citação do parágrafo anterior esclarece isso, ao voltar a libido para o Eu, deixa de amar. Amor então, no sentido mais estrito, sempre terá a mediação de um objeto externo.

Essas percepções de Freud estavam relacionadas às observações feitas de alguns casos (Ex: Schreber), mas ele se propôs a entender o momento em que a libido é investida no “eu” pela primeira vez, no curso de seu desenvolvimento normal. Como nos lembra Kupermann (2016): “(...) nos primórdios do processo de subjetivação, as pulsões encontram satisfações no autoerotismo, e Freud (*ibid.* p.110) postula a necessidade de uma “nova ação psíquica” para que se constitua o narcisismo, capital da libido” (KUPERMANN, 2016, p.85).

Nas palavras de Freud temos que “os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo” (p.84).

Acerca dessa ação que provocaria o narcisismo Kuppermann (2016) pontua:

(...) Por uma espécie de transmissão transgeracional, o investimento idealizado dos pais sobre o bebê, que tem a função de resgatar a onipotência já esmaecida dos primeiros, é o responsável pela emergência da entidade que, agora, concentra em si todos os privilégios diante das forças que constrangeram o narcisismo parental, bem como todos os signos da perfeição perdida: *His majesty, the baby* (idem).

Nesse mesmo caminho Birman (2016) coloca que “(...) o eu narcísico do infante seria produzido pelo desejo das figuras parentais, na medida em que aquele realizaria no futuro tudo aquilo que os pais não puderam realizar nas suas existências” (BIRMAN, 2016, p.26). Isso constituiria o narcisismo primário, ou seja, o primeiro momento em que o „Eu“ é investido enquanto unidade. Só depois de realizar esse investimento no „Eu“ é que o sujeito será capaz de direcionar a libido para algum objeto de seu interesse. A esse respeito Freud coloca que é necessário ultrapassar os limites do narcisismo e ligar a libido a objetos, e a resposta está na economia psíquica – o fator preponderante para a diminuição da libido egóica e sua posterior ligação a algum objeto está relacionado com o fato de haver um excedente de libido no ego. Para nosso trabalho é essencial ressaltar o que Freud aborda a respeito: “Um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas, num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar” (FREUD, [1914c]/1996, v.14, p.92). Com essa citação ratificamos nossa observação: amor está relacionado com a libido objetal. Podemos entender então que o „Eu“ é um reservatório de libido, e diante a um aumento dessa quantidade, é necessário direcionar parte dessa libido a objetos externos, do contrário, seu acúmulo leva ao adoecimento. Daí Freud colocar que é necessário amar para não adoecer.

O que Freud nos alerta é que, se por algum motivo não conseguirmos estabelecer uma ligação objetal da libido, estaremos fadados ao adoecimento. Assim como o fato de que é preciso também haver um quantitativo de libido egóica, que também ajuda a proteger contra o adoecimento. Amar, então, nos fornece um “escudo” contra o adoecer. Depreendemos então que, há que se ter uma dose libido do Eu, bem como de libido objetal. Não estamos falando de equilíbrio entre esses. Nos perguntamos: como saber dosar essas parcelas de libido, sendo que o excesso, ou ausência, de qualquer uma delas leva ao adoecimento? Freud ao descrever acerca das psicoses coloca que nesses casos a libido retirada dos objetos fixa no „Eu“. Haveria

aí então uma ausência de libido objetal? Podemos conceber alguma situação em que há ausência de libido do ego?

A introdução dos conceitos de libido egóica e libido objetal foram feitas por Freud a partir da ideia de complementaridade, como sinalizamos na página anterior; assim, Freud as conceituava considerando que: ao aumentar o investimento em uma, o investimento na outra diminuiria proporcionalmente.

Percebemos então que, nesse momento teórico, a libido de objeto faz oposição à libido do ego, visto que, o aumento de uma implica, necessariamente, à redução da outra. Lembremos da oposição pulsional anterior: as exigências da sexualidade (pulsões sexuais ou libido) se opunham às exigências do ego (pulsões de autoconservação ou interesse). Entretanto, ao incluir o termo narcisismo e descrever sobre uma libido egóica, Freud constata que o ego também é objeto de investimento libidinal. Há sexualidade no ego.

Sabendo que amor está diretamente relacionado ao conceito de libido, bem como à sexualidade, buscaremos tratar especificamente das modalidades de amor que são descritas no texto de 1914.

3.3 Sobre as modalidades de amor

3.3.1 Investimento libidinal (sobre a escolha objetal)

Anteriormente mencionamos que, de acordo com Freud, é necessário que uma ação psíquica aconteça para provocar o narcisismo. Essa ação possibilitaria ao sujeito formar uma imagem total de si, constituiria o ego, e o tomaria como primeiro objeto de investimento libidinal. Teríamos então o primeiro investimento libidinal e narcísico. Mas, ao longo de seu desenvolvimento, ao passar pelo impacto da experiência de castração³⁹, o ego se distancia do narcisismo primário e destina parte de sua libido para os objetos externos a ele. A libido então pode ser investida, em sua grande parte, no ego, daí o nome libido narcísica; ou nos objetos externos ao eu – libido objetal. Frisamos que, em circunstâncias adequadas, as duas formas de libido coexistem, sendo que uma será preponderante.

Como o ego é descrito como sendo um „reservatório de libido“, ao destinar parte dessa libido aos objetos, o ego agora ficará empobrecido. É importante ressaltarmos que parte dessa libido permanece investida no ego, até como uma forma de proteção ao adoecimento, como Freud assinalou. Lembramos que o movimento da libido é constante e dinâmico, dessa forma,

³⁹ Não trataremos dessa questão aqui nesse trabalho, visto que fazê-lo seria inviável. Remetemos o leitor ao texto de Joel Birman (2016) que se encontra nas referências bibliográficas.

ora o ego estará esvaziado, ora mais investido. Se parte da libido sempre estará ligada ao „Eu“, nos perguntamos: é possível amar para além do narcisismo? Podemos dizer que as outras modalidades de amor teria o narcisismo em seu núcleo?

Considerando que há esses dois tipos de libido, será a partir desses que se dará a escolha de objetos a serem investidos. Como nos salienta Kupermann (2016) “Mas, claro, há diferentes maneiras de amar, assim como distintas modalidades de escolha de objeto” (p. 86). Optamos por discorrer aqui acerca do „amor objetal“ e „amor narcísico“ considerando a escolha de objeto por apoio ou anaclítica e a escolha narcísica de objeto.

Acerca da retirada da libido dos objetos, Kupermann (2016) esclarece que:

(...) diante das vicissitudes sofridas pelas relações com os objetos, o sujeito pode retirar sua libido do mundo externo voltando-a ao Eu, caracterizando o que Freud nomeia de “narcisismo secundário”. Esse movimento de refluxo da libido é necessário, em primeiro lugar, para que o sujeito se recupere das feridas sofridas no encontro com a realidade insatisfatória; além disso, para que possa, a partir da redescritção de si promovida pelo reinvestimento da libido no Eu, promover uma “tentativa de cura” que busca a criação de novos objetos de investimento (*ibid.*, p.98). (KUPERMANN, 2016, p.85-86).

Dessa maneira, há que se ter uma frustração para que a libido seja retirada do objeto. No caso de relações amorosas isso é bastante evidente. Frente a uma frustração amorosa, o sujeito volta sua libido ao próprio „Eu“; após recuperar-se, essa libido pode ser reinvestida em outro objeto amoroso.

Na psicanálise, em um primeiro momento, as pulsões sexuais estão apoiadas nas pulsões de autoconservação (ex. Seio como fonte de alimento) e tem seu objeto indicado à sexualidade, estando associado às pessoas parentais e às vivências da infância, ratificando o que colocamos no capítulo 1: a escolha amorosa relacionada com a experiência infantil e, como uma repetição visando alcançar o estado de completude vivenciada nesse período. No caso do amor transferencial, temos que essa é uma modalidade que se enquadra nessa repetição. E em relação ao amor narcísico e amor objetal? Busquemos avançar um pouco em relação às especificidades dessas duas modalidades de escolha.

O tipo de escolha narcísica está relacionada com a imagem de si. Em relação a essa modalidade de escolha, Freud coloca:

Em conformidade com o tipo narcisista: a) o que ela própria é (isto é, ela mesma), b) o que ela própria foi, c) o que ela própria gostaria de ser, d) alguém que foi uma vez parte dela mesma. (FREUD, [1914c]/1996, v.14, p.97).

Na escolha narcísica podemos perceber uma tentativa de buscar o ideal narcísico de onipotência da infância. O ideal narcísico de onipotência - ego ideal – teria o propósito de

restaurar o contentamento consigo mesmo - narcisismo primário. Este foi perturbado durante a infância, pois, por questões da cultura, foi preciso abrir mão desse narcisismo a favor da socialização. A identificação com o objeto idealizado contribuiria para a formação tanto do ego ideal quanto do ideal do ego. A esse respeito Kupermann (2016) esclarece:

(...) o psiquismo não abre mão da sua onipotência originária (matriz do princípio do prazer) no percurso em direção ao sentido de realidade, uma derivação da montagem narcísica é a ereção, a partir do paradigma da perfeição e da completude experimentados no momento de constituição do narcisismo primário, do ideal-de-Eu, por meio do qual o sujeito pode ambicionar recuperar o narcisismo perdido da infância. (...) A identificação narcísica, promotora do engrandecimento e da exaltação do objeto, sugere uma fragilidade na constituição do narcisismo primário supercompensada pela tentativa regressiva de restauração, no ideal-do-Eu, da onipotência e da perfeição reaseguradoras próprias do narcisismo originário. (KUPERMANN, 2016, p.86).

Há uma tentativa de restaurar “aquele estado de completude”, em que o „Eu“ era seu próprio ideal. E essa é uma atitude que acontece ao longo da vida do sujeito, ou seja, também é um tipo de escolha amorosa que irá se repetir. Temos, a partir dos textos freudianos que essa escolha amorosa é muito forte, e Freud (1921, p.113) coloca que “O amor por si mesmo só conhece uma barreira: o amor pelos outros, o amor pelos objetos”.

Observamos que a primeira escolha de objeto na criança acontece a partir das experiências iniciais de satisfação. Como descrevemos anteriormente, essas escolhas são, a princípio, autoeróticas, portanto ligadas à satisfação das pulsões do ego. Assim sendo, a criança buscará naqueles que exercem a função de alimentação e proteção, depositar sua libido sexual. Vimos também que, as escolhas posteriores são pautadas na experiência com essas figuras presentes na infância.

Temos o amor objetal. Como Freud coloca, a escolha está relacionada “à mulher que o alimenta” e “ao homem que a protege”⁴⁰. Dessa maneira, baseada no instinto de preservação, a sexualidade tomaria esses objetos como sendo o modelo de amor, e posteriormente a sucessão desses. Ferreira (2004) esclarece que “Adotar como modelo o seu próprio eu está para a escolha narcísica assim como adotar as imagens materna e paterna está para a escolha anaclítica” (p.20).

Novamente, o amor aparece como uma repetição na tentativa de restaurar o que, para o „Eu“, foi vivenciado como um estado plena de satisfação. Dessa maneira, as 3 modalidades de amor que apresentamos aqui, são ecos das relações amorosas construídas na infância.

⁴⁰ Introdução ao Narcisismo, 1914, v.14.

Aqui, recorremos a uma trilogia que Freud escreveu. Essa trilogia é denominada de “Contribuições à psicologia do amor” I, II e III. No primeiro desses textos⁴¹ temos confirmado esse aspecto repetitivo: Freud começa a trabalhar o fenômeno amoroso e afirma que os homens procuram a mãe em suas escolhas objetais, e essa escolha aparece disfarçada em mulheres comprometidas, prostitutas, virgens, mulheres que precisam ser salvas ou mulheres maduras. Localizamos nesse texto que:

Essas características de relacionamentos amorosos, que ora descrevo, revelam, muito claramente, sua natureza *compulsiva*, conquanto seja algo que, até certo ponto, ocorra a qualquer pessoa que se apaixone. Mas a fidelidade e a intensidade que caracterizam a relação não nos devem levar a esperar que um único relacionamento amoroso dessa espécie possa constituir toda a vida erótica da pessoa em questão, ou ocorrer, apenas, uma vez na vida. Ao contrário, os relacionamentos apaixonados desse tipo repetem-se com as mesmas peculiaridades – cada qual uma réplica exata dos outros – sempre e sempre, nas vidas do homem desse tipo; de fato, devido a ocorrências externas, como mudança de residência e de ambiente, os objetos amorosos podem substituir uns aos outros, tão amiúde, que *se forma uma extensa série dos mesmos*. (FREUD, [1910d]/1996, v. 11, p. 173).

Temos aí o que havíamos mencionado acerca da repetição das experiências amorosas, independente de quantas forem ao longo da vida, todas serão baseadas no modelo infantil. O amor aparece como repetição da relação modelar infantil. Assim como o amor transferencial e o amor narcísico, o amor anaclítico tem essa face – que carrega as marcas da relação infantil, sendo assim, o amor – para a psicanálise – consiste em buscar reviver o estado de completude vivenciado na infância.

No caso da escolha objetal (por apoio) é possível perceber resquícios de um narcisismo primário, assim como Freud esclarece quando exemplifica a atitude dos pais em relação a um filho: “o amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior” p.98. De certa maneira, essa citação responde um de nossos questionamentos anteriores: que as outras modalidades teriam o narcisismo em seu núcleo. Ao dizer que “As escolhas narcisista e anaclítica do objeto amoroso têm como matriz o narcisismo primário” (p.21), Ferreira (2004) confirma essa questão, e mais adiante coloca que “Em ambas as escolhas, o que está em jogo é o amor como sentimento da paixão, que tem como característica a supervalorização do objeto ou de si mesmo” (p.22).

Dessa maneira, a escolha para se amar alguém, está em conformidade com uma dessas formas. Nenhuma dessas apresenta-se de forma pura, mas predominantemente. Freud alerta acerca disso:

⁴¹ Um tipo especial de escolha de objetos feita pelos homens, 1910, v.11.

Não concluímos, contudo, que os seres humanos se acham divididos em dois grupos acentuadamente diferenciados, conforme sua escolha objetual se coadune com o tipo anaclítico ou o narcisista; pelo contrário, presumimos que ambos os tipos de escolha objetual estão abertos a cada indivíduo, embora ele possa mostrar preferência por um ou por outro. Dizemos que um ser humano tem originalmente dois objetos sexuais – ele próprio e a mulher que cuida dele – e ao fazê-lo estamos postulando a existência de um narcisismo primário em todos, o qual, em alguns casos, pode manifestar-se de forma dominante em sua escolha objetual. (FREUD, [1914c]/1916, v.14, p.94-95).

Conforme sinalizamos, a libido faz um movimento constante, ela não é estática. Na teoria freudiana temos que a palavra libido é um termo para descrever o dinamismo da sexualidade, o movimento. Dessa forma, uma quantidade de libido investida no mundo exterior pode retornar ao ego diante de uma frustração. E quando essa frustração for superada, a libido pode novamente ser direcionada a objetos externos. Já mencionamos também que, Freud, analisando casos de psicose, percebe que a libido pode retornar ao eu, mas no caso específico das psicoses, há uma fixação após esse retorno e, em consequência, não faz novo investimento em objetos do mundo. A esse respeito Kupermann (2016) alerta:

O risco inerente a esse movimento alternante entre libido do Eu e libido de objeto é o da estagnação patológica por meio da inflação do narcisismo secundário, comprometendo o processo de recriação de si e de encontro de novos objetos de satisfação libidinal; justamente o que ocorre nos quadros clínicos descritos por Freud: tanto nas neuroses narcísicas (esquizofrenia/parafrenia e paranoia) como, também, nas neuroses de transferência (histeria, neurose obsessiva e fobias), nas quais há uma hipertrofia do investimento nas fantasias e uma consequente perda da realidade (Freud, 1914c, 1924e), (KUPERMANN, 2016, p. 86).

Não podemos dizer que a libido objetual é nula, em alguns desses estados. O que Kupermann sinaliza, baseado em Freud, é que, em casos que há hipertrofia libidinal, tem-se o adoecimento. Logo, não temos elementos pra falar de uma ausência de libido objetual. Mas temos elementos que ratificam o que já apontamos anteriormente a partir dos textos de Freud: o amor é um fator de enfrentamento ao adoecimento.

Acerca das escolhas objetuais, Freud coloca o masculino no lugar de atividade, dessa maneira há uma prevalência na escolha anaclítica; por sua vez, o feminino teria maior tendência a uma escolha narcisista. Nesse sentido, por estarem do lado da escolha narcisista, as mulheres querem ser amadas e não amar, sendo que isso é compatível com sua passividade; existe uma fantasia de que basta a si mesma, no entanto precisa do outro para dizer e demonstrar que a ama. Àqueles que estão do lado da atividade e, conseqüentemente, fez a escolha anaclítica, depositariam sua libido no objeto. Para Freud “um indivíduo que ama priva-se, por assim dizer, de uma parte do seu narcisismo, que só pode ser substituída pelo amor de outra pessoa por ele” (FREUD, [1914c]/1996, p. 105). Temos, em Freud, um impasse em se tratando de relação amorosa, considerando que as formas de amar não se

complementam, visto que, em uma há um investimento maior de libido objetal (anaclítica) e o ideal seria seu ego receber um investimento proporcional do outro objeto, mas isso, na maioria das vezes não acontece, já que o objeto ama narcisicamente.

A libido objetal não pode existir sem seu estágio anterior – a libido egóica. Nesse sentido, na Conferência XXVI intitulada “A teoria da libido e o narcisismo”, Freud ressalta esse ponto ao colocar que o narcisismo é um estágio universal e original, e somente a partir dele é que o amor objetal pode se desenvolver, e ainda, como já mencionamos aqui no texto, uma parcela do narcisismo continuará a existir e coexistir com o amor objetal.

O narcisismo é um conceito estrutural. Achamos conveniente ressaltar essa questão aqui, posto que, na atualidade há um apego ao termo „narcisismo” para descrever o momento social, mas ressaltamos que são coisas distintas. Freud falava de um conceito que é determinante no desenvolvimento da sexualidade infantil, Birman (2016) apresenta essa discussão.

Falamos que o amor, na teoria freudiana, aparece como uma repetição das relações modelares da primeira infância e, partindo disso, gostaríamos de discutir um pouco mais sobre essa tentativa de restaurar a satisfação perdida na infância.

3.3.2 Mais algumas considerações

Na teoria freudiana, o termo „amor” não aparece como um conceito formulado. O que encontramos são diferentes usos para a palavra ao longo do desenvolvimento teórico da psicanálise. A cada período podemos localizar as diferentes articulações que o autor usou com relação a essa palavra. Assim sendo, buscamos apresentar esse fenômeno a partir de alguns aspectos. Sabemos, bem como não temos essa pretensão, que a discussão não se esgotará nesse trabalho.

Paz (2009) realizou um estudo sobre o fenômeno amoroso na obra freudiana e, coloca que, as primeiras referências que Freud faz ao amor são encontradas nos seus relatos clínicos sobre a histeria, como abordamos no capítulo anterior. Freud ressalta que “usamos a palavra „sexualidade” no mesmo sentido compreensivo que aquele em que a língua alemã usa a palavra lieben („amar”).” (FREUD, [1910c]/1996, v. 11, p. 234). Percebemos a relação entre ambos, o que já foi apontado aqui.

Ao estudar a histeria, Freud se deparou com uma situação comum a todos os casos clínicos: as pacientes histéricas buscam incessantemente o amor que, como Freud nos mostrou, tem suas raízes nas relações parentais infantis. Não estamos dizendo que aqueles que não são histéricos, não busquem o amor, mas foi a partir da histeria que Freud tirou as

primeiras conclusões em relação a esse tema. Nesse momento Freud reconheceu que havia, na neurose, uma ânsia por amor, que foi entendida como uma ânsia sexual. Sexualidade e amor se colocam de forma indiferenciada. O autor diz:

O processo de cura é realizado numa reincidência no amor, se no termo „amor“ combinamos todos os diversos componentes do instinto sexual; tal reincidência é indispensável, pois os sintomas que provocaram a procura de um tratamento nada mais são do que precipitados de conflitos anteriores relacionados com a repressão ou com o retorno do reprimido, e só podem ser eliminados por uma nova ascensão das mesmas paixões. Todo tratamento psicanalítico é uma tentativa de libertar o amor reprimido que na conciliação de um sintoma encontrara escoamento insuficiente. (FREUD, [1906/07]1996, v. 9, p.82).

Por esse trecho temos confirmadas as duas questões: a ligação do amor e sexualidade; e o amor como ferramenta de tratamento. Podemos depreender desse trecho ainda que, uma insatisfação amorosa é vista como importante na causação da neurose. Dessa maneira consideramos importante colocarmos que, o amor então é entendido como fundamental para evitar um sofrimento, o que já foi prenunciado nesse trabalho. Freud salienta isso ao dizer que “um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar” (FREUD, [1914c]/1996, v.14, p.92).

Podemos retomar as discussões do “Caso Dora” para ratificar esse argumento. Ao analisar os sonhos da paciente, Freud conclui que a sexualidade (o amor) reprimida ocasionava o adoecimento neurótico. O autor escreve que:

(...) É que, se Dora se sentia incapaz de ceder ao amor por esse homem, se recalcava esse amor em vez de entregar-se a ele, a nenhum outro fator essa decisão se prendia mais intimamente do que a seu gozo sexual prematuro e as consequências dele – a enurese, o catarro e o asco. Tal história primitiva, conforme o somatório dos determinantes constitucionais, pode construir o fundamento para dois tipos de conduta frente às exigências do amor na maturidade: ou uma entrega plena à sexualidade, sem nenhuma resistência e beirando a perversão, ou, por reação, o repúdio da sexualidade no adoecimento neurótico. (FREUD, [1905a]/1996, v.7, p. 87).

É de conhecimento de todos que têm alguma afinidade com a psicanálise que, para Freud, a sexualidade é, desde o início de sua obra, considerada estruturante para pensar a clínica e entender os casos. Podemos dizer inclusive que a sexualidade se sobrepõe aos aspectos biológicos e processos naturais do desenvolvimento humano. Então, como localizamos nos textos freudianos, o amor também é estruturante, considerando essa aproximação entre amor e sexualidade, e também pelo que apresentamos nos tópicos anteriores (acerca especificamente da discussão da economia libidinal).

Quando do desenvolvimento dos “Três ensaios...”, ressaltamos que o amor estaria ligado à ideia de felicidade, visto que o amor aparece como uma tentativa de restaurar o estado de satisfação vivido anteriormente. Freud salientou, diversas vezes, que a constituição do sujeito leva-o a buscar esse estado fantasioso, e a não encontrá-lo, e que esse é um movimento do sujeito ao longo da vida. A busca por esse objeto, que restauraria o estado de „perfeição“ e completa satisfação, está diretamente relacionada com as experiências e modelos infantis. O amor pode ser visto como protótipo infantil.

Em Freud encontramos que amar está relacionado com a dependência que temos do outro, considerando que, inicialmente, nos encontramos em um estado de desamparo. Na mais tenra infância precisamos que „um outro“ cuide e satisfaça nossas necessidades mais básicas. Seríamos repetitivos se novamente colocássemos o que foi exposto no primeiro capítulo, mas vale apresentar um pequeno fragmento do texto freudiano a fim de ratificar essa colocação. O autor afirma que “a criança aprende a *amar* outras pessoas que a ajudam em seu desamparo e satisfazem suas necessidades, e o faz segundo o modelo de sua relação de lactente com a ama e dando continuidade a ele” (FREUD, [1905b]/1996, v. 7, p. 210).

Dessa maneira, as primeiras relações da criança com o mundo externo são determinantes para as futuras relações e ainda, são marcadas pela sexualidade. Por meio das pulsões parciais, a criança buscará sua satisfação. E esse movimento se repete infinitamente.

Podemos dizer que, o amor consistiria então em encontrar um objeto específico para depositar a libido, e por meio dessa relação estabelecida com esse objeto, tentar reeditar as primeiras relações amorosas infantis; o objeto que seria amado segundo o modelo infantil.

Pelo que foi exposto até aqui podemos afirmar que o amor estaria relacionado a um estado de dependência. Freud descreve essa dependência como sendo uma dependência primária em relação às outras pessoas, considerando que precisa-se do outro para sobreviver. A escolha do objeto amoroso se daria a partir dos modelos parentais, e seria uma tentativa, frustrada – diga-se de passagem, de alcançar a completude vivida na primeira experiência de satisfação.

3.3.3 O amor como tentativa de resposta ao desejo

Como temos mencionado, o amor busca reencontrar o objeto perdido na primeira infância. Essa perda do objeto é o que, na psicanálise, instaura o desejo. O desejo movimenta o sujeito em direção aos objetos que, em um nível fantasioso, são capazes de preencher a falta que foi instaurada. Sabemos que a teorização freudiana acerca da falta primordial, do desejo, é muito importante na teoria e complexa. No entanto, não trataremos aqui dessa teorização,

apenas consideramos importante debater, ainda que de forma breve, acerca do fato do amor tentar reparar essa falta fundamental.

Nesse sentido Kuss (2015) coloca:

O desejo é efeito de uma falta. Não de uma falta qualquer, mas da insuperável falta que é a marca da incompletude. O desejo sexual (todo desejo o é) não é uma produção original do sujeito, porque está endereçada ao Outro, isso porque é a partir desse Outro que nos constituímos. A falta é transmitida pelo Outro, e o desejo é a própria falta no Outro. Portanto, o ser humano sempre irá buscar objetos substitutivos na tentativa de restaurar esse objeto perdido (KUSS, 2015, p.24).

Diante dessa falta originária e frente ao desejo que surge a partir dessa, o sujeito cria respostas na tentativa de amenizar sua angústia. O amor é uma das respostas possíveis. Acerca disso, Ferreira (2004) sinaliza que “o desejo, ao contrário do amor, faz parte da estrutura subjetiva. Em função da marca fundamental dessa estrutura, que é uma falta radical, o homem inventou o amor e seus mitos” (FERREIRA, 2004, p.12). Temos a ratificação do amor como tentativa de resposta ao desejo.

Recorremos ao texto freudiano “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor”, o segundo da trilogia “Contribuições à psicologia do amor”. Nesse Freud estabelece uma relação entre a depreciação do amor e o fenômeno da repetição, vejamos o seguinte trecho:

A psicanálise revelou-nos que quando um objeto original de um impulso desejoso se perde em consequência da repressão, ele se representa, frequentemente, por uma sucessão infindável de objetos substitutos, nenhum dos quais, no entanto, proporciona satisfação completa. Isto pode explicar a inconstância na escolha de objetos, o „anseio pela estimulação“ que tão amiúde caracterizam o amor nos adultos (FREUD, [1912c]/1996, v. 11, p. 194).

Depreendemos, a partir desse trecho, que os objetos substitutos proporcionam satisfação apenas parcialmente, bem como, o fato de que o próprio Freud coloca que o amor também tem esse caráter repetitivo, ou seja, apesar de tentar obturar a falta do primeiro objeto, o amor também fracassa nessa tarefa. O amor estaria ligado a uma vivência nostálgica, crendo alcançar o objeto que foi perdido por meio do enredo amoroso, o qual trata-se de uma cena fantasiosa. Não é porque o amor fracassa na tentativa de encontrar o objeto perdido, que poderíamos pensar então que o amor é desnecessário. Nesse ponto é importante ressaltar o que Freud salientou diversas vezes: que o amor é um enfrentamento ao adoecimento, logo, ele é necessário, fundamental, ainda que, para existir, precisa crer na completude.

Estamos certos de ter conseguido mapear as facetas do amor na psicanálise freudiana. Vimos que o amor tem relação com a pulsão, com a libido, com sexualidade, com o desejo e com a falta. Vimos ainda que ele se apresenta sob diferentes modalidades: transferencial,

anaclítico, narcísico, ainda que, como Freud colocou no texto “Introdução ao narcisismo”, as modalidades de amor carregam em si o narcisismo.

Ainda há muito que dizer sobre o amor, e como ressaltamos, não é possível tudo dizer e nem pretendemos fazê-lo. Por hora encerramos essa discussão por acreditar que, tendo apresentado algumas manifestações do fenômeno amoroso, podemos agora pensar acerca, especificamente, da economia libidinal buscando abordar algumas ressonâncias dessa na contemporaneidade.

4 SOBRE A ECONOMIA LIBIDINAL: ressonâncias

Ao trazer o tema do amor para o campo científico, Freud possibilitou que o campo amoroso fosse estudado. O próprio autor se dispôs a fazê-lo. Como apresentamos no capítulo anterior, tangenciamos esse campo a partir da teoria da libido – dos investimentos libidinais. Na oportunidade esclarecemos que a libido tem um aspecto dinâmico, ou seja, que ela não é estática e, sendo assim, a libido se movimenta ao longo da vida em direção ao próprio “Eu”, bem como em direção aos mais diversos objetos externos. Como sabemos, Freud aborda o inconsciente a partir de 3 aspectos: tópico – localização das instâncias; dinâmico – que diz respeito aos conflitos das forças pulsionais; econômico – que trata da distribuição dos investimentos. Trata-se da metapsicologia freudiana.

Certamente não foi sem intenção que Freud escolheu o termo “investimento” para dizer da libido colocada em determinado objeto. A palavra investimento nos remete a uma ciência – a saber: Economia.

O ponto de vista econômico foi escolhido por Freud para tratar da distribuição dos investimentos, da quantidade de libido depositada, mesmo sabendo que essa quantificação não era mensurável em termos numéricos. Em suas palavras:

Libido é expressão extraída da teoria das emoções. Damos esse nome à energia, considerada como magnitude quantitativa (embora na realidade não seja presentemente mensurável), daqueles instintos que têm a ver com tudo o que pode ser abrangido sob a palavra „amor“. O núcleo do que queremos significar por amor consiste naturalmente (e é isso que comumente é chamado de amor e que os poetas cantam) no amor sexual, com a união sexual como objetivo. (FREUD, [1921]/1996, v. 18, p. 101).

Além de dizer que a libido não é quantificável, percebemos por esse trecho o que já havíamos discutido – que o amor está relacionado aos mais diversos investimentos. A esse respeito, mais adiante, no mesmo texto encontramos que “por um lado o amor próprio, e, por outro, o amor pelos pais e filhos, a amizade e o amor pela humanidade em geral, bem como a devoção a objetos concretos e a ideias abstratas” (FREUD, [1921]/1996, v. 18, p. 101). Dessa maneira temos que sob a égide da libido encontramos os mais diversos conteúdos das mais diversas relações.

Falaremos aqui, especificamente, do ponto de vista econômico e, a partir da economia libidinal, apontaremos alguns elementos que nos possibilite voltarmos o olhar para a economia do amor em nossa época. Sabemos que a construção é muito mais ampla do que o que será aqui discutido, mas por limitação, faremos alguns recortes.

Tomando a energia psíquica sob esse ângulo quantitativo, entende-se que esse quantum de energia é dividido, repartido, entre as diferentes instâncias, objetos e as diferentes representações. Certamente deve-se considerar que essa divisão não se dará aleatoriamente. Existem fatores que elevam a necessidade de uma maior quantidade de energia a ser despendida. Como descrevemos acerca da mobilidade da libido, salientamos que a energia das forças repressoras e pulsionais é também móvel. Nem todas as pulsões exigem a mesma quantidade de energia para serem reprimidas.

4.1 O aspecto econômico do funcionamento psíquico

Ao propor compreender o funcionamento psíquico a partir do ponto de vista econômico, Freud buscou abranger a energia libidinal em seu caráter quantitativo, ainda que não enumerável. Nesse sentido, a ideia era a de estabelecer a circulação e divisão da energia pulsional, ou seja, o aumento, a diminuição ou equivalência dessa energia. Dizer isso é dizer que o psicanalista se dedicou a estabelecer as nuances que possibilitavam o aumento ou diminuição de um investimento em determinado objeto. Para Freud, uma boa abordagem para descrever o psiquismo seria por meio da economia libidinal. Na clínica ele se deparava com diversos exemplos de acúmulo de energia e da necessidade da descarga desse acúmulo para a diminuição dos sintomas apresentados.

No texto “introdução ao narcisismo”, ao apresentar os dois tipos de libido (objetal e do Eu), Freud aborda a questão sob o aspecto econômico, quando sinaliza que: investir no objeto é diminuir o investimento no Eu, e que o contrário também ocorre. Ou seja, podemos entender essa dinâmica da libido como “pesos” em uma balança que, em cada momento, penderá para um dos lados. Ressaltamos que os 3 aspectos descritivos do psiquismo estão em constante relação e são indissociáveis, por sua vez.

Essa forma de abordagem nos permite compreender o fato de que, quando um sujeito adoece, o seu interesse pelo mundo externo diminui, visto que seus sintomas exigem uma quantidade de investimento pulsional. E esses aspectos aguçaram a curiosidade de Freud.

Em se tratando especificamente do „amor“, Freud demonstrou diversas vezes, esse aumento e diminuição, do quantitativo total da libido. O autor cita que “Um indivíduo que ama priva-se, por assim dizer, de uma parte de seu narcisismo, que só pode ser substituída pelo amor de outra pessoa por ele” (FREUD, [1914c]/1996, p.105). Essa citação ratifica o que aqui já foi apresentado: acerca da ideia de proporcionalidade inversa entre libido objetal e libido do Eu. Já sabemos que em relação aos dois tipos de libido, a distribuição libidinal ora

tende a ser maior em relação ao Eu, ora em relação ao objeto. Não encontramos nenhuma passagem nos textos freudianos que nos indique uma equivalência entre ambas. Dessa maneira, por vezes, há um maior investimento externo, outras vezes no Eu e, considerando o desenvolvimento da libido, é que se dará essa escolha.

Quando um sujeito aplica uma quantidade de libido objetual, seu Eu ficará agora esvaziado de investimento e, de certa maneira, à espera de uma retribuição desse investimento que realizou. Se estabelecermos uma analogia com investimentos financeiros (de capital), qualquer pessoa que faça uma aplicação financeira, espera o retorno dessa e, quando isso não acontece, há uma frustração e é necessário um tempo para que essa parcela de dinheiro investido seja novamente recuperada. Descrevendo a libido em seu aspecto econômico, o que Freud realizou foi similarmente a esse exemplo que colocamos. Se um sujeito investe libido objetual e, posteriormente se frustra, é necessário um tempo para que esse investimento seja recuperado e investido novamente no Eu; posteriormente novos investimentos podem ser realizados.

Recorremos ao texto “Luto e melancolia”, publicado pela primeira vez em 1917. Nesse texto encontramos considerações a respeito do processo de elaboração do luto e considerações acerca do estado de melancolia. Não é de nosso interesse discutir aqui as diferenciações entre esses dois processos, mas entendemos que nesse artigo encontramos colocações interessantes acerca da retirada de libido de um objeto, ou seja, acerca da economia libidinal. O processo de luto se caracteriza, dito de forma simplista, pelo recolhimento da libido ao Eu, e posteriormente, quando houver essa recuperação, será possível investir em objetos externos novamente.

Sabemos que, de acordo com a teoria freudiana, o desenvolvimento psicosssexual acontece sob a regência do princípio de prazer⁴² e, no início, tudo que causa desprazer é considerado como externo. Nesse sentido temos que:

O Eu, na medida em que é autoerótico, não tem necessidade do mundo exterior, mas recebe dele objetos, devido às vivências das pulsões de autopreservação, e não pode deixar de sentir os estímulos pulsionais internos por certo tempo como desprazerosos. Sob o domínio do princípio de prazer ocorre nele um novo desenvolvimento. Ele toma para si, em seu Eu, os objetos oferecidos, desde que eles sejam fontes de prazer, introjeta-os (de acordo com a expressão de Ferenczi) e, por outro lado, expõe o que dentro dele se torna causa de desprazer. (...) O Eu extraiu de si uma parte, que projeta no mundo externo e sente como hostil. (...) o objeto é levado do mundo externo ao Eu, inicialmente pelas pulsões de autopreservação, e

⁴² Ressaltamos que a teorização do “Princípio de Prazer” sofreu modificações ao longo do desenvolvimento da teoria psicanalítica, no entanto, não é imprescindível tratar dessas modificações aqui nessa dissertação.

não se pode negar que também o sentido original do odiar indique sua relação com o mundo exterior estranho e portador de estímulos (FREUD, [1915]/2017, p.53-55).

Escolhemos essa passagem para demonstrar que o ódio também recebe uma parcela de investimento libidinal. É preciso muito investimento para distanciar o objeto que causa desprazer. Freud demonstra que “o exterior, o objeto, o odiado seriam, bem no início, idênticos” (FREUD, [1915]/2017, p. 55). Dessa maneira podemos compreender o que é apresentado na psicanálise, a saber: que o ódio é anterior ao amor, e ainda que não é o oposto desse. Por ser um tema importante e ter uma relação que no senso comum é colocado como o oposto do amor, é que faremos um pequeno comentário a respeito, a fim de tornar claro o que colocamos acima. Nesse mesmo texto Freud faz comentários acerca do que aqui foi colocado:

O amor e o ódio, que se apresentam como opostos completos em seu material, não mantêm, entretanto, uma relação simples entre si. Não surgiram da cisão de algo originalmente comum, mas possuem origens diversas, e cada um deles passou por desenvolvimentos diferentes antes de, sob a influência da relação prazer-desprazer, terem tomado a forma de opostos. Aqui se coloca a tarefa de resumirmos o que sabemos sobre a gênese do amor e do ódio. O amor advém da capacidade do Eu de satisfazer de modo autoerótico uma parte de suas moções pulsionais pela obtenção do prazer de órgão. Ele é originalmente narcísico, e passa então para os objetos que foram incorporados ao Eu ampliado, expressando então os esforços motores do Eu em direção a esses objetos tidos como fontes de prazer. (...) Reconhecemos como a primeira dentre essas fases a de *incorporar* ou *devorar*, como uma forma de amor compatível com a suspensão da existência em separado do objeto, (...). Na fase mais elevada da organização pré-genital sádico-anal, aparece o anseio pelo objeto na forma do ímpeto pela dominação, ao qual é indiferente o dano ou a aniquilação do objeto. Essa forma e essa fase preliminares do amor quase não se diferenciam do ódio em sua conduta diante do objeto. Somente quando estabelecida a organização genital o amor se torna o oposto do ódio (FREUD, [1915]/2017, p.59-61).

Neste trecho está claro que, para a psicanálise, esta oposição entre amor e ódio, só passa a existir após a organização genital. Depreendemos daqui também a íntima relação entre amor e agressividade (o que é mais bem apresentado por Freud quando da formulação da 2ª tópica), pois, quando o Eu ama um objeto que lhe causa prazer seu movimento primeiro é no sentido de incorporá-lo, devorá-lo, dominá-lo, independente de isso causar a extinção do objeto.

O ódio, por sua vez, é anterior ao amor e está relacionado ao “repúdio primordial do Eu narcísico perante o mundo externo portador de estímulos” (p.61), e o ódio está bastante relacionado às pulsões de autoconservação. Freud ainda elucida outro ponto visando esclarecer esta concepção de amor oposto ao ódio. O autor coloca:

(...) Quando a relação de amor com determinado objeto é interrompida, não raro surgirá o ódio em seu lugar, de modo que temos a impressão de uma transformação do amor em ódio. Mas, superando essa descrição, chegamos à concepção de que o ódio com motivações reais é fortalecido pela regressão do amor à fase preliminar

sádica, de modo que o odiar adquire um caráter erótico, o que garante a continuidade de uma relação amorosa (FREUD, [1915]/2017, p.59-61).

O que buscamos demonstrar com essa descrição é o que Freud coloca como sendo da ordem da economia libidinal. A polaridade prazer-desprazer é tratada como sendo do campo do econômico. E tanto o que causa prazer, quanto o que causa desprazer, recebe uma cota de investimento libidinal.

A psicanálise freudiana descreve o sujeito organizado a partir da relação que ele estabelece com o prazer. E podemos considerar o prazer como uma variável do desprazer, ou seja, o prazer surge a partir da eliminação do desprazer. Eliminar o desprazer leva o organismo a uma menor quantidade de tensão a que estava submetido. Se fosse uma decisão individual, não haveria conflito, visto que o sujeito teria o “caminho livre” para vivenciar somente situações prazerosas. No entanto, o desenvolvimento da civilização, impõe ao sujeito a necessidade de renúncia a uma parcela da satisfação pulsional, estabelecendo assim um conflito entre as tensões e forças das pulsões – que buscam serem realizadas; e a exigência da renúncia a essas. Dessa maneira, a energia libidinal se divide na tentativa de atender e manter uma satisfação parcial de ambas as exigências. É essa exigência de renúncia pulsional que Freud coloca como sendo o mal-estar na civilização, visto que é uma barreira à felicidade do homem⁴³.

Há que se fazer uma renúncia pulsional em favor da existência da civilização, mas como vimos, as pulsões encontrarão formas de se realizarem. Freud trata desse tema no texto “As pulsões e seus destinos” de 1915. O autor descreve como as pulsões recebem quantidades de libido que nem sempre percebemos, sendo notadas apenas diante a um adoecimento. Devido a destinos diferentes pelos quais as pulsões passam, elas podem se realizar distantes de suas ações originais (p.34-35). Como caminhos possíveis das pulsões, Freud enumera: a) reversão em seu contrário; b) retorno em direção à própria pessoa; c) recalque; d) sublimação.

Qualquer um desses caminhos receberá uma cota de investimento libidinal, de caráter objetal e/ou narcísico. Não detalharemos acerca desses destinos. O que é importante para esse trabalho é ressaltar que as pulsões, mesmo diante de uma exigência de renúncia, encontrarão uma forma de se satisfazerem – parcialmente, e para alcançar essa satisfação é necessária uma carga de investimento. Outro ponto, assim como sinalizamos no início desse capítulo, é que o amor, desde o início, é associado à sensação de prazer e de satisfação de uma pulsão.

Pensando no amor, em termos da economia psíquica, sabemos como Freud descreveu que, para evitar o adoecimento, é necessário amar. Mas, geralmente, o que pode ser observado

⁴³ Remetemos o leitor ao texto publicado em 1930: “O mal-estar na civilização”.

na clínica, é que há uma discrepância significativa entre as quantidades de libido de cada tipo, o que foi observado por Freud. Dessa maneira, ao dispender libido objetal, o ego fica consideravelmente empobrecido; sendo a recíproca também verdadeira. Em um plano ideal, seria conveniente haver uma equivalência entre esses dois tipos de libido ou, na pior das hipóteses, uma aproximação entre essas quantidades. Mas sabemos que esse ideal é da ordem da impossibilidade. Quando a quantidade de libido investida é discrepante, leva ao adoecimento. E é com esse adoecimento que precisamos lidar, sabendo que em cada época será diferente. O que podemos fazer é compreender esses sintomas e tratá-los. Para isso precisamos ter o conhecimento teórico e conseguir realizar uma leitura do social.

Essa lógica econômica do psiquismo descrita por Freud é resultado do contexto social ao qual o sujeito está inserido. A época em que o psicanalista desenvolveu seus estudos foi uma época marcada pela repressão social dos impulsos sexuais. Em vários textos o psicanalista trata dessa questão e aponta que as neuroses são, de certa maneira, o “preço” dessa época; sendo que cada época terá suas manifestações sintomáticas. É na última década do século XIX que Freud inicia seus trabalhos e desenvolve a Psicanálise. Essa tomou corpo no século XX. A psicanálise nasce no seio da modernidade, no momento em que o discurso teológico foi, gradativamente, sendo substituído pelo discurso da ciência. A ciência passa a ocupar o lugar de saber.

Com um maior desenvolvimento do individualismo, os sujeitos começaram a ser mais autônomos, modificando assim a forma como se relacionavam com o tempo/espaço e com o outro. Dentre tantas características, a modernidade (aqui tomada no século XX) foi marcada pela ideia de beleza, limpeza e ordem. Beleza e limpeza porque o oposto disso não combinava com desenvolvimento da civilização que estava acontecendo. E ordem porque, para se organizar no social, era necessário suprimir os instintos individuais em benefício da ordem social. Essa repressão não veio sem consequências, como Freud demonstrou.

Vale lembrarmos também que era uma sociedade que tinha os papéis, da mulher e do homem, diferentes do que podemos observar hoje. À mulher ficavam reservado as tarefas domésticas e de educação dos filhos. Não estamos fazendo um julgamento de valor de qual época seria melhor, apenas apontando que nessa época, como o próprio Freud esclareceu, havia uma repressão significativa em relação aos impulsos sexuais⁴⁴, e essa repressão dos impulsos sexuais organizou a economia libidinal daquela época, visto que influenciava na

⁴⁴ Remetemos o leitor ao 3º texto da trilogia “Contribuições à psicologia do amor” que se encontra no volume 11 das obras de Freud. Nesse Freud esclarece acerca de alguns sintomas frequentes nas mulheres dessa época e atribui a manifestação dos mesmos à repressão em relação à vivência da sexualidade.

relação do sujeito com o corpo, com o outro, com as experiências, etc. Determinava a subjetividade da época.

A repressão dos impulsos sexuais, a interdição do desejo, é então o que possibilita a formação de vínculos sociais, visto que a libido se manifesta inibida em sua finalidade original, se orientando a partir daí para outros objetivos. Contudo, os impulsos sexuais permanecem atuantes e se manifestam nas mais variadas relações sociais. Como falamos, sob a ideia de amor estão as mais diversas relações em que há uma catexia libidinal objetal, ou seja, as mais diversas relações sociais se originam da pulsão sexual desviada de seu objetivo, manifestando-se em laços amorosos.

Podemos dizer então que a repressão das pulsões sexuais é fundamental para a existência dos laços amorosos, estando esses em convergência ou não com o objetivo sexual.

Na luta entre os interesses individuais e o processo civilizatório é que se desenrola a economia psíquica, visto que a libido se divide entre esses interesses. Sem incorrer em erros grosseiros, podemos colocar que, em épocas em que há uma repressão excessiva, há uma grande demanda da quantidade de libido para satisfazer os interesses da civilização, o que, de certa maneira afetará na quantidade que será deslocada para atender os interesses do indivíduo.

Outro ponto que imediatamente toma nossos pensamentos, quando falamos de economia, é: o dinheiro. O dinheiro tem um papel importante na psicanálise. Ele é considerado um objeto pulsional. Como Freud descreveu: há uma ligação entre o dinheiro e a resolução que cada sujeito dá à fase anal. O autor, em suas pesquisas clínicas, detectou a associação entre dinheiro e fezes, e como alguns sintomas tinham relação com esse tema.

O dinheiro, inclusive, aparece como um operador clínico em uma análise. O gesto de pagar está muito relacionado aos investimentos libidinais de cada sujeito. O dinheiro é um elemento simbólico na clínica, o que possibilita tematizar criticamente a relação de consumo, de troca. O dinheiro – a relação do sujeito com esse elemento – também deve ser escutado na clínica. O dinheiro, então, na clínica psicanalítica, escapa do sentido estritamente econômico. Na análise o dinheiro possibilita operar relações simbólicas.

Optamos por considerar a mudança social, da época de Freud até o momento, a partir da influência e da mudança da lógica capitalista. Tomaremos o dinheiro como o motor que impulsionou a mudança sócio-histórica. Assim sendo, entendemos como necessário apresentar, de forma breve, a transformação da sociedade capitalista. Por esse viés é que desenvolvemos o próximo tópico visando apresentar algumas características do campo social,

marcado pelo capitalismo, para que posteriormente possamos discorrer acerca da economia psíquica do amor nos dias atuais.

4.2 Acerca de algumas mudanças sociais

É inegável que o momento histórico e social influencia a subjetividade. Todos sabem que Freud foi um cientista à frente de seu tempo. Suas observações e conclusões sempre foram inovadoras. No ano de 1930, quando da publicação do texto “O Mal-estar na civilização”, Freud sustentava a ideia de que o aparelho psíquico é resultado da sociedade e do momento histórico que circunscreve a vida do sujeito. Nesse texto é possível perceber que as relações estabelecidas entre o sujeito e os outros é reflexo da sociedade. Para fazer um enfrentamento à situação de desamparo à qual o sujeito se encontra, é preciso estabelecer uma relação com o outro. O outro (semelhante) é, para a psicanálise, de fundamental importância, já que possibilita a saída do autoerotismo que seria danoso para o sujeito e, conseqüentemente, para a civilização. É por meio da interceptação do outro na fase autoerótica que é possível, ao sujeito, primeiramente constituir o *narcisismo primário* e, posteriormente, se lançar em direção ao que é externo, possibilitando a constituição e manutenção dos laços sociais. Assim sendo, a relação com o outro é imprescindível. E, podemos dizer ainda que, essa interceptação é o que possibilita o sujeito se enlaçar com o outro, ou seja, provoca o deslocamento da libido do Eu em direção aos objetos, como Freud nos ensinou em diversos textos.

Com as mudanças sociais e históricas, o contexto ao qual o sujeito está inscrito é alterado e, conseqüentemente sua subjetividade. Buscaremos descrever algumas nuances da sociedade na época dos estudos de Freud, bem como características da sociedade atual.

4.2.1 Uma leitura sociológica

No livro “Vida para Consumo”, Bauman (2008) descreve como a sociedade contemporânea foi passando de „sociedade de produtores“ à „sociedade de consumidores“. Esse primeiro rótulo corresponde a um período anterior à década de 1920, na qual o mundo era estruturado na segurança e na estabilidade; dessa forma, os desejos se orientavam na aquisição e manutenção de bens, de preferência, duráveis e diretamente relacionados com o poder e o status. Bauman, nesse livro, salienta que “a *apropriação* e a *posse* de bens que garantam (ou pelo menos prometam garantir) o conforto e o respeito podem de fato ser as principais motivações dos desejos e anseios na sociedade de produtores” (Bauman, p.42).

Pode-se dizer que na sociedade de produtores o que estava em jogo era a segurança estável e a estabilidade segura, tendo assim padrões de reproduções duráveis objetivando manter uma certa ordem social. Nesse sentido Bauman ressalta que:

A sociedade de produtores, principal modelo societário da fase “sólida” da modernidade, foi basicamente orientada para a segurança. Nessa busca, apostou no desejo humano de um ambiente confiável, ordenado, regular, transparente e, como prova disso, duradouro, resistente ao tempo e seguro. Esse desejo era de fato uma matéria-prima bastante conveniente para que fossem construídos os tipos de estratégias de vida e padrões comportamentais indispensáveis para atender à era do “tamanho é poder” e do “grande é lindo”: uma era de fábricas e exércitos de massa, de regras obrigatórias e conformidade às mesmas, assim como de estratégias burocráticas e panópticas de dominação que, em seu esforço para evocar disciplina e subordinação, basearam-se na padronização e rotinização do comportamento individual. (BAUMAN, 2008, p.42).

O objetivo individual passava pela aquisição e manutenção de bens. Quanto mais bens alguém tinha, mais poderoso/importante esse sujeito era considerado. O acúmulo de bens também estava relacionado com o cuidado com a família. O pai era o responsável pelo sustento dos filhos e esposa. A obstinação em trabalhar para se conseguir esses bens era algo muito presente. Se se trabalhasse duro conseguiria alcançar os tão sonhados objetos produzidos pelo capitalismo. Dessa maneira, os indivíduos já tinham seus corpos treinados, docilizados, para se ofertarem como mão de obra para o incessante crescimento do capitalismo. Nesse sentido Bauman (2008) diz que “a posse de um grande volume de bens implicava ou insinuava uma existência segura, imune aos futuros caprichos do destino; eles podiam proteger, e de fato se acreditava que o fizessem, as vidas de seus proprietários contra os caprichos da sorte, de outra forma incontroláveis” (p.42).

Pelo fato dessa época ser marcada pela noção de segurança, estabilidade, durabilidade é que Bauman nomeou esse período de Modernidade Sólida.

De fato, na era sólido-moderna da sociedade de produtores a satisfação estava relacionada na promessa de segurança, não no imediatismo. Bauman (2008) acrescenta:

Apenas bens de fato duráveis, resistentes e imunes ao tempo poderiam oferecer a segurança desejada. Só esses bens tinham a propensão, ou ao menos a chance, de crescer em volume, e não diminuir – e só eles prometiam basear as expectativas de um futuro seguro em alicerces mais duráveis e confiáveis, apresentando seus donos como dignos de confiança e crédito. (BAUMAN, 2008, p. 43).

Ainda que o sistema econômico vigente na época fosse o capitalismo, o consumo se dava de forma diferente ao que se tem hoje. O consumo e os objetos a serem consumidos passavam pela ideia de durabilidade, pode-se dizer que era um consumismo mais contido, e que ao longo dos anos foi ganhando novos contornos.

Entretanto, no decorrer das décadas de 1920 a 1970, a sociedade teria passado por algumas transformações graduais, caminhando para a sociedade de consumidores (ou contemporânea)⁴⁵, que se caracteriza por uma liberdade de escolha ilimitada e ainda pela não existência da lealdade aos objetos adquiridos, uma vez que estes já não são mais duráveis, e sim, descartáveis, fluídos.

Antes disso, o autor, em seu livro *Modernidade Líquida* (2001), teria desenvolvido o conceito de „emancipação“, na perspectiva de que o indivíduo pode tornar-se livre, independente, inclusive, da própria sociedade, não se prendendo a nada, já que o objetivo é ser regente daquilo que se quer ser, e apresentara as ideias acerca do individualismo, da fluidez que toma conta das relações. Nesse mesmo livro, ele alerta para o fator de que os laços transitórios e a transitoriedade são um preço a se pagar por aqueles que perseguem seus objetivos individuais. Em outras palavras, os laços tornam-se mais frágeis. Para acompanhar a época atual é preciso colocar o outro no lugar de mercadoria.

Pode-se estabelecer uma aproximação entre a nomenclatura utilizada por Bauman com o conceito de „Hipermodernidade“, criado na década de 70, pelo filósofo francês Gilles Lipovetsky. Na visão desse autor, o que se observa atualmente é uma exacerbação dos valores criados na modernidade. Há uma ênfase exponencial ao progresso técnico científico, na razão humana e no individualismo. Charles⁴⁶ apud Lipovetsky (2004), em „Os Tempos Hipermodernos“, assinala que a “Hipermodernidade é uma sociedade liberal, caracterizada pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade; indiferente como nunca antes se foi aos grandes princípios estruturantes da modernidade, que precisaram adaptar-se ao ritmo hipermoderno para não desaparecer.”. (LIPOVESTSKY, 2004, p.26)

As mudanças percebidas nessa nova forma de organização não dizem respeito somente aos objetos, ou à relação com esses, mas também, e principalmente, às pessoas. Bauman ressalta que:

[...] o ambiente existencial que se tornou conhecido como “sociedade de consumidores” se distingue por uma reconstrução das relações humanas a partir do padrão, e à semelhança, das relações entre os consumidores e os objetos de consumo. Esse efeito notável foi alcançado mediante a anexação e colonização, pelos mercados de consumo, do espaço que se estende entre os indivíduos – esse espaço em que se estabelecem as ligações que conectam os seres humanos e erguem as cercas que os separam. (BAUMAN, 2008, p.19).

⁴⁵ Deve-se ressaltar que aqui também poderá ser chamada de sociedade hipermoderna.

⁴⁶ Referência ao autor Sebastien Charles.

Compreende-se aqui que as relações humanas sofrem influência direta das formas de organização social, ratificando o que foi apresentado por Freud no texto de 1930. No mesmo texto, Bauman ainda esclarece que “a subjetividade do sujeito concentra-se num esforço sem fim para ela própria se tornar, e permanecer, uma mercadoria vendável” (BAUMAN, 2008, p.20). Entretanto, como mencionado anteriormente, uma das características da sociedade contemporânea é a fluidez, a efemeridade. Especificamente, acerca das relações, Bauman (2007), em seu livro “Vida Líquida” diz que:

[...] ligações frouxas e compromissos revogáveis são os preceitos que orientam os laços entre os indivíduos. Ligar-se ligeiramente a qualquer coisa que se apresente e abandoná-la rapidamente é o que conta. Viver no presente e pelo presente obtendo o máximo de satisfação possível, evitando as inquietudes e sofrimentos, priorizando os finais rápidos e indolores, pois sem eles seria impossível recomeçar é um imperativo. (BAUMAN, 2007, p.11).

De acordo com esses autores aqui citados, a sociedade está desregulamentada, visto que é o capital que dita as regras, objetivando sempre a aniquilação de concorrentes e o sucesso com os consumidores. A vida também passa a ser desordenada, os acontecimentos passam a ser marcados pela velocidade e efemeridade desse tempo. Nesse sentido, Lipovetsky esclarece:

Já faz tempo que a sociedade de consumo se exhibe sob o signo do excesso, da profusão de mercadorias; pois agora isso se exacerbou com os hipermercados e shopping centers, cada vez mais gigantescos, que oferecem uma pletora de produtos, marcas e serviços. Cada domínio apresenta uma vertente excrescente, desmesurada, “sem limites”. Prova disso é a tecnologia e suas transformações vertiginosas nos referenciais sobre a morte, a alimentação ou a procriação. (LIPOVETSKY, 2004, p.54-55).

O momento atual é marcado por um capitalismo mais agressivo, ao mesmo tempo fluído. Esse sistema econômico deslocou da solidez das grandes indústrias para um mercado mais plástico, que produz objetos das mais variadas formas e em grandes quantidades, e tem por objetivo tornar todo, e qualquer sujeito, consumidor. Nessa fase do capitalismo qualquer pessoa é um consumidor em potencial. Não precisa ter dinheiro para consumir: prova disso é a consolidação do dispositivo mágico conhecido como crédito. Nesse sentido, Bauman (2010) diz que “na fase líquida da modernidade, o Estado é “capitalista” quando garante a disponibilidade contínua de crédito e a habilitação contínua dos consumidores para obtê-lo” (p.29/30). Mas aqui não cabe discutir o papel maquiavélico do Estado.

Essas alterações, no que concerne ao social, provocaram mudanças no sujeito, mudanças essas que ocorrem cada vez de maneira mais acelerada. Nesse sentido Lipovetsky (2005) coloca que: “Instala-se um novo estágio de individualismo: o narcisismo designa o

surgimento de um perfil inédito do indivíduo nas relações consigo mesmo e com o seu corpo, com os outros, com o mundo e com o tempo no momento em que o “capitalismo” autoritário cede lugar a um capitalismo hedonista e permissivo” (LIPOVETSKY, 2005, p.32).

A busca pelo prazer tornou-se a palavra de ordem, sendo que esse prazer não encontra barreiras no que é do outro (civilização) e, não tem limites.

Há uma repulsa a relacionamentos que sejam duradouros e que carregam uma possível intimidade maior do que àquelas que o sujeito consegue lidar. Bauman (2004) ressalta que “nos compromissos duradouros, a líquida razão moderna enxerga a opressão; (...) vínculos e liames tornam “impuras” as relações humanas – como fariam com qualquer ato de consumo que presuma a satisfação instantânea e, de modo semelhante, a instantânea obsolescência do objeto consumido” (BAUMAN, 2004, p.66). Existe um consenso entre esses autores que o sujeito, na contemporaneidade, não consegue lidar com a intimidade e, em muitos casos, estabelecer um vínculo duradouro é abrir mão das infinitas possibilidades de “contato” com os mais diversos objetos. De acordo com esse autor, os vínculos amorosos também entram nessa lógica da liquidez. Para esses autores, (Bauman e Lipovetsky), o sujeito contemporâneo não se dispõe a apostar na incerteza desses vínculos, nem na possível durabilidade dos mesmos, visto que esse sujeito é marcado pela busca da novidade; “prender-se” a uma única, ou poucas vivências, é entendido como algo assustador. É preciso estar sempre disponível para uma eventual novidade que possa aparecer, e o outro está no lugar de proporcionar prazer, e quando não proporciona, pode facilmente ser descartado, pois não há vínculo emocional. Pelo menos no plano teórico.

Os autores, aqui usados, que fazem essa leitura sociológica do momento atual da sociedade, ressaltam que o sujeito contemporâneo é marcado pelo vazio dos sentidos; pela apatia; por individualismo exacerbado; pelo imediatismo; pela anomia; pela mercantilização dos afetos; e por um consumo articulado não mais à necessidade, mas sim ao desejo; sujeitos marcados pelo imperativo do gozo.

Por tocar em pontos e conceitos que, para a psicanálise são tão valiosos, buscaremos além dessa leitura sociológica da sociedade, as colocações da psicanálise contemporânea, sempre tendo como pano de fundo as construções teóricas de Freud aqui já apresentadas.

Ressalvamos que não pretendemos sobrepor a leitura sociológica do campo amoroso à leitura freudiana desse campo; buscamos estabelecer uma aproximação, um diálogo entre essas duas leituras, sem desconsiderá-las, tampouco ignorar as diferenças, que sabemos serem existentes.

4.2.2 *Um olhar da psicanálise*

Há uma convergência entre a leitura da sociologia com a leitura da psicanálise, obviamente guardando as especificidades de cada área científica. Recorremos a alguns textos contemporâneos para lançar um olhar acerca das características dos sujeitos. Ressaltamos que a questão não passa por considerar as construções freudianas inválidas ou obsoletas, mas sim pelo fato de que o campo do social, na época de Freud, era diferente do que encontramos hoje. Dessa maneira, buscaremos, por meio dessas novas leituras, pensar a economia libidinal sempre dialogando com os constructos de Freud e sem prescindir deles.

Certamente a psicanálise se desenvolveu muito após a construção teórica realizada por Freud. Nosso trabalho aqui não é percorrer esses caminhos, mas sim recolher algumas observações acerca do sujeito contemporâneo, para termos elementos suficientes que possibilitem pensarmos sobre a economia do amor nessa época. Sendo que toda a discussão será sustentada sob o pilar do que Freud desenvolveu a respeito do campo amoroso.

É fato que a realidade social atual se difere das anteriores, e que nesse contexto o amor também irá se modificar e acontecer a partir da forma particular de organização da sociedade atual. As relações então, independentes de quais sejam, devem ser pensadas a partir do contexto social em que estão inseridas.

Apesar de não termos feito aqui nenhuma menção às construções psicanalíticas de Jacques Lacan, frisamos que certamente a leitura do sujeito contemporâneo tem influência desse psicanalista.

Em um texto extraído do trabalho apresentado no I Colóquio sobre sexualidade Feminina: O Gozo Feminino, a psicanalista Teresa Pavone expõe que: „O consumismo, o hedonismo, o narcisismo e o empuxo a gozar são marcas legítimas da cultura moderna e hipermoderna. [...] É a cultura do excesso regida pelo imperativo lacaniano, o supereu moderno que dita: GOZE. Não há freios, não há limites” (PAVONE, 2010, p. 28). Pavone, a partir dos constructos de Lacan, faz uma colocação que vai de encontro com as discussões anteriormente aqui colocadas, a saber: o momento atual se caracteriza pelos excessos. Isso é muito exposto na obra de Bauman, quando o autor faz a diferenciação entre sociedade de produtores (marcada pela durabilidade) e a de consumidores (marcada pela instabilidade; não fidedignidade aos objetos e pelo consumo excessivo). Recorremos a Mendes (2013) que nos lembra:

Se a sociedade freudiana era vitoriana e patriarcal, favorecendo a histeria e o mascaramento das pulsões e do desejo, a sociedade atual, que teve lugar a partir da década de 60, se notabiliza pela radicalização das sensações e pelo deslizamento

veloz em torno de novos objetos de desejo, proporcionando o aparecimento do gozo, da depressão e das montagens perversas (MENDES, 2013, p.1).

Se antes, quando da teorização freudiana, tínhamos uma sociedade construída tendo a *repressão* das pulsões sexuais em seu núcleo; hoje podemos dizer que temos uma sociedade construída tendo o *imperativo de gozo* em seu núcleo, e a máxima do “consuma!”, ou dito sob a leitura psicanalítica “Goze!”. E essa máxima é levada às últimas consequências. A exigência do sistema capitalista é a de que se consuma e se satisfaça rapidamente, imperiosamente. Para isso há a disponibilização de meios infinitos. Se um objeto não causa prazer ou deixou de causar, o capitalismo explicitamente diz que: basta descartar esse objeto que outros tantos estarão à disposição. Prova disso são as propagandas comerciais que incessantemente apresentam objetos “melhores” e mais modernos. Objetos esses que carregam a ideia de que proporcionarão satisfação, completude. Lacan chamou esses objetos, que têm em sua finalidade tamponar a falta constitutiva do sujeito, de objetos *latusas*. O psicanalista desenvolveu um discurso, derivado dos 4 discursos radicais, e o nomeou de Discurso do Capitalista. Não versaremos sobre as especificidades desse discurso aqui, apenas consideramos importante frisar que nesse discurso o sujeito está colocado no lugar do agente consumidor. Em relação a essa questão, Lemos (2016) traz:

O discurso do capitalista, neste sentido, visa tamponar a falta, alimentando-se do semblante de que é capaz de realizar isto e, inclusive, de realizar a fantasia. Deste modo, produzem-se bens de consumo (gadgets) que visam ocupar o lugar de objeto (a) e se colocam como hipótese de satisfação. Pela oferta contínua e sempre renovada, fabrica-se a ideia de que um objeto pode sempre ser melhor e mais „satisfatório“ que o anterior, abastecendo igualmente as leis do capital. Os gadgets, enquanto „objetos de gozo“, proporcionam o mais-de-gozar que geram cada vez mais consumidores ávidos por comprarem aquilo que julgam ser possível lhes atender; ou seja, o discurso tem como consequência o consumo. (LEMOS, 2016, p.s/n).

Nessa lógica do mercado capitalista – de oferecer objetos incessantemente – não há lugar para a falta, pois na menor possibilidade dela aparecer, algum objeto imediatamente é convocado para evitar sua aparição. Com esses infinitos objetos à disposição, e com esse imperativo do “Consuma”, o desejo do sujeito é orientado de acordo com a lógica mercadológica. Nesse sentido, Maia (2003, p. 78) destaca que “nessa imagem social construída para o sujeito, não existe lugar para afetos humanos básicos: a angústia e a tristeza são banidas do ideário pós-moderno e, a qualquer sinal de sua proximidade, o indivíduo deve acessar dispositivos para sedá-las - antidepressivos e drogas as mais diversas”.

O dinheiro é o que move esse sistema, é o “Deus do sistema capitalista” – é o que dita as regras; tudo pode/compra e está em todo lugar. Ou pelo menos faz o sujeito acreditar que é assim. Dessa maneira, crente de que tudo passa pelo viés do dinheiro, o sujeito

contemporâneo tende a acreditar que tudo pode ser comprado, inclusive o outro; há a ideia de que qualquer desejo tem um valor monetário, que pode ser medido, calculado e, posteriormente satisfeito.

O sistema econômico molda a subjetividade, o psiquismo. Juntamente com essa ideia de que é possível tudo comprar, o sujeito contemporâneo é marcado por outras características que é imprescindível enfatizarmos. Joel Birman (2000) trata, em seu livro, do fato de que na sociedade atual, o outro é apenas um objeto para o usufruto do sujeito; seria apenas um corpo a ser manipulado para a obtenção de gozo; e dessa forma, pode ser eliminado como um dejetivo no momento em que não mais servir (p.25). Sob a lógica do consumir, do gozar, o sujeito se encontra também articulado à lógica do instantâneo: o prazer tem que ser aqui e agora, sem demoras. Não há tempo a perder. O que já havíamos salientado com Bauman (2008) e Lipovetsky (2005): o sujeito na contemporaneidade é o sujeito do imediato. É o sujeito que não pode esperar, não pode “perder” tempo. Não é raro, no consultório, nos depararmos com sujeitos que querem uma cura imediata; que solicitam medicações no intuito de findar, de maneira veloz, qualquer desconforto que estejam sentindo. Não é permitido sofrer. E a cura está em algum remédio: antidepressivo, ansiolítico, e tudo o mais; desde que seja rápido. Outro traço que marca o sujeito contemporâneo: a velocidade. É um sujeito que parece estar sempre atrasado; não pode parar, caso o faça, é invadido pela sensação de perder oportunidades. Novamente, essas características estão intimamente relacionadas com a lógica do mercado capitalista.

Nesse contexto, os laços estão cada vez mais fragilizados. Cada sujeito tem a sensação de que aquela experiência é única, quando na verdade é um sintoma social, assim como Bauman descreve no livro “Amor líquido” de 2004. Tomando essa fragilidade da relação com o outro, o sujeito se sente só.

Há uma preponderância da solidão. Diante disso, é possível ver um desespero de cada um para tentar se agarrar em algo que possa dar certa consistência à sua fragilidade. Macêdo (2012) ratifica essa questão:

O indivíduo contemporâneo não se pauta mais prioritariamente pelos ideais libertários, tal como em 1960, quando buscava a superação de limites e interditos orientados por projetos utópicos. O que caracteriza o individualismo contemporâneo é uma experiência de desenraizamento, de errância, vinculada à perda de referências simbólicas, que leva a uma busca constante de ancoragens identitárias, ainda que transitórias. Esta configuração atual do individualismo expressa-se nitidamente no tribalismo contemporâneo, o que nos faz pensar em um novo individualismo alimentado tanto pelo culto à diferença e à autenticidade quanto por uma busca incessante e impositiva de liberdade. (MACÊDO, 2012, p.99).

Ao mesmo tempo em que o laço com o outro é fragilizado; não é possível prescindir dele, mas esse não oferece sustentação visto que o outro é colocado no lugar de um objeto qualquer que pode ser descartado a qualquer momento. Essa questão é uma via de mão dupla, pois se um sujeito coloca o outro no lugar de mercadoria, esse sujeito também será colocado, o que causará uma insegurança enorme na relação com o outro. Bauman faz essa discussão em seu livro “Vida para o consumo” de 2008.

Tornar-se mercadoria traz outra angústia: a de precisar ser interessante sempre; ser vendável. Isso estimula a competição a níveis estratosféricos, pois cada um quer ser mais interessante que o outro e ser notado o tempo todo. Essa questão pode ser facilmente percebida nas redes de comunicação virtual. A corrida incessante para receber o olhar do outro; e o desespero com a possibilidade de se tornar obsoleto, assim como as mercadorias que consome.

Nesse mecanismo de não deixar aparecer a falta, o mercado capitalista aumenta a alienação dos sujeitos em relação ao que desejam. E como sinalizamos anteriormente, falta e desejo são conceitos intimamente ligados na psicanálise. E ainda, ambos têm relação direta com o amor. Lemos (2016), fazendo referência à obra lacaniana aborda em seu texto:

Como sinaliza Lacan (1971/1972), ao rejeitar a castração e promover o laço direto entre o objeto e sujeito, a partir da rejeição da castração pelo simbólico, o discurso capitalista deixa de lado as coisas do amor. O incide, necessariamente, nos laços sociais que parecem tornam-se instáveis e precários, uma vez que o amor torna-se caduco e desnecessário, i.e., os laços se estabelecem na lógica do discurso do capitalista deixando o amor fora e estabelecendo sujeito e o outro uma relação direta e imediata, tal como gadgets. (LEMOS, 2016, p.s/n).

No sentido das relações amorosas isso pode ser percebido com certa facilidade. O sujeito é sempre levado a crer que, se determinada pessoa não o satisfaz, existe outra (dentre tantas que são ofertadas) que encaixará perfeitamente no que ele precisa. Não se sabe lidar com a própria falta, nem com a falta do outro.

Dessa maneira, estando submetido à lógica mercantilista, o sujeito se vê em um deslizamento infinito de um objeto a outro; e perdido na infinidade desses.

Estamos certos de que poderíamos realizar uma dissertação tratando somente dessa questão, mas trouxemos essa breve discussão para pensarmos a amor nessa nova forma de organização contemporânea.

4.3 Observações sobre o amor na época do capitalismo avançado

Quando mencionamos o texto de Freud (1930), “O mal-estar na civilização”, falamos da importância da cultura no refreamento das pulsões sexuais e, conseqüentemente, afastando o sujeito dos seus impulsos que visam apenas a objetivos individuais – egoístas. Essa mediação é realizada pelo *Superego*⁴⁷, que é herdeiro do Complexo de Édipo. A imago paterna interditora instaura a consciência moral. Nesse texto o psicanalista afirma que, por meio da repressão de um impulso agressivo, é que surge a consciência moral. Essa consciência moral é o que regula o sujeito na relação com o outro.

Na sociedade capitalista de produção, o prazer pelo prazer era reprimido socialmente. Como mencionamos, em relação aos objetos de consumo, a ideia era a de trabalhar e economizar para então, posteriormente, adquirir o bem tão desejado. Dessa maneira, se o sujeito investisse na direção de seu prazer, era invadido por um grande sentimento de culpa, provocado pela ação do *Superego*, que repreendia as manifestações que caminhavam na direção contrária à civilização. A neurose proveniente dessa época é então marcada pela repressão. O mal-estar na civilização era a restrição dos desejos.

O que vemos na atualidade é que, esse sofrimento decorrente da repressão, tem entrado em declínio, o que sempre foi um fator protetor no processo civilizatório, no sentido de conter, refrear a busca pelo prazer, sem considerar o lugar do outro.

Assis e Oliveira (2016), referendadas por autores e estudiosos contemporâneos (Safatle, 2008; 2009; Lastória, 2009 e Sloterdijk, 2011), colocam que:

(...) a propósito das condições atuais do mal-estar na cultura, que o desempenho erótico das subjetividades encontra-se alinhado com as condições econômicas e sociais, o que nos permite abordar a ideia de uma nova economia libidinal dos sujeitos no âmbito do capitalismo cínico. Na atualidade, uma economia libidinal, atuante no âmbito social, não se instalou a partir de uma ética baseada na ação do superego repressor, mas desde uma nova configuração ética, sustentada por um superego que determina o imperativo do gozo, assentado em uma realidade social “sem culpa e sem lei” (ASSIS; OLIVEIRA, 2016, p.88).

Essa citação ratifica o que havíamos mencionado: que a sociedade passou a se organizar tendo o *imperativo de gozo* em seu núcleo. O pensamento de Charles Melman também fortalece essa colocação. Em uma entrevista o estudioso salienta que “hoje o direito do homem é aquele que permite atingir sua satisfação plena, qualquer que seja a natureza dessa satisfação, ou seja, essa se tornou a exigência moderna. (...) Antigamente dizia-se: o direito ao amor. Parece que a forma contemporânea é: o direito a todo o gozo. Essa exigência de gozo é reconhecida como legítima, legal” (MELMAN, 2019, YouTube). Melman prossegue dizendo que houve uma equalização das coisas; tudo é colocado no mesmo nível:

⁴⁷ Remetemos o leitor às construções teóricas de Freud, a partir de 1920, visto que foi a partir desse período que o psicanalista organizou o que é conhecido como 2ª tópica.

tudo no nível de conceder gozo; não há hierarquia. O que nos leva a questionar sobre a sexualidade nos dias atuais, visto que, na construção da psicanálise, sexualidade e amor estão relacionados. Ainda em Melman, temos que:

A sexualidade é um gozo equivalente a todos os outros possíveis. Depois do gozo privilegiado, do gozo supremo, o que Freud punha no topo da hierarquia do gozo, tornando-o, eu diria, o padrão de todos os outros. De jeito nenhum: tornou-se um gozo como o de beber, comer, ir ao cinema, ao esporte, conversar, fazer amor, tudo isso em um nível de equalização que faz com que a sexualidade, para os nossos jovens não seja mais esse privilégio, esse prêmio, esse caráter separado das outras satisfações, que é mais adequado (MELMAN, 2019, YouTube).

Recorremos a uma colocação de Freud que se encontra no texto de 1912⁴⁸, visto que nossa proposta é apresentar e discutir o campo amoroso pela ótica da obra freudiana, inclusive no que concerne à contemporaneidade:

Para se intensificar a libido, se requer um obstáculo; e onde as resistências à satisfação não foram suficientes, o homem sempre ergueu outros, convencionais, a fim de poder gozar o amor. Isto se aplica tanto ao indivíduo como às nações. Nas épocas em que não havia dificuldades que impedisse a satisfação sexual, como, talvez, durante o declínio das antigas civilizações, o amor torna-se sem valor e a vida, vazia; eram necessárias poderosas formações reativas para restaurar os valores afetivos indispensáveis. (FREUD, [1912]/1996, v. 11, p.193).

Essa citação nos mostra claramente a percepção de Freud, apesar de o psicanalista ter se referido a civilizações antigas, sua observação encontra ressonância na sociedade contemporânea. Há mais de 100 anos ele sinalizara que em épocas em que se tinha uma maior liberdade em relação aos impulsos sexuais, essa época também seria marcada pela desvalorização do amor. Sua colocação não se referiu à questão propriamente do capitalismo, mas sim a momentos em que não há obstáculos aos impulsos sexuais e, como sabemos, o momento a que nos referimos tem essa característica.

Anos mais tarde, o psicanalista Jacques Lacan (1971/72)⁴⁹ também faz uma afirmação que ratifica essa percepção freudiana. No entanto, Lacan é mais direto no que concerne à questão do capitalismo de consumo, até mesmo por estar inserido numa época marcada por esse traço.

Considerando a linha de raciocínio que seguimos aqui, a saber – que a sociedade contemporânea, marcada pelo capitalismo de consumo, tornou tudo objeto atribuindo um

⁴⁸ Contribuições à Psicologia do amor II (Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor) Vol. 11.

⁴⁹ Lacan, em seu livro “O saber do psicanalista” de 1972 trata acerca das consequências do discurso capitalista. O autor coloca que: “O que distingue o discurso do capitalista é a Verwerfung, a rejeição; a rejeição fora de todos os campos do simbólico com aquilo que eu já disse que tem como consequência a rejeição de que? Da castração. Toda ordem, todo discurso aparentado ao capitalismo deixa de lado o que chamaremos, simplesmente, as coisas do amor, meus bons amigos. Vocês veem isso, hein, não é pouca coisa”. (LACAN, 1972, p.49).

valor monetário – podemos dizer que, no que se refere à sexualidade, o processo é análogo. Retomando o pensamento de Melman, “a sexualidade é um gozo equivalente a todos os outros possíveis (MELMAN, 2019, YouTube).

Se, na época de Freud, tínhamos uma dinâmica psíquica organizada pela repressão dos impulsos sexuais e, em decorrência, uma prevalência das neuroses clássicas; hoje, como nos aponta Melman, temos uma dinâmica psíquica perversa, pautada pelo imperativo de gozo⁵⁰, o que o autor nomeia de uma Nova Economia Psíquica. E, é nesse contexto, marcado por essa dinâmica de perversidade que nos aventuramos discorrer sobre o campo amoroso. Vale frisar que trata-se de uma dinâmica psíquica perversa e não de uma perversão, enquanto estrutura, generalizada.

Sem a pretensão de discorrer acerca da perversão e considerando não ser necessário para esse trabalho, salientamos apenas que, em se tratando da psicanálise freudiana, a sexualidade perversa foi estudada, assim como a neurose, pensando acerca do desenvolvimento da sexualidade infantil, e Freud construiu a teorização das perversões colocando que essa não conhece nem a *proibição do incesto*, nem o *recalque* e a *sublimação*, ou seja, o sujeito não conhece a barreira que restringirá seus impulsos sexuais, tendo assim uma relação direta com o objeto (objeto de puro gozo). Consideraremos essas 3 características citadas acima para tratar do tema, mas tomaremos como um afrouxamento desses pontos e não como inexistência, visto que não estamos falando da perversão enquanto estrutura.

Um afrouxamento do *recalque* possibilita uma menor barreira aos impulsos sexuais, sendo que esses são atendidos sem muita resistência. O *recalque* dos impulsos sexuais e a ação do *Superego* é o que contém a ação do indivíduo, visto que a ação individual é um empecilho ao processo civilizatório, como Freud descreveu. Também possibilitaria a relação direta do sujeito com o objeto, o que vemos na contemporaneidade.

Como vimos em Freud, no texto “As pulsões e seus destinos” de 1915, a *sublimação* é um dos destinos possíveis das pulsões sexuais e, diga-se de passagem, fundamental para a realização de objetivos (sem fins sexuais) que favorecem o desenvolvimento da civilização; tem também relação direta com o amor, visto que a libido é investida em relações que não têm fim sexual direto (relações de trabalho, amizade, admiração, etc). Nas palavras de Freud temos que “A sublimação é um processo que diz respeito à libido objetual e consiste no fato de

⁵⁰ Não discutiremos acerca das causas que levaram a essa nova configuração psíquica, visto que seria inviável nesse trabalho. A psicanálise realiza uma vasta discussão a esse respeito. Apontam o declínio da autoridade paterna como um fator relevante nessa questão. Para compreensão da complexidade do que é discutido, indicamos que o leitor, que tenha interesse na discussão, pesquise textos da psicanálise lacaniana e autores contemporâneos que versam sobre o assunto.

o instinto se dirigir no sentido de uma finalidade diferente e afastada da finalidade da satisfação sexual” (FREUD, [1914c]/1996, v.14, p.101). Uma diminuição, um enfraquecimento, do que é conhecido como *sublimação* coloca em risco todos os avanços culturais decorrentes desse processo. Considerando que nessa nova economia psíquica, que carrega em si traços de uma perversidade, há um empobrecimento desse destino pulsional, podemos considerar então que o processo de desenvolvimento civilizatório tem uma certa tendência a atrofiar-se, assim como as relações amorosas sem fins sexuais direto, considerando a configuração capitalista vigente.

Essa configuração capitalista que descrevemos aqui, marcada pelo hiperconsumo e por um enfraquecimento dos laços com o outro, traz consigo uma mentalidade de “sociedade não repressiva”, provocando assim importantes modificações ideológicas. Essa nova forma de organização que dita o funcionamento do social acarretou mudanças nos modos de investimentos libidinais.

Retomemos o que Melman nos indica: que a cultura na época de Freud era fundada no recalque das moções pulsionais; e que agora temos uma cultura fundada no imperativo de gozo. A luta travada nessa época é na direção da ampliação do consumo, provocando assim uma nova mentalidade nos sujeitos. Uma mentalidade que leva-o a crer na necessidade de um consumo desenfreado; na crença de uma vida ditada por prazer, bem como, no uso do outro como objeto de puro gozo.

A regra de “consumir” incessantemente direciona a forma de se enlaçar com o outro e a dinâmica psíquica de cada sujeito.

Se, na época do capitalismo de produção um sujeito adaptado era aquele que conseguia conciliar as exigências pulsionais com as exigências da civilização, hoje esse sujeito é aquele que consome sem restrição alguma. E certamente paga-se um preço por isso.

Há uma incitação ao gozo, que é colocado como uma obrigação. O gozo passou a ser um conceito imprescindível para compreender a dinâmica da economia libidinal contemporânea. É preciso gozar sempre. Para o funcionamento do capitalismo global, isso funciona perfeitamente, visto que alcança a maximização do lucro fisingando o sujeito, diariamente, na crença de satisfação plena por meio de novos objetos. O sujeito crê que, a cada novo objeto que adquire, terá acesso ao gozo absoluto. O dinheiro (enquanto moeda de troca na sociedade de consumo) mascara a incompletude humana. Como dissemos: não há lugar para a falta.

O contexto social contemporâneo é marcado por uma grande dificuldade em suportar a falta e saber o que se deseja. Como discutimos: o amor é uma tentativa de responder ao

desejo. Ferreira (2004) coloca: o homem inventou o amor para lidar com uma falta radical; para suportar a angústia dessa falta. Temos um contexto em que não há lugar para a falta; um contexto em que o outro é um mero objeto a ser descartado quando já não é mais satisfatório; um contexto, como Freud e Lacan apontaram, que afasta das coisas relacionadas ao amor.

Verificamos então que, baseados nos autores aqui estudados e, sustentados pela leitura freudiana do fenômeno amoroso, a lógica capitalista dificulta a vivência das coisas relacionadas ao amor.

Outro ponto importante que devemos salientar é acerca do narcisismo. Vimos em Freud, mais precisamente no texto “Introdução ao narcisismo” que: o conflito gerado entre os interesses morais e culturais com os conflitos individuais é o que leva à repressão dos impulsos sexuais; possibilita a saída da libido do Eu em direção aos objetos, ou seja, possibilita que o sujeito ame.

Considerando o momento e as características da sociedade contemporânea, percebemos uma redução entre esse conflito, visto que a norma/lei já não encontra respaldo no social, pois essa seria um empecilho para o consumo desenfreado; dito de outra maneira, como apontou Melman, a lei da sociedade contemporânea é a lei do gozo, e não mais a lei da repressão, da negação dos desejos.

Em se tratando de investimento libidinal, o Eu é o primeiro investimento e, ao passar pela experiência de castração e ser confrontado com as exigências do social, é que o Eu “abre mão” de parte de seu narcisismo e destina essa parte da libido em direção a objetos externos.

Com o enfraquecimento dessa exigência e uma resposta “perversa” à castração, podemos questionar: há uma tendência, em se tratando de libido, em não se desligar do Eu e se direcionar aos objetos? Não estamos dizendo que não há libido objetual, mas sim que há um estreitamento desse campo. Haveria uma tendência em não investir no mundo externo, o que, em termos de economia libidinal, acarretaria uma inflação do Eu?

Tomando a questão levantada de que há uma nova economia psíquica marcada por uma lógica perversa, podemos considerar então que a libido objetual seria bastante reduzida nesse contexto e, em decorrência, um aumento da libido do Eu. Outro ponto que acarretaria essa inflação do Eu pode ser considerado em relação à frustração. Hoje tem-se que o sujeito apresenta uma maior dificuldade em lidar com a frustração, o que leva-nos a supor também que: um investimento amoroso frustrado acarretaria a retirada da libido dos objetos e seu retorno ao Eu. Essa dificuldade em lidar com a frustração poderia prejudicar um novo investimento objetual?

A economia libidinal é estudada, nos termos freudianos, partindo de uma ideia de proporcionalidade inversa entre a libido do Eu e a libido objetal – quanto mais uma aumenta a outra diminui – compreendemos então que, essa possível diminuição de libido objetal (tanto pelo fato de um afrouxamento da barreira do recalque, quanto pela intolerância à frustração) acarretaria essa inflação da libido do Eu. A dificuldade em lidar com a castração, em aceitá-la, explicaria essa inflação do Eu, visto que em decorrência os sujeitos teriam dificuldade, ou menor predisposição, a distanciar do narcisismo e destinar parte da libido a objetos externos.

Se considerarmos essa redução da libido objetal, podemos supor então que haverá uma redução do amor, visto que é possível falar de amor, conforme as construções freudianas, no que concerne à libido objetal. Tanto o amor narcísico, quanto o amor anaclítico e o amor transferencial, estão relacionados à escolha de objeto (libido objetal), dessa maneira, ao ter uma redução do investimento objetal, haveria uma redução no campo do amor. Novamente frisamos que não estamos falando de uma inexistência, mas sim de uma diminuição. Essa nova economia psíquica, perversa, como descreveu Melman (2014), implicaria então em uma nova economia psíquica do amor?

O investimento objetal é mediado pela presença do outro. A sociedade, marcada pelo capitalismo de consumo, instiga que o outro seja colocado no lugar de “apenas mais um objeto dentre tantos que estão à disposição” do sujeito para causar-lhe satisfação. Como apontamos nesse trabalho, o outro é visto como um objeto qualquer. Ao colocar um valor monetário no outro (semelhante), o valor afetivo desse diminui.

O momento social ao qual estamos inseridos em muito difere de outros tempos. Certamente a subjetividade, daqueles que estão inscritos a esse momento, também terá importantes modificações, assim como, todas as experiências afetivas. Nesse sentido, Melman (2008) ressalta:

Estamos no exato ponto do abandono de uma cultura, ligada à religião, que obriga os sujeitos ao recalque dos desejos e à neurose, para nos dirigir a outra em que se propagandeia o direito à expressão livre de todos os desejos e à plena satisfação deles. Uma mutação tão radical traz consigo uma desvalorização rápida dos valores que a tradição moral e política transmitiam (Melman, 2008, p. 107).

Podemos estabelecer uma analogia e dizer que haverá também a desvalorização do amor nessa sociedade que preconiza a satisfação plena de seus desejos. Nossa pretensão, em nenhum momento, foi encontrar respostas definitivas em relação às questões aqui tratadas. Apenas discorrer sobre algumas observações acerca do amor na época contemporânea, baseados na leitura freudiana desse fenômeno. Nessa linha de raciocínio que escolhemos, e utilizando o que Freud (1914) salientou “que é preciso amar para não adoecer”, podemos nos

questionar então se estamos diante de uma sociedade doente, visto que afasta as coisas do amor.

Cabe dizer ainda que, ao longo dos estudos percebemos que o amor é sempre uma aposta e que está relacionado a consentir com uma perda (seja do narcisismo, das idealizações, etc) e, ao que nos parece, o sujeito do contemporâneo não está disposto a perder, nem a investir sem a certeza de um ganho certo e considerável. O objeto é facilmente descartado e/ou substituído.

5 CONCLUSÃO

Iniciamos esse trabalho com uma questão que norteou todo o nosso percurso: quais as nuances do campo amoroso na psicanálise freudiana? Após todo o percurso teórico realizado, tanto nas construções teóricas de Freud, bem como em pesquisadores que estudam acerca da contemporaneidade, foi possível concluir que, o campo do amor é complexo e carrega em si muitas especificidades que devem ser consideradas.

De forma contundente, Freud se debruçou na tarefa de trazer o fenômeno amoroso para o campo do saber e estudá-lo. Ao realizar tal feito, Freud promoveu o que chamamos de “subversão” no campo do amor, pois esse, até então, não era tido como objeto de saber.

Esse estudo do fenômeno amoroso teve início nos primeiros atendimentos clínicos realizados por Freud. Ao se deparar com a histeria e perceber que seus sintomas estavam relacionados à sexualidade, Freud se empreendeu para demonstrar que a sexualidade estava pautada em algo pulsional, e a pulsão está presente desde o nascimento, no entanto não está baseada na biologia do corpo. Freud demonstra que a sexualidade surge a partir das trocas que o sujeito estabelece com o mundo.

Outro ponto que recolhemos de nossos estudos foi acerca da relação entre sexualidade e amor nos constructos de Freud. Ao percorrer os relatos de casos clínicos realizados por Freud, nos deparamos com duas questões: a primeira é em relação ao caráter indissociável entre sexualidade e amor; e a segunda é que, para Freud, todo amor é um amor de repetição. O que nos encaminhou na empreitada de discorrer acerca de qual repetição se trata. Guiados por Freud, realizamos tratativas acerca da *Transferência*, que é uma modalidade de amor na psicanálise freudiana, e sobre a sexualidade infantil.

A repetição então, à qual o amor estará submetido, se refere à tentativa de reeditar o amor vivido na primeira infância. Disso recolhemos que as primeiras relações (criança/pais) é fundamental para a escolha objetual amorosa da vida adulta, sendo que, é a barreira do incesto que possibilita ao sujeito investir nos objetos externos. A barreira que é colocada aos impulsos sexuais promove uma importante operação: a de direcionar o desejo movimentando o sujeito em direção a objetos, que, no nível da fantasia, preencherá a falta estrutural. São objetos que carregam a marca do objeto perdido na infância. Concluímos então, a partir dos estudos de Freud, que é preciso perder para poder amar.

Para responder a essa questão dos investimentos em objetos externos é que buscamos desenvolver o segundo capítulo dessa dissertação. Para tratarmos de duas modalidades de amor na psicanálise (amor anaclítico e narcísico) percorremos os textos freudianos sobre a

teorização da libido. Vimos que uma importante colocação de Freud é que “o que comumente se chama de amor é denominado de libido” (1916). Exploramos o conceito de pulsão, visto que nos anos iniciais da obra freudiana, *libido* era a energia dos impulsos sexuais e que se opunha ao *interesse* (energia dos impulsos de autoconservação). O conceito de libido foi sendo tecido junto com a evolução da teoria pulsional.

Ao realizar esse percurso, recolhemos que a sexualidade, na psicanálise, vai muito além do objetivo de reprodução e perpetuação da espécie; é uma sexualidade pulsional. O que nos encaminhou para discutir o percurso da libido no desenvolvimento psicosexual. Esse desenvolvimento não acontece de forma linear: Freud nos alerta que nesse caminho que a libido percorre pode haver momentos de inércias, regressões e fixações. A libido sempre tem relação com a sexualidade, ainda que sua ação possa, inicialmente, apresentar um aspecto distante dos objetivos sexuais diretos. O que leva ao fato de que o amor sempre terá relação com a sexualidade também. Essa observação foi fundamental para o trabalho, visto que pudemos compreender que a manifestação amorosa pode se apresentar nas mais diversas relações e não somente naquelas atreladas ao objetivo sexual direto, visto que amar é investir libido.

Ao tratar do termo „narcisismo“, observamos que uma nova oposição surge, visto que o Eu passa a ser objeto de investimento libidinal. Essa oposição está em relação à libido do Eu e a libido objetal. O narcisismo é uma fase intermediária entre o autoerotismo e o amor objetal, e recebe investimento libidinal. Ao desenvolver a ideia de que o sujeito sempre carregará traços do narcisismo infantil, pudemos concluir que todas as modalidades amorosas carregarão o narcisismo em seu núcleo. Freud utiliza uma leitura quantitativa para tratar dessa nova oposição: quanto mais libido do ego, menos libido objetal.

Já de posse do fato de que o amor, para Freud, é um amor de repetição de uma relação infantil, ao estudar o desenvolvimento da teoria libidinal recolhemos que: “é preciso amar para não adoecer” (1914). O amor então é associado à libido objetal, sendo que as escolhas podem ser realizadas a partir do tipo anaclítico ou narcisista.

Essas duas formas de amar, são concebidas por Freud, como não complementares, ou seja, há uma dissimetria na relação amorosa. Freud justifica que, em uma relação, um amará a partir da escolha anaclítica e o outro a partir da escolha narcísica. Um ocupa a posição de amante, enquanto o outro de amado: escancarado a incompletude estrutural. O que nos leva a concluir que: apesar do amor ser um enfrentamento ao adoecimento, portanto indispensável à vida humana, ele não sutura a falta que é estrutural.

Podemos concluir ainda que o amor, por buscar reviver a experiência infantil, é marcado por uma nostalgia; e busca, fantasiosamente, encontrar um objeto que preencha a falta primordial. Não é porque o amor fracassa na tentativa de encontrar o objeto perdido que poderíamos pensar então que o amor é desnecessário, pelo contrário, amor é enfrentamento ao adoecimento, como Freud ressaltou diversas vezes.

Optamos por realizar uma discussão da libido a partir do aspecto econômico. Essa elegia aconteceu pelo fato de que escolhemos apresentar uma discussão da economia psíquica do amor na contemporaneidade, sendo que essa é marcada por um capitalismo de consumo. Discussão essa que é pautada na leitura freudiana.

Ao realizar tal tarefa, já no início das discussões observamos que, apesar da libido ser tratada no aspecto quantitativo, a mesma não era é enumerável, ou seja, não é possível determinar exatamente um valor numérico para a libido. Outra conclusão a que chegamos foi a de que não há equivalência entre os dois tipos de libido.

Vimos que o desenvolvimento da civilização, na época de Freud, impunha restrições aos impulsos sexuais, o que acarretava a uma predominante forma de adoecimento na época, levando Freud a concluir que cada época padece de um tipo de adoecimento.

A partir desse obstáculo aos impulsos sexuais é que haverá um deslocamento da libido do Eu em direção aos objetos externos ao Eu, ou seja, haverá investimento no outro. Sendo a organização social um fator tão relevante na dinâmica psíquica e nos investimentos libidinais a serem realizados, é que, por meio de autores do contemporâneo buscamos descrever características do sujeito dos dias atuais, visto que a sociedade contemporânea difere da sociedade do início do século XX.

Pudemos perceber uma aproximação entre a visão de autores do campo da sociologia e autores da psicanálise. Dessa maneira, verificamos que o sujeito contemporâneo, onde há uma preponderância do capitalismo de consumo, é um sujeito marcado pelo imperativo de gozo, pelo consumo desenfreado, pela intolerância à frustração, bem como pela degradação e desvalorização dos laços afetivos.

Nesse contexto que nos questionamos acerca do amor. Ao fazer isso constatamos que esse se apresenta com características de uma degradação, de uma fragilidade nos laços, marcado por uma desvalorização do outro. Todavia notamos também que os sujeitos anseiam viver experiências exitosas no amor.

Ao pensarmos na experiência amorosa na contemporaneidade, sob a ótica da psicanálise freudiana, nos questionamos se há uma inflação da libido egóica nos dias de hoje, considerando a nova economia psíquica marcada pela perversidade, e em decorrência disso

um esvaziamento da libido objetal, conseqüentemente, um contexto social desfavorável aos vínculos amorosos e, podemos dizer ainda, uma sociedade doente, considerando o que Freud nos apontou em 1914: “é preciso amar para não adoecer”.

Logramos êxito em pensar nessa redução da libido objetal na contemporaneidade, visto que o sujeito contemporâneo é marcado pela perversidade, carregando assim marcas de um desconhecimento em relação à *proibição do incesto*, nem o *recalque* e a *sublimação*, como descreve Melman (2014).

Dessa maneira podemos dizer que o sujeito contemporâneo é marcado por um narcisismo exacerbado, no entanto, precisamos ressaltar que, alguns questionamentos levantados não foram possíveis de serem respondidos, revelando um caráter de abertura desse trabalho.

Por fim, após termos percorrido a construção freudiana acerca do campo amoroso, e termos nos aventurado a pensar esse campo na contemporaneidade a partir dessa ótica, verificamos o caráter atemporal⁵¹ das construções freudianas no que concerne ao tema estudado, apesar desse não ser o objetivo principal do trabalho.

Frisamos ainda que essa pesquisa não teve o objetivo de encontrar respostas, mas buscamos explorar o campo amoroso a partir da ótica freudiana. Após esse percurso, encerramos o terceiro capítulo com inúmeros questionamentos, o que é compreensível quando se aventura a realizar pesquisas. Encontramos algumas respostas, mas, muitas vezes, quando nos aventuramos no campo da ciência, somos inundados por novas questões.

⁵¹ Ao dizermos que a obra freudiana revelou esse “caráter atemporal” estamos fazendo referência ao fato de que as observações e construções de Freud ultrapassaram sua época, ou seja, seus escritos, há século, nos ajudam a explicar e entender o momento atual no que se refere ao tema estudado.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, M. F. P.; OLIVEIRA, M. L. O. O cinismo como metáfora da cultura. In: **Revista Subjetividades**, Fortaleza, 16(2): 83-93, Agosto de 2016.
- BARATTO, Geselda. Genealogia do conceito de transferência na obra de Freud. In: **Estilos da Clínica**, 2010, Vol. 15, nº 1, 228-247.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BAUMAN, Z. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BIRMAN, J. **Gramáticas do erotismo**: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- BIRMAN, J. Sexualidade e narcisismo nos arquivos da psicanálise: o Édipo em questão. In: BIRMAN, J.; FULGÊNCIO, L.; KUPERMANN, D.; CUNHA, E.L. (orgs.). **Amar a si mesmo e amar o Outro**: narcisismo e sexualidade na psicanálise contemporânea. São Paulo: Zagodoni, 2016.
- BIRMAN, J. Sexualidade na contemporaneidade. In: **Caderno de psicanálise (CPRJ)**. Rio de Janeiro, v. 40, n 38, p. 137-159, jan./jul. 2018.
- BRITTON, R. (2011). *Anna O.: primeiro caso, revisitado e revisado*. In: http://srvd.grupoa.com.br/uploads/imagensExtra/legado/P/PERELBERG_Rosine_J/Freud_Uma_Liete_ratura_Atual/Liberado/Cap_01.pdf. Acessado em 23/02/19.
- DIDI-HUBERMAN, G. **A invenção da histeria**: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Mar/Contraponto, 2015.
- ELIA, L. (2000). Psicanálise: clínica e pesquisa. In: Alberti, S. & Elia, L. (Org.). **Clínica e pesquisa em psicanálise**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos. p. 19-35.
- FERENHOF, H. A.; FERNANDES, R. F. Desmistificando a revisão de literatura como base para redação científica: método SSF. In: DUARTE, Evandro Jair. et al. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, SC: v. 21, n. 3, p. 550-563, ago./nov., 2016. Disponível em <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1194>>. Acesso em: 18 set. 2017.
- FERREIRA, N. P. **A teoria do amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- FREUD, S. Estudos Sobre a Histeria. Considerações Teóricas(1893). In: **Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.2.
- FREUD, S. Primeiras publicações psicanalíticas: A etiologia da histeria (1896). In: **Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.3.
- FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos (1900).. In: **Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.4.

FREUD, S. Fragmentos da análise de um caso de histeria (1905a). In: **Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.7.

FREUD, S. Três ensaios sobre Teoria da Sexualidade (1905b). In: **Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.7.

FREUD, S. Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen (1906/1907). In: **Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.9.

FREUD, S. A Concepção Psicanalítica da Perturbação Psicogênica da Visão (1910a). In: **Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.11.

FREUD, S. Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância (1910b). In: **Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.11.

FREUD, S. Psicanálise silvestre (1910c). In: **Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.11.

FREUD, S. Contribuições à psicologia do amor I. (1910d). In: **Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.11.

FREUD, S. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides) (1911). In: **Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 12.

FREUD, S. A dinâmica da transferência (1912a). In: **Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.12.

FREUD, S. Tipos de desencadeamento na neurose (1912b). In: **Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.11.

FREUD, S. Contribuições à psicologia do amor II (1912c). In: **Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.11.

FREUD, S. Totem e Tabu (1913). In: **Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 13.

FREUD, S. A História do Movimento Psicanalítico (1914a). In: **Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.14

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise II) (1914b).. In: **Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.12.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914c). In: **Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.14.

FREUD, S. Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise III) (1915a). In: **Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.12.

FREUD, S. As pulsões e seus destinos (1915b). In: **As pulsões e seus destinos**: edição bilingue. Tradução: TAVARES, Pedro Heliodoro. (Obras Incompletas de Sigmund Freud). Belo Horizonte: Autêntica, 2017. v.2.

FREUD, S. Conferência XXVI: A teoria da libido e o narcisismo (1915-1917). In: **Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.19.

FREUD, S. Luto e Melancolia [1917/1915]. In: **Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.14.

FREUD, S. Sobre a transitoriedade (1916). In: **Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.14.

FREUD, S. Conferência XXVII: Transferência (1916-1917a). In: **Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.16.

FREUD, S. Conferência XXI: O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais (1916-17b). In: **Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.16.

FREUD, S. Além do princípio de prazer (1920). In: **Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.18.

FREUD, S. Psicologia de grupo e análise do ego (1921). In: **Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.18.

FREUD, S. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade (1923). In: **Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.19.

FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In: **Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.19.

FREUD, S. (1925). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). In: **Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.19.

Freud, S. (1930). O mal estar na civilização. In: **Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.21.

IANINI, G.; TAVARES, Pedro H. **As pulsões e seus destinos**: edição bilíngue. Tradução: TAVARES, Pedro Heliodoro. (Obras Incompletas de Sigmund Freud). Belo Horizonte: Autêntica, 2017. v.2.

KUPERMANN, D. Revisitando “Freud, 1914: o ano que não terminou”. In: BIRMAN, J.; FULGÊNCIO, L.; KUPERMANN, D.; CUNHA, E.L. (orgs.). **Amar a si mesmo e amar o Outro**: narcisismo e sexualidade na psicanálise contemporânea. São Paulo: Zagodoni, 2016.

KUSS, Ana S. S. **Amor, desejo e psicanálise**. Curitiba: Juruá, 2015.

LACAN, J. **O saber do psicanalista**. Paris, 1972. Versão não autorizada. Xerocopiada.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. **Vocabulaire de la Psychanalyse**. 6 ed. Paris: Presses Universitaires France, 1978.

LEMOES, P. P. F. Amplificação do discurso capitalista no sujeito e nos laços sociais digitais. In: **Psicanálise & Barroco em revista**, v.14, n1: jul.2016

LIPOVETSKY, G.; CHARLES, S. **Os Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LIPOVETSKY, G. (1983). **A era do vazio**: Ensaio sobre o individualismo Contemporâneo. Lisboa: Relógio D'Água Editores Lda, 2005.

LOPES, A. J. Breve introdução a uma história da libido: Poetas latinos, Santo Agostinho e Freud (via Foucault). In: **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte-MG, n. 35. p. 23–40, Julho/2011.

MACÊDO, K. B. O desamparo do indivíduo na modernidade. In: **Ecos - estudos contemporâneos da subjetividade**, vol. 2, n1. P. 94-107, 2012.

MAIA, M. S. Extremos da alma - Clínica, experiência subjetiva e campo de afetação. In: **Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial**, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/download/3b_Maia_34010903_port.pdf. Acesso em Dez. 2019.

MARCOS, C. A pesquisa em psicanálise e a Linha de Pesquisa Processos Psicossociais do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Psicologia da PUC-Minas. In: Neto, Fuad K. Moreira, Jacqueline O. (organizadores). **Pesquisa em psicanálise: transmissão na universidade**. Barbacena MG : Ed UEMG, 179p, 2010.

MEZÊNIO, M. S. Metodologia e Pesquisa em Psicanálise: uma questão. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v.10, n.15, p.104-113, jun, 2004.

MELMAN, C. **Psicanálise contemporânea: Charles Melman e a nova economia psíquica**. Disponível em Youtube. Acesso em Dez. 2019.

NASIO, J.D. **A histeria**: teoria clínica e psicanalítica. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro. Zahar, 1991.

NASIO, J.D. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro. Zahar, 2007.

PAZ, B. C. **Freud e o amor: do ideal ao impossível – um diálogo entre psicanálise e romantismo**. Dissertação (Mestrado) UFRJ/IP/ Programa de pós-graduação em Teoria psicanalítica. Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2009.

QUINET, A. **Um olhar a mais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

QUINET, A. **A lição de Charcot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed, 2005.

SOLER, C. **O que Lacan dizia das Mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.